

OS QUINHENTOS MILHÕES DA BEGUN

JÚLIO VERNE

Edição de

Anastasiya Basova

Dalila Santos

Maria Inês Bico

Patrícia Fitas

Sofia Rodrigues

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa

2016

1

ÍNDICE

Nota Editorial

O livro-fonte

Normas de transcrição

Bibliografia

OS QUINHENTOS MILHÕES DA BEGUN

I. Em que Mr. Sharp aparece em scena

II. Dois collegas

III. Uma noticia

IV. Contas ao meio

V. A Cidade do Aço

VI. O poço Albrecht

VII. O Corpo Central

VIII. caverna do dragão

IX. A fuga

X. Um artigo da *Unsere Centurie*, revista
alemã

- XI. Um jantar em casa do doutor Sarrasin
- XII. O conselho
- XIII. Marcello Bruckmann ao professor
Schultze, Stahlstadt
- XIV. Ordem de combate
- XV. A bolsa de S. Francisco
- XVI. Dois francezes contra uma cidade
- XVII. Explicações a tiro
- XVIII. O miolo da noz
- XIX. Negocios de familia
- XX. Conclusão

OS REVOLTOSOS DA BOUNTY

- I. O abandono
- II. Os abandonados
- III. Os revoltosos

Imagem 1: Esta mole é Stahlstadt

Imagem 2: A bolsa de S. Francisco

NOTA EDITORIAL

Júlio Verne nasceu em Nantes, a 8 de fevereiro de 1828 e morreu em Amiens, a 24 de março de 1905. Foi considerado o pioneiro da escrita de ficção científica moderna. Entre as obras mais conhecidas estão *Voyage au Centre de la Terre* e *Le Tour de Monde en Quatre-vingt Jours*. Segundo a UNESCO, Júlio Verne é o segundo autor mais traduzido, ficando apenas atrás de Agatha Christie.

Tendo procurado seguir uma carreira de jurista em Paris, o escritor apaixonou-se pela literatura e pelo teatro. Trabalhou no Théâtre Lyrique e escreveu contos e ensaios para o periódico *Musée des Familles*. Neste mesmo período, sonhava combinar factos científicos com a ficção, o que o levou a criar um novo género de romance.

Em 1862, conheceu Pierre Jules Hetzel (fundador da editora com o mesmo nome), que, em 1863, publicou o primeiro romance de Verne: *Cinq Semaines en Balloon*. Graças ao sucesso deste primeiro livro, o escritor assinou um contrato com Hetzel, dando início a uma parceria de grande êxito e de longa duração. Foi então publicada a série *Voyages Extraordinaires*, a que pertencem mais de 50 obras.

Não sendo possível desenvolver aqui a história da publicação de Júlio Verne em Portugal, faremos apenas menção dos aspetos mais importantes para a identificação e descrição do livro-fonte.

Júlio Verne foi primeiramente editado em Portugal em 1874 pela editora Empreza das Horas Românticas de David Corazzi, segundo oficial dos serviços de correio na estação central de Lisboa. As edições portuguesas repetiram os

passos da editora francesa Hetzel, ou seja, foram também edições de luxo.

Les Cinq Cents Millions de la Bégum, título de Júlio Verne que aqui reeditamos, foi publicado em França em 1879 e traduzido para português nove anos depois, em 1888. O responsável pela tradução foi António Manuel da Cunha, que, segundo notícia em *O Século*, de 28 de novembro de 1886, desempenhava as funções de «director dos serviços de correio na estação central de Lisboa, onde David Corazzi foi 2º oficial, até à aposentação.»*

Dois anos antes da tradução, em 1886, Corazzi tinha decidido lançar uma edição mais barata das obras de Verne em português. Chamou-lhe «Grande Edição Popular das Viagens Maravilhosas aos Mundos Conhecidos e Desconhecidos», reduziu a quantidade de

* A. J. Ferreira, «Como Jules Verne...

ilustrações apenas a duas e alterou a mancha de texto de 32 para 36 linhas, além de reduzir o tamanho da letra e o espaçamento.

Após a morte de Corazzi, em 1896, a editora Horas Românticas integra a Companhia Nacional Editora. No início do século XX, a Companhia Nacional Editora dá lugar à A Editora e, nos anos 20, é criada uma associação de editores, «herdeira das Horas Românticas, da Companhia Nacional Editora e de A Editora.»**

Nos anos 30 do século XX, a obra de Júlio Verne passa a ser editada pela associação da Livraria Francisco Alves (Rio de Janeiro) e a Livraria Bertrand (Lisboa). É a esta fase da publicação das obras de Júlio Verne em Portugal que pertence o livro-fonte usado na presente reedição.

** A. J. Ferreira, *Informações...*

As características da edição, estabelecidas por Corazzi em 1886, foram mantidas, diferindo apenas a identificação das editoras no frontispício e a numeração da coleção na lombada (de 82 publicações, *Os Cinquenta Milhões da Begum* são o número 29). Foi com base nestes elementos que pudemos identificar a fase editorial a que pertence o livro-fonte.

Tal como aconteceu com outros títulos de Verne, a *Os Quinhentos Milhões da Begum* segue-se, no mesmo livro, uma segunda obra também da sua autoria. *Os Revoltosos da "Bounty"* encontra-se no final do romance titular, e tem apenas três capítulos.

A decisão de reeditar uma das obras de Júlio Verne justifica-se pela popularidade que o autor ainda tem na atualidade. Desde a inspiração para cientistas e investigadores até às múltiplas adaptações feitas para teatro, cinema ou televisão,

Júlio Verne continua a dar ao seu leitor imagens de um mundo fantástico e maravilhoso. A publicação d' *Os Quinhentos Milhões da Begun* na Bibliotrónica Portuguesa visa, portanto, dar a conhecer mais um romance do autor francês, ao mesmo tempo que introduz a tradução para língua portuguesa no leque de livrónicos disponíveis.

O livro-fonte

O livro-fonte tem 11,5x17x1cm e 224 páginas no total. É um livro de capa dura, vermelha e com uma ilustração a preto. Na contracapa, há um ornamento gráfico de configuração geométrica com a mesma cor.

O exemplar utilizado, pertencente a uma biblioteca particular, apresenta a lombada fragilizada e algumas páginas soltas. No ante-rosto, no

canto superior esquerdo, lê-se a seguinte mensagem, escrita em letra cursiva a caneta azul:

*Ofereço á minha querida tia
pelo dia do seu aniversario
natalicio com um beijo de
Parabens do seu sobrinho
Viriato 14-6-1952*

Normas de transcrição

Foram reproduzidas as seguintes características:

- a ortografia do livro-fonte, incluindo a acentuação e a alternância entre maiúsculas e minúsculas;

- os tamanhos de letra relativos do corpo do texto, e o tratamento de títulos e subtítulos;

- as gralhas;

- os itálicos, versaletes e versais;

- o tipo de marcação de parágrafo (avanço da primeira linha);

- o mesmo tipo de aspas (« »);

- todas as notas de rodapé do livro-fonte;

- as ilustrações, reproduzidas no lugar exato do texto onde ocorrem no livro-fonte.

Não se reproduziram:

- os espaçamentos entre caracteres e sinais de pontuação;
- as folhas em branco.

Foi acrescentado um índice com hiperligações, de modo a facilitar a navegação dentro do livro.

Bibliografia

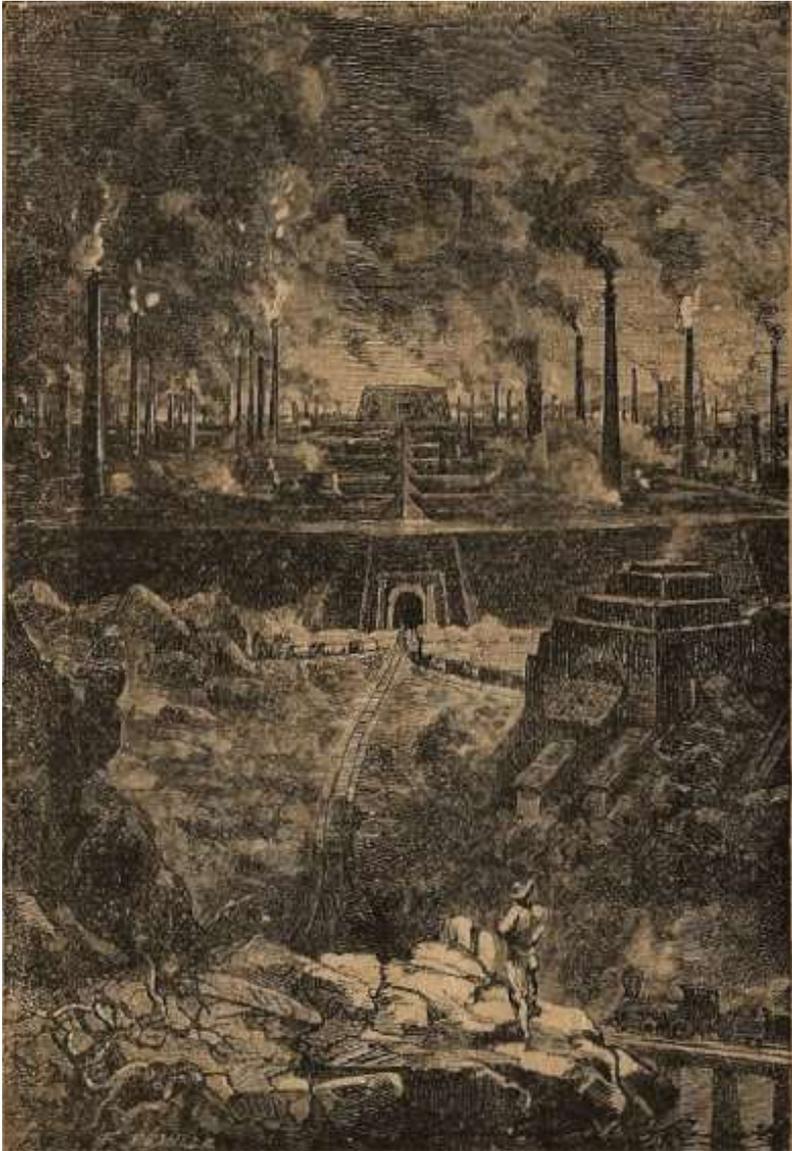
«A. M. da Cunha e Sá», em [Hemeroteca Digital](#) (visitado a 18-04-2016)

Ferreira, A.J. (julho a novembro de 1994). «Como Jules Verne conquistou Portugal», *n.º13: Informações e Estudos sobre Jornais Infantis, Literatura Popular e Histórias aos Quadrinhos*, n.º 42, 2-7; 43, 2-5; 44, 2-5; 45, 3-5; 46, 2-6.

«Hetzl Firme», [Bibliothèque Nationale de France](#), (visitado a 18-04-2016)

«Jules Verne», [Enciclopédia Britannica](#), (visitado a 18-04-2016)

«Top 50 de autores traduzidos», [Index Translationum da UNESCO](#), (visitado a 18-04-2016);



Esta mole é Stahlstadt

OS QUINHENTOS MILHÕES DA BEGUN

CAPITULO I

EM QUE MR. SHARP APPARECE EM SCENA

– Innegavelmente, estes jornaes inglezes são bem feitos! disse consigo o bom do doutor, recostando-se n'uma grande poltrona forrada de couro.

O doutor Sarrasin exercêra durante toda a vida o monologo, que é uma das fórmãs da distracção.

Era um homem de cincoenta annos, de feições delicadas, olhos vivos e puros que brilhavam através dos seus oculos de aço, physionomia ao mesmo tempo grave e amavel, um sujeito, em summa, de quem se diz á primeira vista: Excellente pessoa!

Logo pela manhã, o doutor já estava barbeado e de gravata branca, e isto sem revelar no trajó affectado apuro.

Sobre o tapete, por cima dos moveis do seu quarto de hotel, em Brighton, viam-se desdobrados o *Times*, o *Daily Telegraph* e o *Daily News*.

Eram apenas dez horas, e o doutor já tivera tempo de correr a cidade, de visitar um hospital, de voltar ao hotel e de ler nos principaes jornaes de Londres a noticia por extenso de uma memoria que elle apresentára na antevespera ao grande congresso internacional de hygiene ácerca de um *contaglobulos do sangue*, de que era inventor.

Em frente, uma bandeja coberta com uma toalha muito clara, continha uma costelletta, uma chavena de chá fumegante e algumas torradas com manteiga, as quaes as cozinheiras inglezas

preparam maravilhosamente, graças aos pãesinhos especiaes que os padeiros lhes fornecem.

– Sim, repetia, estes jornaes do Reino Unido são innegavelmente bem feitos, não se póde dizer o contrario!... O discurso do vice-presidente, a resposta do doutor Cicogna, de Napoles, os pontos desenvolvidos da minha memoria, tudo aqui foi apanhado de relance, mas com precisão, como que photographado. – Pertence a palavra ao doutor Sarrasin, de Douai. O illustre socio exprime-se em francez. «O auditorio me desculpará esta liberdade, começou elle; o auditorio de certo comprehenderá melhor a minha lingua do que eu fallaria a sua...» Cinco columnas em typo miudo!... Não sei qual dos dois extractos vale mais, o do *Times* ou do *Telegraph*... Não se póde ser mais exacto, mais preciso.

O doutor Sarrasin estava n'este ponto das suas reflexões, quando o mestre de ceremonias em pessoa, – não se podia dar titulo inferior a um sujeito tão correctamente vestido de negro – bateu á porta do aposento e perguntou se *Monsiú* recebia.

Monsiú é um tratamento geral que todos os inglezes se julgam obrigados a dar a todos os francezes indistinctamente, como tambem imaginariam faltar a todos os preceitos da civilidade se não tratassem um italiano por *signor*, e um allemão por *herr*.

E d'ahi, talvez tenham rasão.

Este costume rotineiro tem incontestavelmente a vantagem de indicar logo a nacionalidade das pessoas.

O doutor Sarrasin pegára n'um bilhete de visita que lhe tinham apresentado.

Muito admirado de receber uma visita n'um paiz onde não conhecia ninguém, ainda mais admirado ficou, quando leu sobre o quadradinho de cartão o seguinte:

«MR. SHARP, *Solicitor*,
93, Southampton, row,
LONDON.»

Sabia que um «solicitor» é o congenero inglez de um agente, ou melhor, uma creatura hybrida da lei, um intermediario entre o tabellião, o agente e o advogado, – o procurador de outros tempos.

– Que demonio de negocios posso eu ter com Mr. Sharp? perguntou o doutor a si mesmo.

Metter-me-ia eu n'algum negocio embrulhado sem saber... Está bem certo de que é para mim? tornou.

– Oh! yes, *monsiú*.

– Então, mande entrar.

O mestre de ceremonias introduziu um homem ainda moço, que o doutor, á primeira vista, classificou na familia dos «caras de defunto». Os labios delgados, ou antes, dissecados, os dentes brancos, compridos, as cavidades temporaes descabelladas, côm de pergaminho, a pelle de mumia e os olhinhos pardacentos, penetrantes, davam-lhe inconstestavel jus áquella classificação. O seu esqueleto desaparecia dos calcanhares ao occiput n'um «uslter-coat» de grandes quadrados, e na mão apertava as azelhas de um sacco de viagem de couro envernizado.

O personagem entrou, cumprimentou rapidamente, depez no chão o sacco e o chapéu, sentou-se sem pedir licença e disse:

– Guilherme Henrique Sharp Junior, socio da casa Billows, Green, Sharp e C°. É effectivamente ao doutor Sarrasin que tenho a honra...

– Sim, senhor.

– Francisco Sarrasin?

– É esse o meu nome.

– De Douai?

– Douai é a minha residencia.

– Seu pae chamava-se Izidoro Sarrasin?

– Exacto.

– Diziamos que se chamava Izidoro Sarrasin...

Mr. Sharp tirou um canhenho da algibeira, consultou-o e proseguiu:

– Izidoro Sarrasin falleceu em Paris em 1857, 6.º *arrondissement*, rua Taronne, n.º 54, hotel das Escolas, actualmente demolido.

– Effectivamente, disse o doutor, cada vez mais surprehendido. Mas fazia o favor de me explicar?

– O nome de sua mãe era Julia Langévol, continuou Mr. Sharp imperturbavel. Era natural de Bar-le-Duc, filha de Benedicto Langévol, residente no beco Loriol, fallecido em 1812, como se vê dos registos da municipalidade da dita cidade... Estes registos são uma instituição bem preciosa, senhor, bem preciosa!... é verdade!... e irmão de João Jacques Langévol, tambor-mór no 36 de infantaria...

– Confesso-lhe, interrompeu o doutor Sarrasin, maravilhado d'aquelle profundo conhecimento da sua genealogia, que me parece mais bem informado do que eu sobre certos pontos. É verdade que o nome de minha avó era Langévol, mas é só o que d'ella sei.

– Por volta de 1807, na companhia do avô do senhor doutor, João Sarrasin, com quem casára em 1799, deixou a cidade de Bar-le-Duc.

Foram estabelecer-se como funileiros em Melun e ahi permaneceram até 1811, época do fallecimento da sr.^a Sarrasin. Do casamento só havia um filho, Izidoro Sarrasin, pae do doutor. A partir d'este momento, perde-se o fio, menos na parte que diz respeito á data da morte de Izidoro Sarrasin, encontrada em Paris...

– Posso atar o fio, disse o doutor, arrastado sem querer por aquella precisão verdadeiramente mathematica. Meu avô veiu estabelecer-se em Paris, por causa da educação do filho, que se dedicava á carreira medica. Morreu em 1872, em

Palaiseau, proximo de Versailles, onde meu pae exercia a sua profissão e onde eu tambem nasci em 1822.

– O senhor é o meu homem, volveu Mr. Sharp. Nada de irmãos nem irmãs?...

– Não! Era filho unico, e minha mãe morreu dois annos depois de eu vir ao mundo... Mas finalmente, não me dirá...

Mr. Sharp levantou-se.

– Sir Bryah Jowahir Mothooranath, disse elle, proferindo estas palavras com o respeito que todo o inglez professa pelos titulos nobiliarios, congratulo-me por havel-o descoberto e ser o primeiro a apresentar-lhe as minhas homenagens!

– Este homem é doido! pensou o doutor. É frequente n'estas caras assim.

O *solicitor* leu-lhe nos olhos este diagnostico.

– Não tenho nada de doido, retorquiu com serenidade. O senhor é actualmente o unico herdeiro conhecido do titulo de *baronnet*, concedido por proposta do governador geral da provincia de Bengala a João Jacques Langévol, naturalizado subdito inglez em 1817, viuvo da

begun Gokool¹, usufructuario dos seus bens, e fallecido em 1841, deixando só um filho que morreu idiota e sem posteridade, incapaz e intestado, em 1869. A herança elevava-se, ha trinta annos, a uns cinco milhões de libras esterlinas. Ficou sob sequestro e tutela, e os juros foram capitalisados, quasi integralmente, durante a vida do filho idiota de João Jacques Langévol. Em 1870 calculava-se na conta redonda de vinte e um milhões de libras esterlinas, ou quinhentos e vinte e cinco milhões de francos. Em execução de uma sentença do tribunal de Agra, confirmada pelo de Delhi, homologada pelo conselho privado, os bens moveis e immoveis foram vendidos, realisados os valores, e o total depositado no Banco de Inglaterra. A herança sobe actualmente a quinhentos e vinte e sete milhões de francos, que

¹ Begun, titulo que dão ás princezas no Indostão.

o senhor poderá levantar com um simples cheque, logo que tiver apresentado as suas provas genealogicas no tribunal da Chancellaria, e sobre os quaes eu me offereço desde já a fazer-lhe qualquer adiantamento, seja de que quantia fôr, por intermedio de Mrs. Trollop, Smith C.^a, banqueiros.

O doutor Sarrasin estava petrificado. Ficou por um momento sem saber o que dizer. Mas, depois, assaltado por um remorso de espirito critico e não podendo acceitar como facto experimental e positivo aquelle sonho de *Mil e uma noites*, exclamou:

– Mas no fim de contas, senhor, que provas me dá d’essa historia, e como chegou a descobrir-me?

– As provas estão aqui, respondeu Mr. Sharp, batendo no sacco de couro envernizado. Quanto ao modo, como eu o achei, é elle muito

natural. Ha cinco annos que o procuro. A invenção dos collateraes ou «next of kin», como dizemos em direito inglez, para as numerosas heranças que iriam para o Estado e que todos os annos se registam nas possessões britannicas, é uma especialidade da nossa casa. Ora, precisamente, a herança da begun Gokool, exerce a nossa actividade ha um lustro inteiro. Temos dirigido as nossas investigações para todos os lados, passado em revista centenaes de familias Sarrasin sem encontrarmos a que provinha de Izidoro Sarrasin. Chegára até á convicção de que não havia outro Sarrasin em França, quando hontem pela manhã, ao ler no *Daily News* a noticia do Congresso de Hygiene, reparei que havia ali um doutor d'este nome que não me era conhecido. Recorrendo então ás minhas notas e aos milhares de apontamentos ma-

nuscriptos que temos colligido a respeito d'esta herança, verifiquei com admiração que a cidade de Douai nos escapára. Quasi certo de que estava na pista, tomei o comboio de Brighton, vi o senhor á saída do Congresso, e formei a minha convicção. O senhor é o retrato vivo do seu segundo tio Langévol, tal qual está representado n'uma photographia que possuímos d'elle, copia de uma téla do pintor indio Saranoni.

Mr. Sharp tirou da sua carteira uma photographia e passou-a ao doutor Sarrasin. Esta photographia representava um homem de estatura elevada com uma barba esplendida, turbante de pluma e vestido de brocado com bordaduras verdes, na posição especial dos retratos historicos de um general em chefe que escreve uma ordem de ataque e olha attentamente para o espectador.

No segundo plano, avistava-se o fumo de uma batalha e uma carga de cavallaria.

– Estes diversos documentos dir-lhe-hão mais do que eu lhe posso agora dizer, tornou Mr. Sharp. Deixo-lh’os e voltarei dentro de duas horas para receber as suas ordens, se isso fôr do seu agrado.

Dito isto, Mr. Sharp tirou das entranhas do seu sacco envernizado meia duzia de massos de documentos, uns impressos, outros manuscriptos, pol-os em cima da mesa, e saiu de recúo, murmurando:

– Sir Bryah Jowahir Mothooranath, tenho a honra de o cumprimentar.

Meio crente, meio duvidoso, o doutor pegou na papellada e começou a folheal-a.

Bastou-lhe um rapido exame para reconhecer que a historia era rigorosamente veridica e todas as duvidas se lhe desvaneceram.

Como hesitar, por exemplo, ante um documento passado com este titulo:

«Relatorio apresentado em 5 de janeiro de 1810 aos muito honrados lords do Conselho privado da Rainha, concernente á herança jacente da begun Gokool de Rhagginahra, provincia de Bengala.

Materia de litigio. – Trata-se n'esta causa de determinar o sujeito dos direitos de propriedade de certos mehals e de quarenta e tres mil beegales de terra de lavoura, conjuncto de diversos edifficios, palacios, officinas, aldeias, moveis, thesouros, armas, etc., provenientes da herança da begun Gokool de Rhagginahra. Dos articulados apresentados successivamente ao tribunal civil de Agra e ao supremo tribunal de Delhi, vê-se que

em 1819, a begun Gokool, viuva do rajah Luckimissur e herdeira de bens consideraveis estranhos ao casal, esposou um estrangeiro, um francez chamado João Jacques Langévol. Este estrangeiro, depois de haver servido até 1815, no exercito francez, onde tivera a patente de official inferior (tambor-mór) no 36 de infantaria, embarcou em Nantes, por occasião do licenceamento do exercito da Loire, como sobrecarga de um navio de commercio. Chegou a Calentta, dirigiu-se para o interior e depressa obteve as funcções de capitão instructor no pequeno exercito indigena que o rajah Luckimissur estava auctorizado a manter. D'este posto não tardou a subir ao de commandante em chefe, e pouco tempo depois da morte do rajah alcançou a mão da viuva. Diversas considerações de politica colonial, e importantes serviços prestados n'uma circumstancia perigosa aos europeus de Agra por João Jacques Langévol, que se fizera naturalisar

subdito britannico, levaram o governador geral da provincia de Bengala a pedir e obter para o esposo da begun o titulo de *baronnet*. A terra de Bryah Jowahir Mothooranath foi então erigida em feudo. A begun morreu em 1839, deixando o usufructo dos seus bens a Langévol, que dois annos depois a seguiu ao tumulo. Do seu casamento só havia um filho em estado de idiotismo desde creança, a quem foi logo preciso dar tutela. Os seus bens foram fielmente administrados até á sua morte, que sobreveiu em 1869. D'esta herança immensa não ha herdeiros conhecidos. Tendo o Tribunal de Agra e de Delhi ordenado a sua licitação, a requerimento do governo local que procede em nome do Estado, temos a honra de pedir aos lords do Conselho privado a confirmação d'estas sentenças, etc., etc.»

Seguiam-se as assignaturas.

Copias authenticas das sentenças de Agra e de Delhi, autos de venda, ordens para o deposito do capital no banco de Inglaterra, uma narração das pesquisas realizadas em França para o descobrimento dos herdeiros Langévol, e um masso enorme de documentos d'esta especie, não deixaram a menor duvida no espirito do doutor Sarrasin. Era elle innegavelmente o «next of kin» e successor da begun. Entre elle e os quinhentos e vinte e seis milhões depositados nos subterraneos do Banco só medeava a espessura de uma sentença, para a qual só era necessaria a simples apresentação de certidões do nascimento e obito.

Uma tal fortuna era para deslumbrar o espirito mais impassivel, e a bôca do doutor não pôde completamente subtrahirse á commoção que uma surpresa tão inesperada devia por força

causar. Não obstante, pouco durou esta commoção e apenas se manifestou n'um rapido passeio, de alguns minutos, através do quarto. Depressa se tornou senhor de si, exproboou a si proprio, como uma fraqueza, aquella febre passageira, e atirando-se para a sua poltrona, ficou durante algum tempo mergulhado em profundas reflexões.

Depois, levantou-se de repente, e poz-se outra vez a passear de um lado para o outro. Mas agora nos seus olhos brilhava um fulgor puro, indicio de um nobre e generoso pensamento que se lhe desenvolvia no espirito!

Acolheu esse pensamento, afogou-o, e adoptou-o a final.

N'este momento bateram á porta.

Era Mr. Sharp que voltava.

– Peço-lhe desculpa das minhas duvidas de ha pouco, disse-lhe affavelmente o doutor. Eis-me convencido e mil vezes seu devedor pelos incommodos que teve.

– Não me deve nada... questão de genio... é a minha profissão... redarguiu Sharp. Posso esperar que Sir Bryah me conserve a sua clientela?

– Isso escusa de se dizer. Entrego tudo ás suas mãos... Só lhe pedia que deixasse de me dar esse absurdo tratamento.

– Absurdo! um tratamento que vale vinte e um milhões de libras sterlinas! dizia a physionomia de Mr. Sharp. Mas era cortezão demasiado fino para não ceder.

– Como quizer, o senhor é quem manda, retorquiu elle. Vou tomar logar no comboio de Londres e esperar as suas ordens.

– Posso guardar estes documentos? perguntou o doutor.

– Sem duvida alguma; temos copia.

Assim que ficou só, o doutor sentou-se á sua secretária, pegou n'uma folha de papel para cartas, e depois de meditar um instante, escreveu o que se segue:

Brighton, 28 de outubro de 1871.

«Meu querido filho, uma fortuna enorme, colossal, louca, acaba de nos favorecer! Não me julgues atacado de alienação mental e lê os dois ou tres documentos impressos que junto a esta. Verás por elles muito claramente que me acho herdeiro do titulo de *baronnet* inglez, ou melhor dizendo, indio, e de um capital superior a meio milhar de francos, actualmente depositado no Banco de Inglaterra. Não duvido, meu caro Octavio, dos sentimentos com que receberás esta nova. Como eu, has de comprehender os de-

veres novos que uma tal fortuna nos impõe, e o perigo que póde fazer correr ao nosso juizo. Ha apenas uma hora que tenho conhecimento do facto, e já a apprehensão de semelhante responsabilidade apaga parte da alegria que ao pensar em ti me proporcionava a certeza adquirida. Talvez esta mudança venha a ser fatal aos nossos destinos... Modestos peões da sciencia, viviamos felizes na nossa obscuridade. Continuaremos a sel-o? Não, salvo se... Mas não me atrevo a fallar-te de uma idéa que se fixou no meu pensamento... salvo se esta mesma fortuna se tornar em nossas mãos um novo e poderoso aparelho scientifico, um prodigioso instrumento de civilização!... Outra vez fallaremos d'isto. Escreve-me, manda-me dizer depressa que impressão produz em ti esta grande noticia, e encarrega-te de a transmittir a tua mãe. Estou cer-

to de que na sua qualidade de mulher de juizo, recebel-a-ha serena e impassivel. Quanto a tua irmã, é muito nova para que similhante cousa lhe faça perder a cabeça. Demais, já tem muito juizinho, e quando por acaso comprehendesse todas as consequencias possíveis da noticia que te dou, estou convencido de que será quem menos se altere com a modificação que acaba de se operar na nossa posição. Um affectuoso aperto de mão para o Marcello. Não é alheio a nenhum dos meus projectos do futuro.

Teu pae affectuoso,

FR.SARRASIN.»

Depois de fechar esta carta n'um envelope conjunctamente com os papeis mais importantes, e de sobrescriptar tudo para Octavio Sarrasin, alum-

no na Escola Central das Artes e Manufacturas, 32, rua do Rei de Sicilia, Paris, o doutor pegou no chapéu, enfiou o sobretudo e dirigiu-se para o Congresso.

D'ali a um quarto de hora, o excellente homem já não pensava nos seus milhões.

CAPITULO II

DOIS COLLEGAS

Octavio Sarrasin, filho do doutor, não era o que propriamente se póde chamar um preguiçoso. Não era tolo, nem intelligencia superior, nem formoso nem feio, nem alto nem baixo, nem moreno nem louro. Era castanho, e em tudo filho da classe média. No collegio, obtinha geralmente um segundo premio e dois ou tres *accessits*. No bacharelado tivera a nota de soffrivel. Rejeitado a primeira vez no concurso da Escola Central, fòra admittido á segunda prova com o numero 127. Era um character indeciso, um d'esses espiritos que se contentam com uma incerteza incompleta, que se limitam ao quasi e passam na vida como a luz frouxa do luar.

Estes individuos são nas mãos do destino o mesmo que uma rolha de cortiça na crista das vagas. Conforme sopra o vento, do norte ou do sul, assim vão para o equador ou para o pólo. É o acaso que decide a sua carreira. Se o doutor Sarrasin nao alimentasse algumas illusões sobre o character do filho, talvez tivesse hesitado antes de escrever a carta que se leu; mas uma pouca de cegueira paterna é permittida aos espiritos mais lucidos.

Por fortuna no começo da sua educação, Octavio caira sob o dominio de um genio energico, cuja influencia, um pouco tyrannica, mas benefica, se lhe impozera decididamente.

No lyceu Carlos Magno, aonde o pae o mandára concluir os estudos, Octavio ligára-se intimamente com um dos seus collegas, um alsaciano, Marcello Bruckmann, mais novo do que

elle um anno, mas que depressa o subjugára com o seu vigor physico, moral e intellectual.

Marcello Bruckmann, que ficára orphão aos doze annos, herdára um pequeno rendimento que lhe chegava exactamente para pagar o collegio.

Se não fosse Octavio, que nas ferias o levava para casa da famillia, nunca teria posto pé fóra do lyceu.

D'aqui seguiu-se que a famillia do doutor Sarrasin veiu tambem a ser a do jovem alsaciano.

De indole sensivel, sob a sua frieza apparente, comprehendeu que toda a vida devia ficar pertencendo áquella boa gente que fazia para elle de pae e mãe. Por isso, chegou muito naturalmente a adorar o doutor Sarrasin, a mulher e a filha, menina formosa, mas já muito seria para a idade, tres creaturas que o tinham recebido de coração aberto.

Mas foi por obras, não por palavras, que lhes demonstrou a sua gratidão. Impoz a si proprio a agradável obrigação de fazer de Joanninha, que era affeiçãoada ao estudo, uma creatura de muito tino e de muito character, e de Octavio um filho digno do pae.

Esta ultima parte da tarefa, é mister confessar, o mancebo torno-a menos facil que a irmã, que para os annos era já superior ao irmão. Não obstante, Marcello protestára que havia de alcançar o seu duplo fim.

Marcello Bruckmann era um d'esses valentes e ajuizados campeões que a Alsacia todos os annos costuma mandar tomar parte na grande lucta parisiense. Creança, já se distinguia tanto pela rijeza e flexibilidade dos musculos como pela vivacidade da intelligencia. Por dentro era todo vontade e coragem, como por fóra era todo talhado

em angulo recto. Desde o collegio que uma imperiosa necessidade o atormentava de ser superior em tudo; tanto no gymnasio como no laboratorio de chimica. Se lhe falhava um premio na colheita annual, julgava o anno perdido. Aos vinte annos era um corpo esbelto e robusto, todo vida e acção, uma machina organica no maximo de tensão e de potencia. A sua fronte intelligente era das que attrahem a attenção dos espiritos observadores. Tendo entrado em segundo logar para a Escola Central, no mesmo anno em que entrára Octavio, resolvera saír em primeiro logar.

Depois, fôra á sua energia persistente e demasiada mesmo para dois homens, que Octavio devêra a sua admissão. Por espaço de annos, Marcello *atiçara-o*, impellira-o ao trabalho, obrigára-o em verdadeira lucta ao exito. Sentia por aquella organisação fraca e vacillante

um sentimento de piedade amigavel, semelhante ao que se póde dedicar a um cãesinho. Comprazia-se em fortalecer com o excesso da sua seiva aquella planta anemica, fazel-a fructificar junto d'elle.

A guerra de 1870 viera surprehender os dois amigos no momento em que faziam os exames. Logo no dia que se seguiu ao encerramento do curso, Marcello, cheio de uma dôr patriotica, exacerbada pela sorte que ameaçava Strasburgo e a Alsacia, fôra alistar-se no 31 de caçadores.

Octavio seguiu promptamente o exemplo.

Ao lado um do outro, ambos fizeram nas avançadas de Paris a ardua campanha do cerco.

Marcello recebêra em Champigny uma bala no braço direito, e em Buzenval uma dragona no esquerdo. Octavio não apanhára nem divisa nem ferimento. Para dizer a verdade, a culpa não fôra

sua, porque seguira sempre o amigo no fogo. Apenas se distanciava d'elle uns seis metros. Mas n'estes seis metros é que estava tudo.

Feita a paz é retomadas as occupações ordinarias, os dois estudantes foram habitar juntos os dois quartos contiguos de um modesto hotel proximo da escola.

As desgraças da França, a separação da Alsacia e de Lorena tinham dado ao character de Marcello um amadurecimento verdadeiramente viril.

– É á mocidade franceza, dizia elle, que compete reparar as culpas dos seus paes, e só pelo trabalho póde lá chegar.

Já de pé ás cinco horas, obrigava Octavio a imital-o. Arrastava-o comsigo aos cursos, e á saída não o largava um instante.

Voltavam para casa a entregar-se outra vez ao trabalho intercalando-o de quando em quando com uma cachimbada ou uma chavena de café.

Deitavam-se ás dez horas, satisfeito, senão contente, o coração, e cheio o cerebro.

De tempos a tempos uma partida de bilhar, um espectáculo bem escolhido, um concerto no conservatorio de longe em longe, uma galopada ao bosque de Verrières, um passeio á floresta, um jogo de box ou esgrima, taes eram as suas distracções.

É verdade que Octavio manifestava de quando em quando veleidades de revolta, e deitava um olhar de cobiça para distracções menos recommendaveis. Fallava em ir ver Aristide Leroux, que estudava o seu curso de direito na cervejaria S. Miguel. Mas Marcello caçoava tão rudemente d'estas phantasias, que a maior parte das vezes desistia

A 27 de Outubro de 1871, por volta das sete horas da noite, os dois amigos estavam, segundo o seu costume, sentados ao lado um do outro, á mesma mesa, sob a sombra do *abat-jour* de uma lampada commum.

Marcello entregava-se de corpo e alma a um problema, extraordinariamente interessante, de geometria descriptiva applicada ao cóрте da pedra.

Octavio procedia com religioso cuidado ao preparo, infelizmente mais importante para o seu espirito, de um litro de café. Era um dos raros objectos em que tinha vaidade de ser habil,— talvez porque lhe proporcionava quotidiano ensejo de se esquivar por alguns minutos á terrivel necessidade de alinhar equações das quaes lhe parecia que Marcello abusava um pouco. Coou pois gota a gota a sua agua a ferver através de uma camada espessa de moka em pó,

e esta serena felicidade devia satisfazê-lo. Mas a assiduidade de Marcello pesava-lhe como um remorso e sentia a irresistível necessidade de a perturbar com a sua palrice.

– Não fazíamos mal se comprássemos uma machina para café, rompeu de subito. Este filtro, tão solemne como antigo, já não está á altura da civilização.

– Pois compra! Ao menos evitará que percas todas as noites uma hora n’essa laboração de cozinha, replicou Marcello.

E deitou-se outra vez ao problema.

«Uma abobada tem por intradorso um ellipsoide de tres eixos desiguaes. Seja $A B D F$ a ellipse de origem que comprehende o eixo maximo $o A=a$, e o eixo médio $c B=b$, emquanto que o eixo minimo ($o o^1$) é vertical e igual a c , o que torna a abobada achatada...»

N'aquelle momento bateram á porta.

– Uma carta para o senhor Octavio Sarrasin, disse o creado do hotel.

Faça-se idéa se esta feliz diversão foi ou não bem acolhida pelo joven estudante.

– É de meu pae, disse Octavio, conheço a letra... Isto é que se póde chamar uma missiva, sim, senhor, acrescentou tomando e retomando ligeiramente o peso do masso de papeis.

Marcello sabia tambem que o doutor estava em Inglaterra. A sua passagem por Paris, havia oito dias, tinha sido assignalada por um jantar de Sardanapalo offerecido aos dois camaradas n'um restaurant do Palais Royal, famoso em tempos, mas que o doutor Sarrasin continuava a considerar como a ultima palavra do requinte parisiense.

– Has de me dizer se teu pae falla ahi do seu congresso de hygiene, volveu Marcello. Foi

uma boa idéa que elle teve de lá ir. Os homens de sciencia francezes propendem muito para o isolamento.

E tornou a empregar-se ao seu problema.

—... O extradorso será formado por um ellipsoide semelhante ao primeiro, tendo o centro acima de $ó$ sobre a vertical O . Depois de marcarmos os focos $F_1 F_2 F_3$, as tres ellipses principaes, traçâmos a ellipse e a hyperbole auxiliares, cujos eixos commun...

Uma exclamação de Octavio fez-lhe levantar a cabeça.

— Que temos? perguntou um pouco inquieto, por ver o amigo todo pallido.

— Lê! disse o mancebo, espantado da nova que acabava de receber.

Marcello pegou na carta, leu-a até ao fim, tornou a lel-a segunda vez, deitou um golpe de vis-

ta para os documentos impressos que o acompanhavam, e exclamou:

– É curioso!

Depois passou a encher o cachimbo e accendeu-o methodicamente.

Octavio estava suspenso dos seus labios.

– Parece-te que seja verdade. bradou-lhe com voz afogada.

– Verdade?... De certo. Teu pae é homem de muito juizo e de muita perspicacia scientifica para levianamente se convencer de uma cousa d'essas. Demais, as provas estão ahi, e, a final de tudo, isso é muito simples.

Acceso o cachimbo bem e a preceito, Marcello deitou-se outra vez ao trabalho.

Octavio permanecia de braços abertos, incapaz de acabar o café, quanto mais de ligar duas idéas logicas.

Tinha, não obstante, necessidade de falar, para se convencer de que não sonhava.

– Mas... se é verdade, é uma cousa para dar volta ao juízo. Sabes que meio milhar é uma fortuna enorme!

Marcello levantou a cabeça e fez um gesto de aprovação.

– Enorme, é o termo. Não ha uma fortuna semelhante em França, só se contam algumas assim nos Estados Unidos, apenas cinco ou seis na Inglaterra, ao todo quinze ou vinte no mundo.

– E um titulo ainda em cima! proseguiu Octavio, um titulo de baronnet! Não que eu já alguma vez o ambicionasse, mas, visto que nos cáe em casa, sempre direi que é mais elegante do que uma pessoa chamar-se simplesmente Sarrasin.

Marcello expelliu uma fumaça e não disse palavra.

A fumaça queria claramente dizer:

– Que lastima!

– Com certeza, continuou Octavio, que eu não quizera fazer como muita gente que adiciona uma particula ao seu nome, ou inventa para seu uso qualquer marquezado de acaso! Mas, senhor de um verdadeiro titulo, de um titulo authéntico, inscripto com todas as formalidades no *Peerage* da Gran-Bretanha e Irlanda, sem duvida nem confusão possivel, como se vê muitas vezes...

O cachimbo continuava a dizer:

– Que lastima!... Que lastima!...

– Meu caro amigo, não te canses, tornou Octavio com convicção. O sangue sempre é alguma cousa, como dizem os inglezes.

Calou-se de repente ao ver o olhar de mofa de Marcello. Tornou á carga com os milhões.

– Lembras-te, proseguiu, que Binôme, o nosso professor de mathematica, repetia todos os annos na sua primeira lição sobre a numeração, que quinhentos milhões é numero muito consideravel para que a capacidade da intelligencia humana podesse sequer fazer d'elle idéa justa se não tivesse á sua disposição os recursos de uma representação graphica?... Não consideras que um homem que contasse um franco por minuto ser-lhe-iam precisos mais de mil annos para pagar uma tal quantia! Ah! é devéras... singular dizer uma pessoa comsigo que é herdeira de quinhentos milhões de francos!

– Quinhentos milhões de francos! exclamou Marcello, abalado mais pela palavra do que o fôra pelo facto. Sabes o que melhor poderiam fa-

zer com elles! Dal-os á França para pagar o seu resgate! Bastava dez vezes isso!...

– Vê lá agora não suggiras similhante idéa a meu pae!... exclamou Octavio no tom de um homem assustado. Olha que é muito capaz de a seguir! Estou já vendo que elle traz na cabeça algum dos seus projectos!... Não digo que não se empreguem em papeis de credito, mas fiquemos ao menos com os juros!

– Vejo agora, retrucou Marcello, que sem o suspeitares até agora, estavas talhado para capitalista! Diz-me o intimo, meu pobre Octavio, que melhor fôra para ti, e talvez para teu pae, que é homem recto e sensato, que essa grande herança tivesse modestas proporções. Estimava mais que tivesses umas vinte mil libras de renda a repartir com tua irmã, do que essa montanha de oiro!

Deitou-se outra vez ao que estava a fazer.

Quanto a Octavio, era-lhe impossível empregar-se em qualquer cousa. Tanto se agitou pelo quarto, que o amigo, um pouco impaciente, acabou por lhe dizer:

– Era melhor ires tomar ar! Está claro que esta noite não serves para nada!

– E tens razão, acudiu Octavio, aproveitando com satisfação esta quasi licença de abandonar toda a especie de trabalho.

E agarrando no chapéu, deitou de escantilhão pela escada abaixo, e n'um instante achou-se no meio da rua.

Apenas deu dez passos, parou junto de um candieiro para tornar a ler a carta do pae.

Tinha precisão de novamente se certificar se estava bem acordado.

– Quinhentos milhões!... Quinhentos milhões!... repetia. Somma isto, pelo menos, vinte e cinco milhões de renda!... Quando meu pae só me desse um por anno, de pensão, – ou meio milhão, um quarto de milhão que fosse, ainda seria muito feliz! Fazem-se muitas cousas com dinheiro! Estou certo de que hei de empregal-o muito bem. Sou por acaso algum tolo! Não admittido na Escola Central?... E ainda em cima tenho um titulo!... Hei de saber usal-o!...

E andando, mirava-se nos espelhos de um grande estabelecimento.

– Hei de ter um palacio, cavallos!... Um dos cavallos ha de ser para Marcello. Desde o momento que eu sou rico, está claro que é como se elle tambem o fosse. Como tudo isto vem a proposito!... Quinhentos milhões!... É exquisito! agora que isto chegou, parece que já o esperava.

Alguma coisa me dizia que eu não havia de estar sempre a quebrar a cabeça sobre os livros e folhas de desenho!... Em todo o caso, sempre é um famoso sonho!...

Ruminando estas idéas, Octavio seguia as arcadas da rua Rivoli. Chegou aos Campos Elyseos, voltou a esquina da rua Royale e desembocou no boulevard. Em outros tempos, olhava com indiferença para os esplendidos mostradores, como cousas futeis e sem significação na vida. Agora, porém, parou e considerou com um impeto de alegria que todos estes thesouros lhe pertenceriam quando elle quizesse.

– É para mim, disse, que as fiandeiras da Hollanda fazem girar os seus fusos, que as manufacturas d'Elbeuf tecem os seus estofos mais flexiveis, que os relojoeiros fabricam os seus relo-

gios, que o lustre da Opera despede as suas torrentes de luz, que as rebecas guincham, que as cantoras se esganiçam! É para mim que se ensinam os cavallos de raça no fundo dos picadeiros, e que se accende o Café Inglez!... Paris pertence-me! Tudo me pertence!... Porque não hei de viajar? Porque não hei de visitar a minha baronia da India?... Posso muito bem comprar um dia um pagode, com os bonzos e os idolos de marfim ainda por cima!... Terei elephantes. Caçarei o tigre!... E as bellas armas!... E o bello bote!... Bote! pois não! um bello e excellente yacht a vapor para me conduzir aonde quizer, demorar-me e tornar a partir quando muito bem me parecer!... A proposito de vapor, estou encarregado de dar a noticia a minha mãe. Se eu partisse para Douai!... É verdade que temos a escola... ora! a escola! póde-se passar sem isso!...

Mas Marcello! É preciso prevenil-o. Vou mandar-lhe um telegramma. Ha de comprehender a pressa que eu tenho de fallar com minha mãe e minha irmã em similhantes circumstancias.

Octavio entrou n'uma estação telegraphica, preveniu o amigo de que partia e voltaria em dois dias. Em seguida chamou um trem de praça e fez-se conduzir á *gare* do Norte.

Assim que se achou no *wagon*, entregou-se de novo ao seu sonho.

Ás duas horas da noite, Octavio tocava ruidosamente á campainha da casa materna e paterna, e alvoraçava o socegado bairro das Aubettes.

– Quem estará doente? perguntavam as vizinhas de umas janellas para as outras.

– O doutor está fóra! gritou a velha creada, da sua trapeira.

– Sou eu, sou Octavio!... venha abrir, Francine!...

Depois de dois minutos de espera, Octavio conseguiu entrar em casa. Sua mãe e sua irmã Joanninha, que tinham precipitadamente descido em *robe de chambre*, esperavam a explicação d'esta visita.

A carta do doutor, que foi lida em voz alta, explicou bem depressa o mysterio.

M^{me} Sarrasin ficou por um momento deslumbrada. Beijou, a chorar de alegria, o filho e a filha. Parecia-lhe que o universo ia agora pertencer-lhes e que a desventura nunca ousaria affligir jovens que possuíam alguns centos de milhões.

As mulheres habitua-se mais depressa que os homens a estes grandes lances da sorte. M^{me} Sarrasin tornou a ler a carta do marido, disse com-

sigo que era a ella a final de contas que pertencia de decidir sobre o destino d'ella e dos filhos, e a serenidade volveu-lhe ao coração.

Quanto a Joanninha, sentia-se feliz ao presenciar a alegria da mãe e do irmão; mas a sua imaginação de treze annos não concebia mais completa ventura que a d'aquella modesta casinha onde a sua existencia docemente deslisava entre as lições dos seus mestres e as caricias dos seus paes.

Não percebia muito bem como era que alguns massos de notas de banco podiam fazer grande alteração na sua existencia, e aquella perspectiva não a perturbou um instante sequer.

Casada muito nova com um homem todo absorto nas silenciosas occupações do sabio de raça, M^{me} Sarrasin respeitava a paixão do seu marido, a quem amava ternamente sem comtudo bem o comprehender.

Incapaz de partilhar o gozo que o estudo proporcionava ao doutor Sarrasin, tinha-se algumas vezes sentido muito só ao lado d'aquelle trabalhador infatigavel, e por esta razão viera com os tempos a concentrar nos dois filhos todas as suas esperanças.

Ideára sempre para elles um futuro brilhante, na persuasão de que isso os tornaria felizes.

Octavio, não lhe restava duvida, era chamado aos mais altos destinos. Depois que elle entrára para a Escola Central, aquella modesta e util academia de jovens engenheiros transformará-se no seu espirito n'um seminario de homens illustres. O que unicamente a inquietava, era que a modestia da sua fortuna não fosse um obstaculo, ou pelo menos uma difficuldade para a carreira gloriosa do filho, e não prejudicasse mais tarde a sorte da filha. Mas agora, pela carta do marido, via

que os seus receios já não tinham rasão de ser. Por isso foi completa a sua satisfação.

A mãe e o filho passaram grande parte da noite a conversar e a formar projectos, enquanto que Joanninha, muito satisfeita com o presente, sem nenhum receio do futuro adormêcera n'uma poltrona.

Mas no momento em que M^{me} Sarrasin ia descançar alguma cousa, disse ao filho:

– Não me fallaste de Marcello! Não o fizeste sabedor da carta de teu pae! Que disse elle a tal respeito?

– Oh! respondeu Octavio, a mamã conhece Marcello! É mais que um sabio, é um estoico! Parece-me que se assustou por nosso respeito com a enormidade da herança! Digo por nosso respeito, não por causa de meu pae, cujo senso commum e criterio scientifico, dizia elle, o tran-

quilisavam. Mas, com a fortuna! pelo que respeita á mãe e á Joanninha, e principalmente por mim, não me occultou que teria preferido uma herança modesta, vinte e cinco mil libras de renda...

– Marcello talvez não deixasse de ter rasão, volveu M^{me} Sarrasin olhando para o filho. Para certos genios, uma fortuna repentina póde tornar-se n'um grande perigo!

Joanninha acabava de acordar. Ouvira as ultimas palavras da mãe.

– Sabe, mamã, exclamou esfregando os olhos e encaminhando-se para o seu pequeno quarto, sabe que me disse um dia que Marcello tinha sempre rasão? Por mim, creio tudo quanto diz o nosso amigo Marcello!

E depois de beijar a mãe, retirou-se.

CAPITULO III

UMA NOTICIA

Ao comparecer na quarta sessão do Congresso de Hygiene, teve o doutor Sarrasin occasião de observar que todos os collegas o acolhiam com mostras de extraordinario respeito.

Até então, mal se poderia dizer que o muito nobre lord Glandover, cavalleiro da Jarreteira, que tinha a presidencia nominal da assembléa, se dignára dar pela existencia individual do medico francez.

Este lord era um augusto personagem, cuja occupação consistia unicamente em declarar a sessão aberta ou fechada e dar machinalmente a palavra aos oradores inscriptos n'uma relação que collocavam diante d'elle.

Conservava habitualmente a mão direita mettida pela abertura da sua sobrecasaca abotoada, – não porque houvesse deslocado o braço com alguma quédia – mas simplesmente porque esta attitude incommoda tem sido dada pelos esculptores inglezes ao bronze de muitos homens de estado.

Uma cara sem barba e sem expressão, malhada de vermelho, uma grenha amarellada, pretenciosamente arripiada sobre a testa, que soava a ôco, completavam o typo mais comicamente grave e mais tolamente empertigado que se podia vêr.

Lord Glandover movia-se todo de uma peça, como se fosse feito de pau ou papelão. Até os proprios olhos pareciam ter nas respectivas orbitas movimentos destacados e de repelão, como os olhos das bonecas ou dos manequins.

Por ocasião das primeiras apresentações, o presidente do Congresso de Hygiene dispensára ao doutor Sarrasin um cumprimento protector e condescendente, que se poderia traduzir assim:

– Bom dia, senhor pouca cousa!... É o senhor que, para ganhar a triste vida, faz aquelles trabalhitos sobre umas machinasitas?... Na verdade que é preciso eu ter bem boa vista para aperceber uma creatura tão distante de mim na escala dos entes!... Ponha-se á sombra da minha *fidalgua*, que lhe dou licença.

Mas d'esta vez, lord Glandover dirigiu-lhe o mais gracioso dos sorrisos e levou a cortezia até lhe mostrar um logar desoccupado á sua direita.

Ao mesmo tempo todos os membros do Congresso se tinham levantado.

Bastante surprehendido com estas demonstrações de uma attenção excepcionalmente

lisonjeira, e dizendo consigo que depois de reflectirem, o conta-globulos parecêra de certo aos confrades descoberta mais importante do que á primeira vista, o doutor Sarrasin sentou-se no logar que lhe offereciam.

Mas todas as suas illusões de inventor se desfizeram, quando lord Glandover se lhe chegou ao ouvido com uma contorsão das vertebraes cervicaes tal que podia occasionar a sua senhoria um torcicollo violento, e lhe disse:

Acabo de saber que o senhor é um grande proprietario! Dizem-me que vale vinte e um milhões de libras esterlinas.

Lord Glandover parecia consternado por haver tratado por alto o equivalente em carne e osso de uma quantia tão redonda em valores amoedados.

O seu aspecto não fazia senão dizer:

– Porque não nos preveniu?... Com franqueza, não andou bem! Expor uma pessoa a semelhantes enganar!

O doutor Sarrasin, que na consciencia não julgava valer um centil mais do que nas sessões precedentes, perguntava de si para si como era que a noticia já se podia ter espalhado, quando o doutor Ovidius, de Berlim, seu vizinho da direita, lhe disse, sorrindo ao mesmo tempo com expressão falsa e vulgar:

– Está agora tão poderoso como os Rothschild!... O *Daily Telegraph* traz a noticia... Os meus cumprimentos!

E estendeu-lhe um numero do jornal, o d'aquella mesma manhã.

Trazia a seguinte noticia, cuja redacção denunciava claramente o autor:

«*Monstruosa herança.* – A famosa herança jacente da *begun* Gokool acaba finalmente de encontrar o seu legitimo herdeiro, graças ás habeis diligencias de Mrs. Billows, Green e Sharp, procuradores, em Londres, Southampton Row, n.º 94. O afortunado possuidor dos vinte e um milhões de libras esterlinas, actualmente depositados no Banco de Inglaterra, é um medico francez, o doutor Sarrasin, de quem, ha tres dias, analysámos n'este mesmo jornal a bella memoria apresentada no Congresso de Brighton. Á custa de fadiga e peripecias que por si sós davam um verdadeiro romance, Mr. Sharp conseguiu provar, sem contestação possivel, que o doutor Sarrasin é o unico descendente vivo de João Jacques Langévol, *baronnet*, marido em segundas nupcias da *begun* Gokool. Este soldado aventureiro era, segundo me parece, natural da pequena villa franceza de Bar-le-Duc. Só resta que preencher

simples formalidades, para o herdeiro tomar posse do que lhe pertence. O requerimento já foi entregue no tribunal da Chancellaria. Foi um curioso encadeamento de circunstancias que accumulou, na posse de um sabio francez, conjunctamente com um titulo britannico os thesouros amontoados por uma longa serie de rajahs indios. Poderia a fortuna ter-se mostrado menos intelligente, e devemo-nos congratular por uma tão consideravel riqueza ter caido em mãos que d'ella poderão fazer tão bom uso.»

Por um sentimento bastante singular, o doutor Sarrasin ficou contrariado de ver divulgada a noticia. Não era só pelas importunações que a sua experiencia do mundo lhe fazia prever, humilhava-o tambem a importancia que pareciam attribuir ao acontecimento. Parecia-lhe que ficava pessoalmente apoucado na proporção do enorme valor da herança.

Os seus trabalhos, o seu merito pessoal, – de que tinha o profundo sentimento, – já se achavam afogados n'aquelle oceano de prata e oiro, mesmo aos olhos dos seus proprios collegas.

Já não viam n'elle o investigador infatigavel, o talento superior e vasto, o inventor engenhoso, viam o millionario. Um papeiroso dos Alpes que elle fôsse um hottentote selvagem, um dos mais degredados specimens, em vez de um dos mais superiores representantes de humanidade, o seu valor não augmentava nem diminua por isso.

Lord Glandover proferira o termo justo; valia d'ali em diante vinte e um milhão de libras esterlinas, nem mais nem menos.

Desconsolou-o esta idéa, e o Congresso que observava, com uma curiosidade puramente scientifica, que feitio tinha um millionario, notou

com surpresa que a physionomia do sujeito se annuviava com uma especie de tristeza.

Aquillo não passou comtudo de passageira fraqueza.

A grandeza do fim a que resolvêra consagrar aquella fortuna inesperada representou-se-lhe de subito no espirito e o doutor recobrou a habitual expressão.

Esperou que acabasse a leitura que o doutor Stevenson, de Glasgow, estava fazendo sobre a *Educação das creanças idiotas*, e pediu a palavra para uma communição.

Lord Glandover concedeu-lh'a no mesmo instante, dando-lhe a preferencia sobre o doutor Ovidius. Conceder-lh'a-ía ainda que todo o Congresso a isso se oppozesse, ainda que todos os sabios da Europa unanimemente protestassem contra aquelle subterfugio do favoritismo.

Era isto o que eloquentemente dizia a entoação muito especial da voz do presidente.

– Senhores, disse o doutor Sarrasin, tencionava só mais tarde dar parte da fortuna extraordinaria que acaba de me succeder, e das felizes consequencias que um tal acaso póde ter para a sciencia. Mas, como facto se tornou publico, haveria talvez affectação em não o collocar desde já no seu verdadeiro terreno... Sim, senhores, é verdade que uma somma consideravel, uma somma de muitos milhões, actualmente depositada no Banco de Inglaterra. se prova pertencer-me legitimamente. Preciso por acaso dizer-vos que n'esta conjunctura me considero apenas como um fidei-commissario da sciencia?... (*Sensação profunda.*) Não é a mim que este capital pertence de direito, é á Humanidade, é ao Progresso!... (*Movimentos di-*

versos. Applausos unanimes. Todo o Congresso se levanta, electrizado por esta declaração.) Não me applaudaes, senhores. Não conheço um só homem de sciencia, verdadeiramente digno d'este bello nome, que não fizesse em meu logar o que eu pretendo fazer. Quem sabe se alguns não pensarão que n'esta como em muitas acções humanas, não ha mais amor proprio que dedicação?.. (*Não! Não!*) Demais, pouco importa. Olhem só aos resultados. Declaro-o pois, definitivamente e sem reserva: o meio milhar que o acaso depõe nas minhas mãos, não me pertence, pertence á sciencia! Quereis ser o parlamento que reparta este orçamento?... Não tenho nas minhas proprias luzes sufficiente confiança para pretender dispor d'elle como senhor absoluto. Faço-vos juizes, senhores, e vós mesmos resolveteis qual o melhor emprego que se

ha de dar a este thesouro?... (*Hurrahs! Profunda agitação. Delirio geral.*)

O Congresso estava de pé.

Na sua exaltação, alguns membros subiram até para cima da mesa.

O professor Turnbull, de Glasgow, parece ameaçado de apoplexia.

O doutor Cigogna, de Napoles, perdeu a respiração.

Só lord Glandover conserva a impassibilidade digna e serena, propria do cargo. Depois, está perfeitamente convencido de que o doutor Sarrasin graceja jovialmente, e de que nem por sombras faz tenção de realisar um programma tão extravagante.

– Entretanto, continuou o orador, quando apanhou um momento de silencio, se me é licito

suggerir um plano que seria facil desenvolver e aperfeiçoar, proponho o seguinte:

N'este ponto o Congresso, que já vovera ao seu sangue frio, escuta com religiosa attenção.

– Senhores, entre as causas de doença, de miseria e de morte que nos rodeiam, deve-se mencionar uma a que me parece rasoavel ligar bastante importancia. Falo das deploraveis condições hygienicas em que se acham collocados a maior parte dos homens. Agglomeram-se nas cidades, em habitações muitas vezes privadas de ar e de luz, esses dois agentes indispensaveis á vida. Estas agglomerações humanas tornam-se muitas vezes verdadeiros fócios de infecção. Os que não morrem, são pelo menos atacados na saude. Diminue a sua força productiva, e a sociedade perde por este modo grandes quantidades de trabalho, que poderiam ser appli-

cadás, aos mais preciosos usos. Porque não nos serviríamos, senhores do mais poderoso dos meios de persuasão... do exemplo? Porque não reuniremos todas as forças da nossa imaginação para traçar o plano de uma cidade modelo sobre dados rigorosamente científicos?.. (*Sim! sim! é verdade!*) Porque não consagrariamos em seguida o capital de que dispomos a edificar esta cidade, apresentando-a ao mundo como um ensino pratico?...(*Sim! Sim! – Trovoada de applauso.*)

Os membros do Congresso, possuidos de um acesso de loucura contagiosa, apertam as mãos mutuamente, lançam-se ao doutor Sarrasin, levantam-n'o ao ar, levam-n'o em triumpho em roda da sala.

– Senhores, proseguiu o doutor quando pode voltar para o seu logar, esta cidade que todos nós já contemplamos com os olhos da imaginação, que

póde dentro de alguns mezes ser uma realidade, esta cidade da saude e do bem estar, convidariamos todos os povos a vir visital-a, divulgaríamos o seu plano e a sua descrição em todas as linguas, chamariamos para ella as familias de bem a quem a pobreza e a falta de trabalho tivessem expulsado dos paizes onde a população fosse em excesso. De mesmo modo aquellas familias, – não causará por certo espanto que tambem d'ellas me lembre, – aquellas familias para quem a conquista estrangeira torna o exilio uma cruel necessidade, encontrariam entre nós o emprego da sua actividade, a applicação da sua intelligencia, e trazer-nos-iam essas riquezas moraes, mil vezes mais preciosas que as minas de oiro e diamante. Teriamos ali grandes collegios onde a mocidade, educada em sãos principios, proprios para desenvolver e equilibrar todas as faculdades mo-

raes, physicas e intellectuaes, nos daria fortes gerações para o futuro!

É mister renunciar á descripção do tumulto entusiasta que se seguiu a esta communicação.

Os applausos, os *Hurrahs!* os *hip! hip!* succederam-se por mais de um quarto de hora.

Mal o doutor tinha conseguido sentar-se inclinava-se outra vez lord Glandover para elle e murmurava-lhe ao ouvido, piscando o olho:

– Boa especulação!... Conta com o rendimento do direito da barreira, hein?... É negocio que não falha, comtanto que seja bem conduzido e patrocinado por nomes escholhidos!... Todos os convalescentes e valetudinarios hão de querer ir viver para lá!... Espero que me reserve um bom lote de terrenos; posso contar com isso, não é verdade?

O pobre doutor, offendido por esta obstinação em quererem dar ás suas acções o movel da cobiça, ia d'esta vez responder a sua senhoria, quando ouvio o vice-presidente pedir um voto de agradecimento por aclamação para o auctor da philantropica proposta que acabava de ser apresentada á assembléa.

– Seria, disse elle, a eterna honra do Congresso de Brighton que tão sublime idéa n'elle tivesse origem. Só a mais elevada intelligencia unida ao mais nobre coração e á mais rara generosidade a podia conceber. E agora que se apresentava um tal plano, quasi admirava não ter sido ainda posto em pratica.

Quantos milhões e milhões despendidos em loucas guerras, quantos capitaes dissipados em especulações ridiculas não se poderiam ter votado a um tal ensaio!

Concluindo, o orador pedia para a cidade nova, como justa homenagem ao seu fundador, o nome de «Sarrasina».

Esta moção estava já acclamada, mas foi preciso reconsiderar, a pedido do proprio doutor.

– Não, disse elle, o meu nome nada tem com isto. Guardemo-nos tambem de encabeçar na futura cidade algum d'esses nomes que, sob pretexto de derivar do grego ou do latim, dão á pessoa ou á cousa que o adoptam um tom pedantesco. A nova cidade será a do Bem Estar, mas peço que o seu nome seja o da minha patria, e que a chamemos France-Ville!

Não se podia recusar ao doutor esta satisfação que lhe era devida com toda a justiça.

France-Ville ficava d'aquelle momento em diante fundada em palavras. Graças á acta com que se ia fechar a sessão, ia tambem existir no papel.

Passou-se no mesmo instante á discussão dos artigos geraes do projecto.

Convem porém deixar o Congresso n'esta occupação pratica, tão differente das occupações ordinarias d'estas assembléas, para seguirmos passo a passo, n'um dos seus inumeraveis itinerarios, as vicissitudes porque passou a noticia inserta no *Daily Telegraph*.

Logo na noite de 29 de outubro este paragrapho, textualmente reproduzido pelos jornaes inglezes, começava a irradiar por todos os districtos do Reino Unido.

Sobresaía na *Gazeta de Hull*, figurando no alto da segunda pagina de um numero d'esta folha modesta, que a *Mary Queen*, barca carregada de carvão, levou no 1.º de novembro a Rotterdam.

Cortada immediatamente pela diligente thesoura do redactor em chefe e secretario único

do *Echo Neerlandez* e traduzida na lingua de Cuyp e de Potter, a noticia chegou, no dia 2 de novembro, nas azas do vapor, ao *Memorial de Bréme*.

Ahi, sem mudar de corpo, tomou uma nova veste e não tardou a ser impressa em allemão.

Porque foi, porém, observemos de passagem, que o noticiarista germanico, depois de escrever no alto da traducção: *Eine übergrosse Erbschaft*, não hesitou em recorrer a um mesquinho subterfugio e abusar da credulidade dos seus leitores, acrescentando entre parenthesis: *Correspondencia especial de Brighton?*

Seja como fôr, tornada assim allemã por direito de anexação, a anecdotia chegou á redacção da imponente *Gazeta do Norte*, que lhe deu um logar na segunda columna da sua terceira

pagina, contentando-se em supprimir-lhe o titulo, demasiado charlatão para tão grave personagem.

Foi depois de passar por estas vicissitudes successivas que ella deu finalmente entrada, na noite de 3 de novembro, levada pelas grossas mãos de um gordo creado de quarto saxonio, no gabinete-sala-casa de jantar do senhor professor Schultze, da Universidade de Iena.

Por muito alto que fosse um tal personagem na escala das creaturas, nada de extraordinario apresentava á primeira vista.

Era um homem de quarenta e cinco ou quarenta e seis annos, apessoado, cujos hombros quadrados indicavam uma organização robusta. Era calvo, e os poucos cabellos que conservava no occiput e nas fontes lembravam o louro tirando para côr de linho.

Tinha os olhos azues, de um azul vago que nunca denuncia o pensamento. Nenhum fulgor dardeja de olhos assim, comtudo a gente sente-se deveras incommodada quando elles nos fitam.

A bôca do doutor Schultze era grande, guarnecida de uma d'essas duplas fileiras de dentes formidaveis que nunca largam a sua preza, mas encerrados n'uns labios delgados, cujo principal destino devia consistir em contar as palavras que podessem expellir.

Todas estas feições formavam um conjuncto inquietador e desagradavel para os outros, mas com que o professor mostrava estar muito satisfeito.

Ao ruido que o creado fez, ergueu os olhos para o fogão, consultou uma bonita pendula de Barbedienne, e disse com uma voz mais formal que rude:

– Seis e cincoenta e cinco! A minha correspondencia chega ás seis e trinta, o mais tardar. Hoje traze-m'a com vinte e cinco minutos de atrazo. A primeira vez que ella não esteja em cima da minha mesa ás seis e trinta, ás oito despeço-o do meu serviço.

– O senhor, perguntou o creado antes de se retirar, quer o jantar agora?

– São seis e quarenta e cinco, e eu janto ás sete! Sabe isto ha tres semanas que está em minha casa! Fique-lhe de memoria que eu não mudo nunca uma hora e não repito nunca uma ordem.

O professor pôz o jornal em cima da mesa e continuou a escrever uma memoria que devia apparecer d'ali a dois dias nos *Annalem für Physiologie*.

Não póde haver indiscreção em asseverar que esta memoria tinha por titulo:

Por que são os francezes atacados em diferentes graus de degenerescencia hereditaria?

Emquanto o doutor continuava na sua tarefa, o jantar, composto de um grande prato de chouriço com couves, ladeado de um gigantesco copo de cerveja, havia sido discretamente servido n'um velador junto do fogão.

O professor poz a penna de banda para tomar esta refeição, que saboreou com mais complacencia do que era de esperar n'um homem tão serio.

Em seguida pediu o café, accendeu um grande cachimbo de porcelana e entregou-se novamente ao trabalho.

Era quasi meia noite quando o professor assignou a ultima folha, e passou em seguida ao seu quarto de dormir para ahi tomar um repouso bem ganho.

Foi só na cama que rasgou a cinta do jornal, e começou a lê-lo antes de adormecer.

No momento em que o somno parecia vir, um nome estrangeiro, o nome de Langévol, que figurava na noticia da herança monstro, despertou a attenção do doutor.

Debalde, porém, procurou avivar a memoria que aquelle nome lhe recordava.

Após alguns minutos applicados a esta inutil diligencia, atirou o jornal para a banda, apagou a luz e fez ouvir d'ali a nada um resonar sonoro.

Comtudo, por um phenomeno physiologico que elle mesmo estudára e explicára de uma ma-

neira muito desenvolvida, o nome de Langévol perseguia o professor Schultze até em sonhos.

Por isso, ao acordar no dia seguinte, deu comsigo a repetil-o machinalmente.

De repente, no momento em que ia consultar o relógio, perpassou-lhe pelo espirito uma especie de clarão.

Lançou mão ao jornal, que encontrou ao pé da cama e leu e releu muitas vezes de seguida, passando ao mesmo tempo a mão pela fronte para concentrar as idéas, o paragrapho que na vespera ía deixando passar despercebido.

Era claro que a luz se fazia no seu espirito, porque sem perder tempo a vestir o seu roupão de ramagens, correu ao fogão, desprendeu um retrato em miniatura pendurado junto do espelho, e voltando-o, passou a mão pelo cartão que lhe formava o reverso.

Não se enganava o professor.

Pela banda detraz do retrato lia-se este nome escripto a tinta amarellada, quasi sumida de todo pela acção de meio seculo:

Thereza Schultze eingeborene Langévol
(Thereza Schultze, da familia Langévol).

N'aquella mesma noite, o professor tomava o comboio directo de Londres.

CAPITULO IV

CONTAS AO MEIO

No dia 6 de novembro, às sete horas da manhã, Herr Schultze chegou á *gare* de Charing-Cross.

Ao meio dia, apresentava-se em Southampton-Row, numero 93, n'uma grande sala dividida em duas partes por uma balaustrada de madeira, – um lado para os escreventes, outro para o publico – mobilada com seis cadeiras, uma mesa negra, muitas pastas verdes e um dicionario das moradas.

Dois rapazes, sentados á mesa, preparavam-se para comer socegradamente o almoço de pão e queijo, almoço tradicional nas regiões infimas da chicana.

– Os senhores Billows, Green e Sharp?
perguntou o professor com a mesma voz com que pedia o jantar.

– O senhor Sharp está no seu gabinete. O nome? O negocio?

– O professor Schultze, de Iena, negocio Langévol.

O moço escrevente murmurou estas palavras no pavilhão do tubo acustico e recebeu em reposta no pavilhão da sua propria orelha uma comunicação que se podia traduzir assim:

– O demonio leve a questão Langévol! Mais algum doido que se julga com direitos!

Resposta do jovem escrevente:

É um sujeito de apparencia «respectable». Não tem cara agradavel, mas não é o typo do que veiu primeiramente.

Nova exclamação misteriosa:

– E vem da Allemanha?...

– Pelo menos é o que diz.

Através do tubo passou um suspiro.

– Mandé subir.

– Dois andares acima, porta em frente, disse em voz alta o escrevente indicando um corredor interior.

O professor meteu-se pelo corredor e achou-se diante de uma porta forrada de panno, onde o nome de Sharp sobresaía em letras negras sobre um fundo de cobre.

Este personagem estava sentado a uma grande carteira de acajú, n'um gabinete vulgar com tapete de feltro, cadeiras de couro e grandes bolsas de cartão escancaradas.

Mal se ergueu da poltrona, e segundo o costume cortez dos empregados de escriptorio, poz-se a fo-

lhear autos por espaço de cinco minutos, para se dar uns ares de muito occupado.

Finalmente, voltando-se para o professor Schultze, que se assentára ao pé d'elle, disse-lhe:

– Tenha a bondade de me dizer rapidamente o que o traz aqui. O tempo escasseia-me, e só lhe posso conceder poucos minutos.

O professor esboçou uns longes de sorriso, mostrando que bem pouco se inquietava com a natureza d'aquelle acolhimento.

– Talvez julgue conveniente conceder-me alguns minutos supplementares, disse elle, quando souber o que me conduz aqui.

– Explique-se, senhor.

– Trata-se da herança de João Jacques Langévol, de Barle-Due, e sou o neto de sua irmã mais velha, Thereza Langévol, casada em 1792 com meu avô Martinho Schultze, cirurgião do exercito

de Brunswick, fallecido em 1814. Tenho em meu poder tres cartas de meu tio escriptas a sua irmã, e muitas tradições da sua passagem por minha casa, depois da batalha de Iena, sem fallar nos documentos devidamente legalizados que estabelecem a minha filiação.

Escusado é seguir o professor Schultze nas explicações que elle deu a Sharp.

Contra os seus habitos, foi quasi prolixo.

É verdade que era o unico ponto onde se mostrava inesgotavel.

Para elle, tratava-se nada mais nem menos de demonstrar a Sharp, inglez, a necessidade de fazer predominar a raça germanica sobre todas as outras.

Se levava por diante a idéa de reclamar esta herança, era principalmente para a arrancar das

mãos francezas, que d'aquella riqueza só saberiam fazer um uso inepto!...

O que principalmente detestava no seu adversario, era a sua nacionalidade!...

Em presença de um allemão por certo não insistiria, etc., etc. Mas a idéa de que um pretendido sabio, um francez, podia empregar aquelle enorme capital em serviço das idéas francezas, fazia-o saír de si, e impunha-lhe o dever de pugnar a todo o transe pelos seus direitos.

Á primeira vista, podia não ser evidente a ligação de idéas entre esta digressão politica e a opulenta herança. Mas Sharp tinha bastante pratica de negocios para perceber a relação superior que existia entre as aspirações nacionaes da raça germanica em geral e as aspirações particulares do individuo Schultze á herança da begun.

Eram, no fundo, de ordem identica.

Demais, não havia duvida possivel. Por humilhante que pudesse ser para um professor da Universidade de Iena o ter relações de parentesco com pessoas de raça inferior, era evidente que uma avó franceza tivera o seu quinhão de responsabilidade no fabrico d'aquelle producto humano sem igual. Comtudo, este parentesco inferior n'um grau ao do doutor Sarrasin, tambem não lhe outorgava senão direitos secundarios á dita herança. O agente viu, porém, a possibilidade de os sustentar com alguma apparencia de legalidade, e n'essa possibilidade entreviu outra em vantagem de Billows, Green e Sharp, a de transformar a demanda Langévol, já boa, em uma demanda magnifica, n'uma especie de nova representação do «Jarndyce contra Jarndyce» de Dickens.

Ante os olhos do homem de lei desdobrou-se um horizonte de papel sellado, de autos, de documentos de toda a especie. Ou, o que valia ainda mais, lembrou-se de uma conciliação preparada por Mr.Sharp, no interesse dos seus dois clientes, o que renderia a elle, Sharp, quasi tanta honra como proveito.

Entretanto fez conhecer a Herr Schultz quaes os direitos de Sarrasin, ministrou-lhe as provas em apoio d'esses direitos e insinuou-lhe que se Billows, Green e Sharp se encarregassem de tirar um partido vantajoso para o professor da apparencia de direito, – apparencias, meu caro, e que, parece-me não resistiriam a um bom processo, – què lhe dava o seu parentesco com o doutor, esperava Mr. Sharp que a noção que n'um grau tão notavel todos os allemães possuiam das idéas de justiça, admittiria que Billows, Green e

Sharp adquiriam tambem n'esta occasião direitos de ordem differente, mas muito mais imperiosos, ao reconhecimento do doutor.

Este tinha bastante necessidade para não comprehender a logica do raciocinio do procurador. Tranquillisou-lhe o espirito a este respeito, mas sem se explicar muito precisamente.

Sharp pediu-lhe em muitos bons termos licença para examinar detidamente aquelle seu negocio, e acompanhou-o até á porta com grandes atenções. Já não se tratava n'aquelle momento dos taes minutos rigorosamente limitados, de que elle se dizia tão avaro!

Herr Schultze retirou-se, convencido de que não tinha direito bastante que fizesse valer a respeito da herança da begun, mas persuadido de que essa lucta entre a raça saxonia e a raça latina, além de ser uma cousa sempre meritoria, não po-

dia deixar de redundar em proveito da primeira, toda a vez que elle andasse habilmente na questão.

O mais importante agora era sondar a opinião do doutor Sarrasin. Um telegramma expedido immediatamente para Brighton, fazia por volta das cinco horas comparecer o sabio francez no gabinete do procurador. Foi com uma impassibilidade que espantou Mr. Sharp, que o doutor Sarrasin ouviu o que se passava.

Ás primeiras palavras de Sharp, o doutor declarou com toda a lealdade que effectivamente se lembrava de ter ouvido fallar tradicionalmente na sua familia, de uma tia creada por uma senhora rica e titular, com a qual havia emigrado, e parece casára na Allemanha.

Entretanto dizia não saber ao certo o nome e o grau de parentesco da tal tia.

Sharp recorria já aos seus apontamentos, cuidadosamente catalogados dentro de bolsas de cartão, apontamentos que mostrou com toda a complacencia ao doutor.

Havia ali, – Sharp não o occultou, – base para processo, e os processos d'aquelle genero podem facilmente levar muito tempo. Na verdade, não havia obrigação de confessar á parte contraria áquella tradição de familia que o doutor acabava, levado da sua sinceridade, de confessar ao seu procurador... Mas existiam aquellas cartas de João Jacques Langévol a sua irmã, das quaes Herr Schultze falára e que eram uma presumpção em seu favor. Presumpção fraca na verdade, falta de todo o character legal, mas em todo o caso uma presumpção...

Era de crer que outras provas fossem desenterradas dos archivos municipaes.

Talvez que a parte contraria, na falta de documentos authenticos, não duvidasse adduzir quasquer documentos imaginarios.

Tudo se devia prever! Quem sabe se novas investigações não attribuiriam áquella Thereza Langévol, subitamente saída do seio da terra, e aos seus representantes actuaes direitos superiores aos do doutor Sarrasin?... Em todos os casos, largas chicanas, longas verificações, solução longinqua!...

Eram consideraveis de ambas as partes as probabilidades de ganho.

Facilmente se formaria de um e outro lado uma companhia em commandita para adiantar as despesas do processo e esgotar todas as tricas judiciaes.

Um processo celebre do mesmo genero estivera durante oitenta e tres annos consecutivos

no tribunal da Chancellaria, e só terminára por falta de fundos. Juros e capital tudo se consumira!

Pesquisas, commissões, transportes, processos, tudo levaria um tempo infinito.

D'ali a dez annos podia ainda estar indecisa a questão e o meio milhão ainda a dormir no Banco...

O doutor Sarrasin escutava aquelle aranzel e perguntava a si mesmo quando é que elle teria fim.

Embora não acceitasse como um evangelho tudo o que ouvia, invadia-lhe a alma uma especie de desanimo.

Como o viajante debruçado na prôa do navio vê o porto aonde julgava aportar afastar-se, depois tornar-se menos distincto e a final desaparecer, dizia comsigo que podia muito bem succeder que aquella fortuna, ainda ha pouco tão proxima e de

um emprego tão a proposito, acabasse por passar ao estado gazoso e se desvanecesse!

– Emfim, que fazer? perguntava elle ao *solicitor*.

Que fazer?... Hun!... Isso é que era difficil determinar e mais difficil ainda realisar.

Mas em summa tudo se podia arranjar. Elle, Sharp, tinha d’isso a certeza. A justiça ingleza era uma excellente justiça, – um pouco lenta. talvez, – sim, decididamente um pouco lenta, *pede claudo*...hun!... hun!... mas, por isso mesmo mais segura!... Inquestionavelmente o doutor Sarrasin não podia deixar dentro de alguns annos de entrar na posse d’aquella herança, dado o caso... hun!... hun!... dado o caso de serem bastantes os seus titulos!...

O doutor saiu do gabinete de Southampton-row fortemente abalado na sua confiança e convencido de que, ou teria de ir emprender uma serie de interminaveis processos, ou de renunciar ao seu sonho.

Ao lembrar-se então do seu bello projecto philanthropico, não podia subtrahir-se a um sentimento de pezar.

Entretanto, Sharp escrevia ao professor Schultze, que lhe deixára a sua morada.

Annunciou-lhe que o doutor Sarrasin nunca ouvira fallar de nenhuma Thereza de Langévol, contesta formalmente a existencia de um ramo allemão da familia, e nega-se a toda a transacção.

Só restava ao professor, caso julgasse os seus direitos bem fundados, o intentar demanda. Mr. Sharp, que não andava n'aquelle negocio senão com um absoluto desinteresse, uma verdadeira cu-

riosidade de amator, não tinha com certeza idéas de o dissuadir d'aquillo.

O que podia desejar um procurador, senão um processo, dez processos, trinta annos de processos, como aquella causa promettia? Sharp, sob o ponto de vista pessoal, estava satisfeitissimo com isso. Senão receiasse fazer ao professor Schultze um offercimento suspeito, teria levado o desinteresse ao ponto de lhe indicar um dos seus collegas, a quem o professor podesse encarregar de lhe cuidar dos seus interesses...

E na verdade a escolha era uma questão de importancia!... Os aventureiros e os bandidos pullulavam n'ella!... Com vergonha o affirmava!...

– Se o doutor francez quizesse entrar n'um accordo, quanto custaria isso? perguntou o professor.

Homem prudente, as palavras não o podiam estontear.

Homem pratico, ia direito ao seu fim, sem perder tempo pelo caminho!

Sharp ficou um pouco desnordeado com aquella maneira de proceder.

Observou a Herr Schultze que os negocios não caminhavam tão depressa, que não se podia prever o fim, quando apenas se estava no começo; que para trazer o doutor Sarrasin a um accordo convinha dilatar um pouco as cousas, afim de não lhe dar a conhecer que elle Schultze estava disposto a uma transação.

– Senhor, concluiu elle, deixe-me proceder como entendo, confie em mim, que respondo por tudo.

– Tambem eu, replicou Schultze, mas gostava de saber por onde me havia de regular.

Comtudo, d'esta vez não poude ainda tirar de Sharp a quantia em que este avaliava o reconhecimento anonymo, e a tal respeito teve de lhe deixar carta branca.

Quando o doutor Sarrasin, chamado logo no dia seguinte por Sharp, perguntou com tranquillidade se tinha algumas noticias sérias a dar-lhe, o *solicitor*, inquieto perante aquella mesma tranquillidade, informou-o de que um exame serio o convencêra de que o melhor seria talvez cortar o mal pela raiz e propôr uma transacção áquelle novo pretendente.

Era um conselho, como o doutor havia de admittir, bastante desinteressado, e que bem poucos dariam no logar de Sharp. Mas elle fazia questão de amor proprio na liquidação rapida d'aquelle negocio, ao qual considerava com olhos quasi paternaes.

O doutor Sarrasin escutava aquelles conselhos e achava-os relativamente acertados.

Habituára-se por tal fórma, havia alguns dias, á idéa de realizar immediatamente o seu sonho scientifico, que tudo subordinava áquelle projecto.

Esperar dez annos, um anno que fôsse, para o poder executar, seria com certeza para elle uma cruel decepção.

Pouco familiarizado com as questões legaes e financeiras, mas sem se deixar engodar com as bonitas palavras de mestre Sharp, teria cedido de bom grado os direitos por uma boa quantia paga de prompto, que o habilitasse a passar da theoria á pratica.

Por isso, deu tambem carta branca ao *solicitor*, e retirou-se.

Sharp alcançára o que pretendia.

É verdade que outro qualquer teria, no seu lugar, cedido á tentação de encetar e prolongar uma chicana destinada a ser para a sua agencia uma boa renda vitalicia.

Mas Sharp não era d'esses sujeitos que fazem especulações a longos prazos. Via ao seu alcance o meio facil de realizar de uma vez boa colheita, e resolveu aproveitá-lo.

No dia seguinte escreveu ao doutor, dando-lhe a entender que Herr Schultze não se opporia talvez a uma combinação.

Em novas visitas feitas por elle, quer ao doutor Sarrasin, quer a Herr Schultze, dizia alternadamente, ora um ora a outro, que a parte contraria nada queria ouvir, e que ainda por cima se tratava de um terceiro candidato attrahido pelo cheiro...

Durou oito dias este jogo.

Pela manhã corriam as cousas bem, e á tarde levantava-se subitamente uma objecção imprevista que tudo transtornava. Para o bom doutor não havia senão ciladas, hesitações, fluctuações..

Mr. Sharp não se podia resolver a tirar o anzol, tal era o seu receio de que no ultimo momento o peixe não se debatesse e quebrasse a corda.

Era, porém, superflua tanta precaução.

Logo ao primeiro dia, como elle dissera, o doutor Sarrasin que queria, antes de tudo, livrar-se dos incommodos de um processo, estava disposto a um accordo.

Quando finalmente Sharp julgou chegado, segundo a expressão celebre, o momento psychologico, ou que, na sua linguagem menos nobre, o seu cliente estava *em ponto*, desmascarou

de repente as baterias e propôz uma transacção immediata.

Apresentava-se um homem beneficente, o banqueiro Stilbing, que se offerencia para partir a contenda ao meio, contando a cada um duzentos e cincoenta milhões e só tomar para si, a titulo de commissão, o excedente, isto é, vinte e sete milhões. O doutor Sarrasin teria de boa vontade abraçado Sharp quando elle lhe veiu apresentar esta proposta, que a final ainda lhe parecia soberba.

Estava prompto a assignar, não pedia outra cousa senão assignar, e ainda em cima teria de boa vontade votado estatuas de oiro ao banqueiro Stilbing, ao agente Sharp, a todo o alto pessoal bancario e a toda a chicana do Reino Unido.

Estavam lavrados os termos, convocadas as testemunhas, promptas a funcionar as machinas de Sommerset House.

Herr Schultze rendêra-se. Mettido entre a espada e a parede pelo dito Sharp, com susto reconhecêra que se houvesse dado com adversario menos facil de transigir que o doutor Sarrasin, teria perdido o seu tempo.

Concluiu-se rapidamente o negocio. Em virtude de um mandado formal, e de um acceite firmado pelas partes, cada um dos herdeiros recebeu um cheque de cem mil libras sterlinas, pagavel á vista, conjunctamente com promessa de um ajuste de contas definitivo, logo que se preenchessem as formalidades legaes.

Assim se ultimou, para a maior gloria da superioridade anglo-saxonia, aquelle assombroso negocio.

Affirma-se que n'aquella mesma tarde, jantando em Cobden Club com o seu amigo Stilbing, Mr.Sharp bebeu um copo de *champagne* á saude do doutor Sarrasin, outro copo á do professor Schultze e, deixou escapar, ao beber o resto da garrafa, esta exclamação indiscreta:

– *Hurrah!Rule Britannia...* Por ora, só nós!...

A verdade era que o banqueiro Stilbing considerava o seu conviva como um pobre homem, que deixára ir por vinte e sete milhões um negocio de cincoenta, e no intimo o professor pensava da mesma maneira, desde o momento, em que elle Herr Schultze, se via na necessidade de acceitar todo o accordo que houvessem por bem de lhe impôr.

E o que é que não se podia fazer com um homem como o doutor Sarrasin, um celta leviano, inconstante, e, com toda a certeza, visionario!

O professor ouvira fallar do projecto do seu rival de fundar uma cidade franceza nas condições de hygiene moral e physica proprias para desenvolver todas as qualidades da raça e formar gerações fortes e validas.

Esta empreza afigurava-se-lhe absurda, e na sua opinião devia falhar, como sendo opposta á lei do progresso que decretava a dissolução da raça latina, a sua sujeição á raça anglo-saxonia, e no futuro a sua desaparicação absoluta da face do globo.

Não obstante estes resultados podiam-se por algum tempo evitar, se o programma do doutor tivesse um começo de realisação.

Cumpria portanto a todo o saxão, no interesse da ordem geral, e em obediencia a uma lei inevitavel, aniquilar, se lhe fosse possivel, uma tão louca empreza.

E nas circunstancias que se apresentavam, era claro que elle, Schultze, M.D. «privat docent» de chimica na Universidade de Iena, conhecido pelos seus numerosos trabalhos comparativos sobre as differentes raças humanas, – trabalhos em que se provava que a raça germanica devia absorvel-as todas, – era claro que se achava particularmente designado pela grande força constantemente creadora e destruidora da natureza, para annullar aquelles pygmeus que ousavam rebellar-se contra ellas.

De toda a eternidade fôra determinado que Thereza Langévol esposaria Martinho Schultze, e que um dia as duas nacionalidades, achando-se em presença uma da outra na pessoa do doutor francez e do professor allemão, este esmagaria aquelle.

Já estava de posse da metade da fortuna do doutor, isto é, do instrumento que precisava.

Demais, este projecto era puramente secundario para Herr Schultze; era apenas mais um, além de outros muito mais vastos, que elle formava para a destruição de todos os povos que recusassem fundir-se com o povo germanico e reunir-se ao Vaterland.

Entretanto, querendo conhecer a fundo, – dado o caso que tivessem um fundo, – os planos do doutor Sarrasin, de quem já se arvorára em implacavel inimigo, fez-se admittir no Congresso internacional de Hygiene e assistiu ás sessões.

Foi ao sair de uma d'estas sessões que alguns membros, entre os quaes se achava o proprio doutor Sarrasin, ouviram esta declaração: que ao mesmo tempo que se fundasse France-Ville se edi-

ficaria uma cidade forte que não deixaria subsistir aquelle formigueiro absurdo e anormal.

– Espero, acrescentou elle, que as experiencias que fizemos sobre ella servirão de exemplo ao mundo!

Por muito amor que tivesse pela humanidade o bom doutor Sarrasin, não precisava de aprender que nem todos os seus semelhantes mereciam o nome de philanthropos.

Tomou cautelosamente nota d'estas palavras do seu adversario, entendendo, como homem sensato, que nenhuma ameaça se devia desprezar.

Tempos depois, escrevendo a Marcello para o convidar a prestar-lhe auxilio na sua empreza, contou-lhe este incidente e fez-lhe um retrato de Herr Schultze, que persuadio o joven alsaciano de que o bom doutor teria n'aquelle homem um temivel adversario.

E como o doutor acrescentasse:

– Havemos de precisar de homens fortes e energicos, de sabios muito activos, não sómente para edificarmos, mas tambem para nos defendermos.

Marcello respondeu-lhe:

– Ainda que não possa immediatamente levar-lhe o meu auxilio para a fundação da cidade, conte porém commigo. Não perderei um só dia de vista esse Herr Schultze, que tão bem me pinta. A minha qualidade de alsaciano confere-me o direito de me occupar dos seus negocios. De longe ou perto, conte com a minha dedicação. Se por acaso, o que não é crível, estiver alguns mezes, ou mesmo alguns annos sem ouvir fallar de mim, não lhe dê cuidado. De perto ou longe, só terei um pensamento, trabalhar para o senhor, e por conseguinte para a França.

CAPITULO V

A CIDADE DO AÇO

Mudaram os tempos e os logares.

Ha cinco annos que a herança da begun está na posse dos dois herdeiros, e a scena transportou-se para os Estados Unidos, ao sul de Oregon, a dez leguas de distancia do litoral do Pacifico.

N'este ponto estende-se um districto ainda vago, mal delimitado entre as duas potencias limitrophes, e que constitue uma especie de Suissa americana.

Uma Suissa effectivamente, se apenas se considera o aspecto das cousas, os picos abruptos que se erguem para o céu, os valles profundos se-

parados por extensas cordilheiras, a apparencia grandiosa e selvagem de todas as paizagens vistas a vôo de passaro.

Mas esta falsa Suissa, como a Suissa europêa, não se entrega ás industrias pacificas do pastor, do guia e do hospedeiro. Não passa de uma decoração alpestre, de uma crusta de rochedos, de terra e de pinheiros seculares collocada sobre uma grande mole de ferro e de hulha.

Se o viajante, parando n'estas solidões, se põe a escutar os rumores da natureza, não ouve, como nos desvios do Oberland, o murmurio harmonioso da vida quebrando o alto silencio da montanha.

Pelo contrario distingue ao longe as pancadas surdas do martello mechanico e debaixo dos pés as detonações abafadas da polvora.

Parece que o solo contém o mecanismo da caixa de um theatro que estes immensos rochedos

soam a ôco e que podem de um momento para o outro sumir-se em profundezas mysteriosas.

As estradas, macadamisadas a cinza e a coke, enroscam-se pelas faldas das montanhas.

Sob as montarias de hervas amarelladas, bulham como os olhos do basilisco, os fragmentos amontoados da escoria, matisados com todas as côres do prisma.

De distancia em distancia, um velho poço de mina abandonado, derruido pela acção das chuvas, infamado pelas silvas, escancára a bôca, abysmo sem fundo, semelhante á cratera de um vulcão.

O ar está carregado de fumo e pesa sobre a terra como manto sombrio.

Nenhuma ave o atravessa, os proprios insectos parecem evital-o, e de memoria de homem não se viu ali uma borboleta.

Falsa Suissa! No seu limite norte, no ponto onde os contrafortes veem morrer na planície, começa a estender-se, entre duas aridas cordilheiras, o deserto, a que se chamava até 1871 o *deserto vermelho*, em rasão da côr do solo, todo impregnado de oxydos de ferro, e que se chama agora Stahfield, o *campo de aço*.

Imagine-se uma lomba de seis leguas quadradas, de solo areiento, semeado de seixos, desolado e árido como o leito de algum antigo mar interior.

Para animar esta charneca, para lhe dar movimento e vida, a natureza nada fizera; mas o homem desenvolveu de subito uma energia e um vigor sem iguaes.

Sobre a planície nua e pedregosa, no espaço de cinco annos, teem surgido cinco aldeias de ope-

rarios, formadas de pequenas casas de madeira uniformes e pardacentas, que foram trazidas de Chicago, completas e já armadas, e dão abrigo a uma numerosa população de rudes trabalhadores.

É no centro d'estas aldeias, no sopé mesmo das Coals-Butts, montanhas inexgotaveis de carvão de pedra, que se eleva uma estranha, collossal e sombria mole, uma aglomeração de edificios regulares, guarnecidos de janellas symetricas, cobertos de telhados vermelhos, encimados por uma floresta de chaminés cylindricas, e que golfam por estas mil bôcas continuas torrentes de vapores fuliginosos.

O céu está sempre velado por um negrume, sulcado a instantes de relampagos vermelhos.

O vento traz um longinquo ribombo, semelhante ao do trovão ou ao de um mar tempestuoso, porém mais regular e mais grave.

Esta mole é Stahlstadt, a Cidade de Aço, a cidade alemã, a propriedade pessoal de Herr Schultze, o ex-professor de chimica de Iena, o qual, graças aos milhões da begun, se tornára o maior operario em ferro, e especialmente, o maior fundidor de canhões nos dois mundos.

Com effeito, Herr Schultze funde-os de todas as fórmias e calibres, de alma liza e raios, de culatra movel e de culatra fixa, para a Russia e para a Turquia, para a Roumania e para o Japão, para a Italia e para a China, mas principalmente para a Allemanha.

Grças ao poder de um capital enorme, um estabelecimento monstro, uma verdadeira cidade, que é ao mesmo tempo uma officina modelo, surgiu da terra como ao toque de uma varinha de condão.

Trinta mil operarios, na maior parte allemães de origem, vieram em seguida agrupar-se em volta d'ella e formar-lhe os arrabaldes.

Em poucos mezes, os seus productos, graças á sua esmagadora superioridade, obtiveram celebridade universal.

O professor Schultze extrahe o minerio de ferro e a hulha das suas proprias minas.

Ali mesmo transforma aquelles materiaes em aço fundido; ali mesmo faz peças de artilheria.

Chega a realisar, elle, o que nenhum dos seus concorrentes consegue.

Em França obteem-se barras de aço de quarenta mil kilogrammas.

Em Inglaterra fabricou-se um canhão de ferro forjado de cem toneladas.

Em Essen, M. Krupp chegou a fundir barras de aço de quinhentos mil kilogrammas.

Herr Schultze não conhece limites. Encomendem-lhe um canhão de um peso qualquer, e de um alcance seja qual fôr, apromptará esse canhão, brilhante como um soldo novo, no praso convencionado.

Mas, com a bréca, paga-se! Parece que os duzentos e cincoenta milhões de 1871 só serviram para despertar-lhe o appetite.

Na industria da fundição de artilheira, como em todas as cousas, todos são fortes quando podem o que os mais não podem. E depois, não só as peças de Herr Schultze attingem dimensões sem precedentes, mas, se são susceptiveis de se deteriorar, nunca rebentam.

O aço de Stahlstadt parece ter propriedades especiaes. A este respeito correm lendas de ligas mysteriosas, de segredos chimicos.

Em todo o caso, o que é certo é que ninguém conhece a explicação d'aquillo.

E o que é certo também é que o segredo, seja qual fôr, é guardado em Shahlstadt com uma especie de ciúme.

N'este canto afastado da America septentrional, rodeado de desertos, isolado do mundo por uma trincheira de montanhas, situado a quinhentas milhas das pequenas agglomerações humanas mais proximas, debalde se procuraria um vestigio da liberdade que fundou o poderio da republica dos Estados Unidos.

Ao chegardes ás muralhas de Stahlstadt, não procureis transpôr algumas das portas macissas que cortam de distancia em distancia a linha dos fossos e das fortificações. As mais severas ordens vos impedirão o ingresso. É preciso descer a um dos arrabaldes.

Não entrareis na Cidade de Aço sem terdes a formula magica, o santo e senha, ou pelo menos uma auctorisação, devidamente sellada, assignada e rubricada.

Certo joven operario que chegava a Stahlstadt, uma manhã de novembro, sem duvida possuia uma auctorisação, porque depois de deixar na hospedaria uma pequena mala de couro já muito usada, dirigiu-se a pé para a porta mais proxima da aldeia.

Era um mocetão de barba côr de castanha, trajando negligentemente á moda dos peões americanos, uma camisola larga, uma camisa de lá sem collarinho e calções de velludo, mettidos em grandes botas.

Trazia um chapéu de feltro puxado para os olhos, como para occultar melhor a cara que trazia

enferruscada, e caminhava com vigoroso desembaraço, assobiando baixinho.

Chegando ao postigo, apresentou ao chefe do posto um papel impresso e foi logo admittido.

– A sua ordem traz o endereço do contramestre Selligman. secção K, rua IX, officina 743, disse o subalterno. Não tem mais que seguir a estrada da circumvallação, para a direita, até á balisa K, e apresentar-se ao porteiro... Sabe o regulamento? Expulso, se entrar em outro sector que não seja o seu, acrescentou no momento em que o operario recémchegado se afastava.

O operario metteu-se pelo caminho da circumvallação, no sentido que lhe fôra indicado.

Á sua direita abria-se um fosso, sobre o alto do qual passeavam varias sentinellas.

Á esquerda, entre a larga estrada circular e a massa dos edificios, delineava-se, primeiro, a li-

nha dupla de um caminho de ferro circular; depois, elevava-se uma segunda muralha, semelhante á muralha exterior, o que indicava a configuração da Cidade de Aço.

Essa configuração era a de uma circumferencia, cujos sectores, delimitados entre si por uma linha fortificada, estavam perfeitamente independentes uns dos outros, apesar de cingidos por uma muralha e um fosso communs.

O mancebo chegou depressa á balisa K, collocada á beira do caminho, em frente de uma porta monumental encimada pela mesma letra esculpida em pedra, e apresentou-se ao porteiro.

D'esta vez, em logar de ter de se entender com um soldado, achava-se em presença de um invalido, com perna de pau e peito coberto de medalhas.

O invalido examinou o papel, visou-o com uma nova marca e disse:

– Sempre em frente. Nona rua á esquerda.

O mancebo transpôz este segunda linha fortificada e achou-se finalmente no sector K.

De cada lado alinhavam-se em angulo recto fileiras de construcções uniformes.

Ensurdecia o ruido das machinas.

Os edificios escuros, em que se abriam milhares de janellas, mais pareciam monstros vivos que cousas inertes.

Mas de certo que o recémchegado já estava farto de presenciar aquelle espectaculo, porque não lhe prestou a menor attenção.

No espaço de cinco minutos encontrou a rua IX, a officina 743, e chegou a um pequeno escriptorio cheio de cartões e de registos, onde se viu em presença do contramestre Seligman.

O contramestre pegou na folha, revestida com todos os seus vistos, verificou-a, e levantando os olhos para o joven operario, perguntou-lhe:

– Contratado como *puddleur*... Parece muito moço.

– A idade não faz ao caso, respondeu o moço. Tenho quasi vinte e seis annos, e já trabalho por este officio ha sete mezes... Se tem n'isso interesse, posso mostrar-lhe attestados á vista dos quaes fui contratado em Nova York pelo chefe do pessoal.

O operario fallava allemão com alguma facilidade, mas com uma ligeira pronuncia que pareceu despertar a desconfiança do contramestre.

– É da Alsacia? perguntou-lhe.

– Não, sou suiso... de Schaffause. Veja, aqui tem os meus papeis que estão em fórma.

E puxou de uma carteira de couro, e mostrou ao contramestre um passeporte, um livrinho e varios attestados.

– Está bom. Afinal, vossê está contratado e só me cumpre designar-lhe o seu logar, retorquiu Seligman, tranquillizado ante aquella apresentação de documentos officiaes.

Escreveu n'um registro o nome de Johann Schwartz, que copiou da folha do contrato, entregou ao mancebo um bilhete azul com o seu nome e o numero 51:958, e acrescentou em seguida:

– Deve apresentar-se na porta K todas as manhãs ás sete horas, mostrar este bilhete que lhe permittirá transpôr o recinto exterior, tirar do armario do cubiculo um signal de presença com o seu numero de matricula e mostrar-m'o á chegada.

Às sete horas da tarde, deita-o no receptaculo collocado á porta da officina, e que só a essa hora está aberto.

– Conheço o systema... Póde-se residir no recinto? perguntou Shwartz.

– Não. Tem de procurar accomodação no exterior, mas póde comer na taverna da officina por um preço muito moderado. Ao principio o seu salario é de um dollar por dia. Augmenta um vigesimo por trimestre... A expulsão é o unico castigo. É sentenciado por mim em primeira instancia, e em appellação pelo engenheiro, por qualquer infracção do regulamento... Começa hoje a trabalhar?

– Porque não?

– Só fará meio dia, observou o contramestre ao mesmo tempo que o guiava para uma galeria interior.

Seguiram ambos um grande corredor, atravessaram um pateo e entraram n'uma vasta quadra, parecida, tanto nas dimensões como na disposição da sua armação ligeira, com uma *gare* de primeira ordem.

Ao medil-a de um relance, Schwartz não pôde reprimir um movimento de admiração profissional.

De cada lado da quadra, uma fileira de enormes columnas cylindricas, semelhantes em diametro e altura ás de S.Pedro em Roma, elevavam-se do solo e atravessavam a abobada de vidro.

Eram as chaminés de outros tantos fornos de *puddler*², construidos de pedra e cal na base de cada columna.

² Puddler, transformar o ferro em aço.

Cada fileira contava cinquenta.

A todo o momento, a uma das extremidades, comboios de wagons carregados de barras de metal fundido, vinham, puxados por locomotivas, alimentar os fornos.

Na outra extremidade, comboios de wagons vazios recebiam e levavam o metal transformado em aço.

A operação de *puddlage* tem por fim effectuar a metamorphose.

Turmas de cyclopes meio nús, armados de um grande gancho de ferro, entregavam-se a essa operação.

As barras de metal fundido, lançadas n'um forno, revestido de escorias, eram ali levadas a uma alta temperatura.

Para obter ferro, começar-se-ía a revolver a fundição logo que se tornasse em massa. Para ob-

ter aço, este carburo de ferro, tão approximado e ao mesmo tempo tão distincto pelas suas propriedades do seu congénere, esperava-se que a massa fundida ficasse fluída e tinha-se o cuidado de manter nos fornos um calor mais forte. Então o operario, com a extremidade do gancho, amassava e rolava em todos os sentidos a massa metallica, revolvia-a e tornava a revolver-a em meio das chammas; depois, no momento exacto em que ella attingia, pela mistura com as escorias, um certo grau de resistencia, dividi-a em quatro bolas ou lentes esponjosas, que entregava uma por uma aos operarios marteladores.

Era no eixo mesmo da quadra que continuava a operação.

Em frente de cada forno, e correspondente a elle, um martello mechanico, posto em movimento pelo vapor de uma caldeira vertical mettida na pro-

pria chaminé, dava occupação a um operario *singleur*. Armado de ponto em branco com botas e braçoes de folha de ferro, protegido por um espesso avental de couro, coberta tambem a cara de rede de metal, este couraceiro da industria pegava com a extremidade das suas compridas tenazes na lentilha incandescente e submettia-a ao martello.

Batida e rebatida sob o peso da enorme massa, espremia como uma esponja todas as materias impuras de que estava embebida, em meio de uma chuva de scentelhas e espirros.

O couraceiro restituia-a aos seus ajudantes para a tornarem a metter no forno, e depois de aquecida, batia-a novamente.

Na immensidade d'esta forja monstro reinava um incessante movimento, cascatas de correias sem fim, pancadas surdas no tom grave de um con-

tinuo roncar, fogos de artificio em que se cruzavam rubras scentelhas, clarões de fornos aquecidos ao branco.

Em meio d'estes ribombos e d'estas raivas da materia subjugada, o homem parecia quasi uma creança.

Rudes mocetões que eram ainda assim estes *puddleurs!*

Amassar á força de braço, n'uma temperatura torrida, uma massa metallica de duzentos kilogrammas, estar muitas horas com os olhos fitos no ferro incandescente que cega, é um terrivel regimen, o qual em dez annos gasta o individuo.

Como para demonstrar ao contramestre que era capaz de o supportar, Schwartz despiu a camisola e a camisa de lã, e deixando ver um tronco de athleta, sobre o qual todos os músculos

se lhe desenhavam, lançou mão do ferro que um dos operarios manejava, e começou a trabalhar.

Vendo que se desenvolvia perfeitamente, o contramestre deixou-o só e recolheu-se ao seu escriptorio.

Schwartz continuou na sua tarefa até á hora de jantar.

Mas, ou porque se entregasse com muito ardor ao trabalho, ou porque não tivesse tido o cuidado de tomar n'aquella manhã a refeição substancial requerida para um tal desenvolvimento de força physica, depressa mostrou cansaço e falta de forças.

Era tal o seu abatimento, que o capataz da turma o notou.

– Não é para este trabalho, meu amigo, disse-lhe, e faria melhor em pedir quanto antes mudança de sector, que depressa lh'a concedem.

Schwartz protestou.

Era apenas um cansaço passageiro! Poderia *puddler* como qualquer outro!...

O capataz não deixou por isso de dar parte, e o mancebo foi logo chamado á presença do engenheiro em chefe.

Este personagem examinou-lhe os papeis, abanou a cabeça e perguntou-lhe em tom inquisitorial:

– Tinha este officio em Brooklyn?

Schwartz baixava os olhos todo perturbado.

A final respondeu:

– Vejo que é preciso confessar tudo. Era empregado na fundição, e foi na esperança de augmentar o meu salario que quiz tentar o trabalho do aço!

– São todos a mesma cousa! retorquiu o engenheiro encolhendo os hombros. Aos vinte e

cinco annos querem saber o que um homem de trinta e cinco só faz excepcionalmente!... É ao menos bom fundidor?

– Havia dois mezes que estava na primeira classe.

– Era melhor, n’esse caso, conservar-se lá. Aqui vae principiar pela terceira. E ainda assim deve considerar-se feliz em eu lhe facilitar esta mudança de sector!

O engenheiro escreveu algumas palavras n’um passe, expediu um telegramma e disse:

– Entregue o seu signal de presença, saia da divisão e vá directamente ao sector O, ao escriptorio do engenheiro em chefe. Está prevenido.

Á porta do sector O, Schwartz encontrou as mesmas dificuldades que o tinham detido á porta do sector K.

Como pela manhã, foi interrogado, acceite, mandado a um chefe de officina, que o introduziu n'uma sala de fundição.

Aqui o trabalho era mais silencioso e mais methodico.

– É apenas uma pequena galeria para a fundição das peças de 48, disse-lhe o contramestre. Na officina de fundição dos grandes calibres só são admittidos os operarios de primeira classe.

A tal pequena galeria não tinha menos de cento e cincoenta metros de comprido por sessenta e cinco de largo. Pelo calculo de Shwartz, devia aquecer pelo menos seiscentos cadinhos, collocados aos quatro, aos oito e aos doze, conforme as suas dimensões, em fornos lateraes.

As fôrmas destinadas a receber o aço em fusão estavam collocadas ao longo do eixo da galeria, no fundo de uma valla mediana.

De cada lado da valla havia uma linha de rails, onde girava um guindaste movel, que ia operar, onde era necessario, o deslocamento d'aquelles enormes pesos.

Como nas officinas do aço, n'um dos extremos terminava o caminho de ferro que trazia o aço fundido, e no outro o que levava os canhões que saiam da fôrma.

Junto de cada fôrma, um homem armado de uma vara de ferro vigiava se a temperatura se conservava no estado de fusão dentro dos cadinhos.

Os processos que Schwartz vira praticar em outras partes eram ali levados a uma extraordinaria perfeição.

Quando chegava o momento de se operar uma fundição, um timbre preventor dava signal a todos os vigias da fusão. No mesmo instante, a passo igual e medido rigorosamente, uma turma de operarios da mesma estatura, sustentando nos hombros uma barra de ferro horizontal, vinham collocar-se a dois e dois em frente de cada forno.

Um official munido de um apito e de um chronometro que marcava fracções de segundo, dirigia-se para junto da fôrma, convenientemente collocada na proximidade de todos os fornos em acção.

De ambos os lados, descendo em declive suave, conductos de barro refractario, cobertos de folha de ferro, convergiam para uma especie de funil collocado exactamente por cima da fôrma.

O commandante dava um signal. No mesmo instante, suspenso da barra de ferro dos dois ope-

rarios postados em frente do primeiro forno, apparecia um cadinho que fôra tirado do forno por meio de uma pinça. Então o apito começava uma serie de modulações, e os dois homens vinham em cadencia vasar o conteudo do seu cadinho no conducto correspondente.

Em seguida atiravam para uma tina o recipiente vazio e em braza.

Sem interrupção, com intervallos exactamente contados, a fim de que a fundição fosse absolutamente regular e constante, as turmas dos outros fornos procediam successivamente da mesma maneira.

Era tão extraordinaria a precisão, que no decimo de segundo fixado para o ultimo movimento, o ultimo cadinho estava vazio e era lançado na tina.

Esta perfeita manobra parecia mais o resultado de um mecanismo cego do que do concurso de cem vontades humanas.

Uma disciplina inflexível, a força do habito e o poder de uma cadencia musical conseguiram fazer o milagre.

Schwartz parecia familiarizado com um tal espectáculo.

Foi logo emparceirado com um operario da sua estatura, experimentado n'uma fundição pouco importante e reconhecido como excellente pratico.

O seu capataz, no fim do dia, prometteu-lhe até um rapido adiantamento.

Schwartz assim que saiu, ás sete da tarde, do sector O e do recinto exterior, foi buscar a sua mala á hospedaria.

Tomou então por uns dos caminhos exteriores, e chegando depressa a um grupo de habitações em que reparára pela manhã, achou facilmente um quarto de rapaz só em casa de uma boa mulher que recebia hospedes.

Mas ninguem viu aquelle moço operario ir, depois da ceia, em busca de uma cervejaria.

Fechou-se no seu quarto, tirou da algibeira um bocado de aço apanhado de certo na officina de *puddlage*, e um fragmento de barro de cadinho colhido no sector O.

Examinou-os com extremo cuidado á luz de um candieiro enfumaçado.

Tirou em seguida da mala um grosso caderno cartonado, folheou-lhe as paginas, cheias de notas, formulas e calculos, e escreveu o que se segue em francez, mas, para maior cautela, n'uma cifra cujo segredo só elle conhecia:

«10 de novembro. – *Stahlstadt*. – Na maneira de transformar o ferro em aço, não ha nada de particular, a não ser, bem entendido, a escolha de duas temperaturas differentes e relativamente baixas no primeiro e segundo aquecimento, conforme as regras determinadas por Chernof. Quanto ao vasar do metal nos moldes, opera-se segundo o processo de Krupp, mas com uma igualdade de movimentos verdadeiramente admiravel. É n'esta precisão das manobras que está a grande força allemã. Procede do sentimento musical innato na raça germanica. Os inglezes nunca poderão attingir essa perfeição. Falta-lhes o ouvido, se é que não lhes falta a disciplina. Os francezes podem conseguil-o facilmente porque são os primeiros dansadores do mundo. Até aqui, pois, nada de mysterioso no exito tão notavel d'este fabrico. As amostras de

minerio que apanhei na montanha teem extrema analogia com os nossos bons ferros. Os especimens de hulha são na verdade magnificos e de qualidade eminentemente metallurgica, mas tambem sem cousa alguma de anormal. É de crer que a fabricação Schultze tome especial cuidado em purificar estes materiaes de toda a mistura estranha e só os empregue no estado de perfeita pureza. Mais tambem é facil de obter este resultado. Só falta, pois, para se estar de posse de todos os elementos do problema, determinar a composição d'este barro refractario, de que são feitos os cadinhos e os tubos conductores. Attingido este fim, e convenientemente disciplinados os nossos operarios, não vejo motivo para não fazermos o que se faz aqui! Com isto tudo, ainda não vi senão dois sectores, e ha pelo menos vinte e quatro, sem contar o organis-

mo central, a repartição dos planos e modelos, o gabinete secreto! O que se tramará n'aquella caverna? O que não devem os nossos amigos temer depois das ameaças formuladas por Herr Schultze, quando entrou na posse da sua herança?»

Após estes pontos de interrupção, Schwartz, bastante fatigado do dia, despiu-se, mettu-se n'um pequeno leito tão falto de conforto como póde ser um leito allemão, – e allemão já diz muito, – accendeu um cachimbo e poz-se a fumar, lendo ao mesmo tempo n'um livro velho.

O seu pensamento parecia porém vaguear por outras regiões.

Nos seus labios, succediam-se em cadencia os pequenos jactos de vapor odorifero e diziam:

– Pf!... Pf!... Pf!...

Acabou por pôr de banda o livro e ficou a scismar por muito tempo, como absorto na solução de um problema muito difficil.

– Ah! exclamou por fim, ainda que o diabo ande mettido n’isto hei de descobrir o segredo de Schultze e principalmente o que elle premedita contra France-Ville.

Schwartz adormeceu proferindo o nome do doutor Sarrasin; mas em sonhos foi o nome de Joanninha que lhe volteou os labios.

A lembrança da pequena conservára-se tal e qual, embora a creança depois que Schwartz a deixára se tornasse n’uma donzella.

Este phenomeno explica-se facilmente pelas leis ordinarias da associação das idéas. A idéa do doutor comprehendia a da filha, associação por contiguidade.

Tambem, quando Schwartz, ou antes Marcello Bruckmann, despertou, com o nome de Joanninha ainda no pensamento, não se admirou e viu n'aquelle facto uma nova prova da excellencia dos principios psychologicos de Stuart Mill.

CAPITULO VI

O POÇO ALBRECHT

A senhora Bauer, a boa mulher que dava hospedagem a Marcello Bruckmann, filha da Suíça, era viúva de um mineiro, victima, havia quatro annos, d'um d'esses cataclysmos que tornam a vida do mineiro da hulha n'um combate de todos os instantes.

A exploração dava-lhe uma pequena pensão annual de trinta dollars, á qual ella juntava o escasso producto de um quarto mobilado e a féria que todos os domingos lhe entregava o seu pequeno Carlos.

Apesar de ter apenas treze annos, Carlos estava empregado na mina para fechar e abrir na passagem dos wagonnets de carvão, uma das por-

tas de ar indispensaveis na ventilação das galerias, forçando a corrente a seguir uma determinada direcção.

Como a casa alugada pela mãe ficava muito longe do poço Albrecht, para elle poder recolher-se todas as noites, tinham-lhe dado a mais uma pequena occupação nocturna mesmo no fundo da mina.

Consistia essa occupação em tratar e guardar seis cavallos na sua cavallariça subterranea, enquanto o palafreheiro estava fóra da mina.

Passava-se portanto quasi toda a vida de Carlos quinhentos metros abaixo da superficie terrestre.

De dia conservava-se de sentinella junto da sua porta de ar; de noite dormia sobre a palha ao pé dos cavallos.

Só aos domingos pela manhã regressava á luz e podia durante algumas horas aproveitar o patrimonio commum dos homens: o sol, o céu azul e sorriso materno.

Como bem se póde imaginar, depois de uma semana assim, quando saía do poço, o seu aspecto não era precisamente o aspecto de um elegante. Parecia-se antes com o gnomo de uma magica, um limpa-chaminés, ou um negro papúa. Por isso a senhora Bauer empregava uma boa hora em desencardil-o á força de muita agua quente e de muito sabão.

Em seguida fazia-lhe vestir um bom fato de grosso panno verde, feito de uma andaina paterna, fato que ella tirava das grandes profundezas do seu armario de pinho e desde então até á noite, não se cansava de admirar o seu rapaz, achando-o o mais bonito do mundo.

Despojado do seu sedimento de carvão, Carlos, por minha fé, não era mais feio que outro qualquer.

Os cabellos louros e macios, os olhos azues e meigos, diziam com a sua tez de uma alvura excessiva; mas quanto a estatura era muito pequena para a idade. Aquella vida sem sol, tornava-o tão anemico como uma alface, e é de crêr que o conta-globulos do doutor Sarrasin, applicado ao sangue do pequeno mineiro, tivesse revelado uma quantidade inteiramente insufficiente de materia hematica ou córante.

Quanto ao moral era uma creança silenciosa, fleugmatica, socegada, com o seu tanto d'aquella altivez que o sentimento do perigo continuo, o habito do trabalho regular e a satisfação da difficuldade vencida incutem no espirito de todos os mineiros sem excepção.

A sua grande felicidade consistia em sentar-se junto da mãe, na mesa quadrada que occupava o meio da sala baixa, e espetar n'um cartão um grande numero de insectos que trazia das entranhas da terra.

Tem a atmospheria tepida e igual das minas a sua fauna especial, pouco conhecida pelos naturalistas, como as paredes humidas da hulha teem a sua flora estranha de musgos esverdeados, de cogumellos não descriptos e de flocos amorphos. É o que o engenheiro Maulesmülhe, amator de entomologia, havia notado, promettendo um escudosinho por cada especie nova de que o pequeno Carlos podesse levar-lhe um especimen.

Esta dourada perspectiva fizera com que o rapazito explorasse cuidadosamente todos os recantos da hulheira, e pouca pouco o tornára um colleccionador.

Por isso era por sua propria conta que elle agora procurava insectos.

Demais, não limitava as suas affeições ás aranhas e aos bichos de conta. Na sua solidão, mantinha intimas relações com dois morcegos e um grande arganaz.

Até, a acreditar-se o que elle dizia, aquelles tres animaes eram os bichos mais intelligentes e mais amaveis do mundo; mais espertos ainda que os seus cavallos de longo pello sedoso e de luzente crina, dos quaes Carlos, aliás, não fallava senão com admiração.

Havia principalmente Blair Athol, o decano da cavallariça, um velho philosopho, que descêra ha-

via seis annos a quinhentos metros abaixo do nivel do mar, e que nunca tornára a ver a luz do dia.

Era agora quasi cego, mas como conhecia bem o seu labyrintho subterraneo! Como sabia voltar para a esquerda e para a direita, puxando pelo seu wagon, sem nunca se enganar.

Como elle parava a preceito diante das portas de ar de maneira que deixava o espaço necessario para as abrir!

Como relinchava amigavelmente, pela manhã e ao cair da noite, á hora exacta em que lhe era devida a suaração.

E tão bom, tão meigo, tão amavel!

– Afianço-lhe, mãe, que me dá realmente um beijo esfregando a sua cara contra a minha, quando approximo a cabeça da sua, dizia Carlos. E olhe que é uma cousa commoda que Blair Athol

tenha assim um relógio na cabeça! Se não fosse elle não saberíamos em toda a semana quando é manhã ou tarde!

Era assim que o pequeno tagarellava, e a senhora Bauer escutava-o encantada.

Tambem ella amava Blair Athol, com toda a afeição que lhe votava o pequeno, e não deixava em occasiões proprias de lhe mandar o seu pedaço de assucar.

O que não daria ella para ir ver aquelle velho servidor, que o seu homem conhecêra, e ao mesmo tempo visitar o local sinistro onde o cadaver do pobre Bauer, negro como tinta, carbonizado pelo fogo *grisu*, fôra encontrado depois da explosão?...

Mas as mulheres não são admittidas na mina, e tinha de se contentar com as incessantes descripções que o pequeno lhe fazia.

Ah! elle conhecia-a bem, aquella hulheira, aquelle grande buraco negro d'onde o seu marido não voltára!

Quantas vezes ella o esperára junto d'aquella bôca escancarada, de dezoito pés de diametro, quantas vezes seguira com o olhar ao longo da muralha de cantaria, a dupla gaiola de carvalho onde deslisavam os cestões pendurados no respectivo cabo e suspensos das roldanas de aço, quantas vezes visitára o alto maduramente exterior, a casa da machina a vapor, o cubiculo do apontador e o mais!

Quantas vezes ella não se aquecêra ao braseiro sempre ardente d'aquella enorme cesta de ferro, onde os mineiros enxugam o fato ao saírem do abysmo, onde os fumadores impacientes accendem o seu cachimbo!

Como ella estava familiarisada com o ruido e a actividade d'aquella porta infernal. Os que desprendem os wagons carregados de hulha, os que engancham, e os que escolhem o mineiro, os que o lavam, os machinistas, os fogueiros, a todos vira uma e muitas vezes em actividade!

O que ella não podia ver, mas o coração lhe mostrava, era o que se passava depois que a gaiola de madeira mergulhava, levando o grande cacho humano de operarios, entre os quaes ia outr'ora seu marido, e agora o seu unico filho!

Ouvia as vozes e as risadas afastaram-se na profundidade, enfraqueceram e depois cessarem.

Seguia com o pensamento aquella caixa que se afundava pelo orificio estreito e vertical, a quinhentos ou seiscentos metros, quatro vezes a altura da grande pyramide!

Via-a finalmente chegar ao seu destino, e os homens apressarem-se a saltar para o solo!

Eil-os que se dispersam pela povoação subterranea, tomando uns para a direita outros para a esquerda. Os carregadores dirigem-se para o seu wagon; os picadores, armados da picareta de ferro, encaminham-se para a mole de hulha que se trata de atacar; os terraplenadores occupam-se em substituir por materiaes solidos os thesouros de carvão que foram extrahidos; os carpinteiros armam os madeiramentos que sustentam as galerias não revestidas de muralhas; os cantoneiros reparam as vias, collocam os rails; os pedreiros constroem as abobadas...

Uma galeria central parte do poço, e termina como um extenso boulevard n'outro poço afastado tres ou quatro kilometros.

D'este segundo poço irradiam em angulos rectos galerias secundarias, e sobre as linhas parallelas, as galerias de terceira ordem.

Entre estas diversas vias, levantam-se muralhas, pilares formados pela propria hulha, ou pela rocha. Tudo isto regular, solido, negro!...

E n'este dedalo de ruas, de largura e comprimentos iguaes, um verdadeiro exercito de mineiros meio nús agitam-se, conversam, trabalham sempre á luz das suas lanternas de segurança!...

Eis o que a tia Bauer imaginava muitas vezes, quando, só, scismava ao pé do seu fogão.

No encruzamento de galerias, entrevia principalmente uma que conhecia melhor que as outras, cuja porta era Carlos quem abria e fechava.

Quando anoitecia, o troço do dia vinha para cima, era substituido pelo da noite. Seu filho, po-

rém, não tomava lugar no elevador. Carlos dirigia-se para a cavallariça, ia ter com o seu Blair Athol, servia-lhe a ceia de aveia e a ração de feno. Em seguida comia por seu turno o jantarinho frio que lhe desciam de cima, brincava um instante com o seu grande rato, immovel aos pés do dono, com os seus dois morcegos que esvoaçavam pesadamente em roda d'elle, adormecia na cama de palha.

Como a tia Bauer sabia tudo isto muito bem, e como em poucas palavras comprehendia todas as particularidades que contava Carlos!

– Sabe, mãe, o que hontem me disse o engenheiro Maulesmülhe? Disse-me que se eu responder bem a todas as perguntas de arithmetica que um d'estes dias me ha de fazer, tomar-me-ha para seu ajudante, quando levantar os planos da mina com a sua bussola. Parece que

se vae abrir uma galeria a ligar com o poço Weber, e ha de ter muito que fazer para acertar com a medição!

– Pois é verdade! exclamou a tia Bauer encantada, pois o senhor Maulesmülhe disse isso!

E já imaginava ver o seu pequeno segurando na medida ao longo das galerias, enquanto que o engenheiro, de canhenho na mão, tomava notas, e com o olho fixo na bussola, determinava a directriz da perfuração.

– Infelizmente, tornou Carlos, não tenho ninguem que me explique o que não comprehendo na arithmetica, e estou com bastante receio de responder mal.

N'este ponto, Marcello que fumava calado junto do fogo, ao que a sua qualidade de hospede da casa lhe dava direito, mettu-se na conversa para dizer ao pequeno:

– Se queres indicar-me o que te embaraça, poderei talvez explicar-t’o.

– O senhor! observou a velha Bauer com alguma incredulidade.

– De certo, retorquiu Marcello. Pois julga que não aprendo nada nos cursos nocturnos onde vou regularmente depois da ceia? O mestre está muito contente commigo, e diz que lhe poderia servir de monitor!

Estabelecidos estes preliminares, Marcello foi buscar ao seu quarto um caderno de papel, installou-se junto do rapasito, perguntou-lhe o que o embaraçava no seu problema, e explicou-lh’o com tanta clareza, que Carlos, maravilhado, não encontrou n’elle a menor difficuldade.

D’aquelle dia em diante, a boa da mulher teve mais consideração pelo seu hospede, e Marcello tomou affeição ao seu pequeno companheiro.

Marcello portava-se além d'isso como operario exemplar, e não tardára a ser promovido primeiro á segunda, depois á primeira classe.

Todas ás manhãs, ás sete horas, estava á porta O. Todas as noites, depois de cear, dirigia-se para o curso professado pelo engenheiro Trubner.

Geometria, algebra, desenho de figura e de machinas, a tudo se applicava com igual ardor, e tão rapidos foram os seus progressos, que o mestre ficou extremamente impressionado.

Dois mezes depois de estar na officina Schultze, o joven operario era já notado como uma das intelligencias mais vivas, não só no sector O, mas de toda a cidade do aço.

Um relatorio do seu chefe immediato, feito no fim do semestre, continha esta menção formal:

«Schwartz (João), vinte e seis annos, operario fundidor de primeira classe. Devo apontar este in-

dividuo á administração central, como muito distincto, sob o triplice aspecto dos conhecimentos theoricos, da habilidade pratica, e do espirito de invenção o mais caracterizado.»

Foi comtudo precisa uma circumstancia extraordinaria para se acabar de chamar sobre Marcello a attenção dos seus chefes.

Esta circumstancia não deixou de se dar, como cedo ou tarde sempre acontece. Infelizmente foi nas condições as mais tragicas.

Um domingo pela manhã, bastante admirado de ouvir dez horas, sem que o seu pequeno amigo Carlos apparecesse, desceu e perguntou á tia Bauer se ella sabia a causa d'aquella demora.

Encontrou a pobre mulher muito inquieta.

Havia duas horas pelo menos que Carlos devia estar em casa. Vendo a sua anciedade, Marcello offereceu-se para ir tirar informações, e partiu na direcção do poço de Albrecht.

Pelo caminho encontrou muitos mineiros, e não deixou de lhes perguntar se tinham visto o pequeno.

Recebeu uma resposta negativa, e depois de trocar com elles o *Gluck auf!* «boa saida!» que é o cumprimento dos hulheiros allemães, Marcello seguiu o seu caminho.

Chegou pelas onze horas ao poço Abrecht.

O aspecto do poço não era animado e tumultuoso como é na semana.

O muito se alguma joven *modista*, – nome que os mineiros dão por gracejo e antiphrase ás carregadoras de carvão, – se dispunha a dar conversa ao apontador, a quem a obrigação retinha, mesmo n'aquelle feriado, na bôca do poço.

– Viu sair o pequeno Carlos Bauer, numero 41:902? perguntou Marcello áquelle empregado.

O homem consultou a sua relação e meneou a cabeça.

– Ha alguma outra sahida?

– Não, a mina tem só esta, respondeu o apontador. A abertura que desembocar ao norte não está por enquanto concluida.

– Então o pequeno está em baixo.

– Por força, e é effectivamente extraordinario, porque aos domingos só os cinco guardas especiaes lá devem estar.

– Posso descer para me informar?...

– Não, sem licença.

– Póde talvez ter succedido alguma cousa, observou a mulher.

– Ao domingo não ha accidente possivel.

– Mas em summa, é preciso que eu saiba o que foi feito do pequeno, tornou Marcello.

– Dirija-se ao contramestre da machina, n'este escriptorio... se elle ainda ahi estiver...

O contramestre, com o seu ostentoso fato domingueiro, um collarinho tão teso como se fôsse de folha, havia-se felizmente demorado nas contas.

Como homem intelligente e humano, partilhou logo a inquietação de Marcello.

– Vamos ver o que é, disse.

E dando ordem ao machinista de serviço para se preparar a largar a corda, dispôz-se a descer á mina, acompanhado do moço operario.

– Não tem apparatus Galibert? perguntou Marcello. Podem ser precisos...

– Tem rasão. Nunca sabemos o que se passa no fundo do buraco.

O contramestre tirou de um armario dois reservatorios de zinco, semelhantes ás fontes que os vendilhões de capilé trazem ás costas em Paris.

São caixas de ar comprimido, postas em comunicação com os lábios por meio de dois tubos de borracha, cujo bocal de chifre se colloca entre os dentes.

Enchem-se com o auxilio de folles especiaes, construidos de maneira que se esvaziam completamente.

Com o nariz apertado por uma pinça de madeira, pôde um individuo, munido de uma provisão de ar, penetrar impunemente na atmosfera mais irrespiravel.

Terminados os preparativos, o contramestre e Marcello agarraram-se ao elevador, a corda deslisou pelas roldanas e a descida começou.

Alumiados pelas duas lampadas electricas, conversavam um como o outro ao mesmo tempo que se engolpavam pelas profundidades da terra.

– Para homem que não é cá do officio, o senhor não se assusta, dizia o contramestre. Tenho visto sujeitos que não se podem resolver a descer, ou ficam agachados como coelhos no fundo do elevador!

– Pois é verdade! volveu Marcello. Pois não me causa abalo, é verdade que já tenho descido por duas ou tres vezes ás minas.

Chegaram depressa ao fundo do poço.

Um guarda que se achava no largo circular do fundo, não havia visto o pequeno Carlos.

Dirigiram-se para a cavallariça.

Os cavallos estavam sós, e pareciam aborrecer-se muito.

Tal era pelo menos a conclusão que se podia tirar do relincho de boa vinda com que Blair Athol complimentou aquellas tres figuras humanas.

O saquitol de panno pertencente a Carlos estava pendurado n'um prego e n'um cantinho, ao lado de uma almofaça, o seu livro de arithmetica.

Marcello fez logo observar que a lanterna do pequeno não estava ali, nova prova de que Carlos devia achar-se na mina.

– Póde ter sido apanhado por algum desmoronamento, disse o contramestre, mas é pouco provavel! Que tinha elle que ir fazer ás galerias de exploração, n'um domingo?

– Talvez fosse procurar insectos antes de sair? respondeu o guarda. É n'elle uma verdadeira paixão!

O moço da cavallariça, que chegou n'este meio tempo, confirmou a suspeita. Tinha visto partir Carlos com a sua lanterna antes das sete horas.

Só restava agora dar começo a pesquisas regulares.

Chamaram os outros guardas com signaes de apito, dividiram a tarefa sobre uma grande extensão da mina e cada qual, munido da sua lampada, começou a exploração das galerias da segunda e da terceira ordem que lhe foram destinadas.

No espaço de duas horas todas as regiões da mina tinham sido revistadas, e os sete homens achavam-se novamente no fundo do poço.

Não havia em parte alguma o menor vestigio de Carlos.

O contramestre, talvez influenciado por um appetite que ía em augmento, inclinava-se para a opinião de que o pequeno podia ter passado desa-

percebido e achar-se muito simplesmente em casa. Porém, Marcello, convencido do contrario, insistiu em fazer novas pesquisas.

– O que é isto? perguntou, apontando para o plano de uma região ponteada, que parecia, no meio da precisão dos lineamentos circumjacentes, com essas *terrae ignotae* que os geographos marcam nos confins dos continentes arcticos.

– É a zona provisoriamente abandonada, por causa do adelgaçamento da camada exploravel, respondeu o contramestre.

– Ha uma zona abandonada?... Então é ahi que é preciso procurar! redarguiu Marcello com uma auctoridade, cuja influencia os outros homens experimentaram.

Não tardaram a chegar ao orifício das galerias que, a julgar pelo aspecto pegajoso e bolorento das suas paredes, deviam estar abandonadas havia muitos annos.

Seguiam-n'as havia algum tempo sem cousa alguma descobrirem de suspeito, quando Marcello, fazendo-os parar, lhes disse:

– Não se sentem pesados e accommettidos de vertigens?

– Espera! é verdade! responderam os companheiros.

– Quanto a mim, ha um momento que me sinto meio atordoado. Aqui ha com certeza acido carbonico! Dá-me licença que accenda um phosphoro! perguntou ao contramestre.

– Accenda, meu amigo, não faça ceremonias.

Marcello tirou da algibeira uma caixinha de fumar, accendeu um phosphoro, e baixando-se, aproximou do solo a chamma.

O phosphoro apagou-se logo.

– Tinha a certeza d’isso... disse. O gaz, como é mais pesado que o ar, conserva-se ao rez do chão... Não devemos conservar-nos aqui, – fallo dos que não teem apparatus Galibert. Se quizer, mestre, continuaremos só nós dois a busca.

Combinado isto, Marcello e o contramestre entalaram nos dentes o bocal da caixa de ar, metteram a pinça no nariz e embrenharam-se por uma serie de velhas galerias.

Passado um quarto de hora, tornavam a saír para renovar o ar dos reservatorios.

Feito isto, punham-se novamente a caminho.

A terceira tentativa, viram os seus esforços finalmente coroados de exito.

Ao longe brilhou no meio da sombra um pequeno clarão azulado, o clarão de uma lampada electrica.

Correram...

Junto da parede humida, immovel e já frio, jazia o pobre Carlinhos.

Os labios azulados, o rosto injectado, o pulso immovel, diziam, juntamente com a posição em que se achava, o que se passára.

Quizera apanhar alguma cousa no chão, baixára-se e ficára literalmente afogado em acido carbonico.

Foram baldados todos os esforços para o chamarem á vida.

A morte remontava já a quatro ou cinco horas.

Na tarde seguinte havia uma campasinha mais no cemiterio novo de Stahlstadt, e a tia Bauer, pobre mulher, ficava sem filho como ficára sem marido.

CAPITULO VII

O CORPO CENTRAL

Um luminoso relatório do doutor Echternach, medico em chefe da secção do poço Albrecht, estabelecêra que a morte de Carlos Bauer, nº 41:902, de treze annos de idade, *trappeur* na galeria 228, fôra devida á asphyxia resultante da absorpção pelos orgãos respiratorios de uma grande porção de acido carbonico.

Outro relatório não menos luminoso do engenheiro Maulesmülhe mostrára a necessidade de comprehender n'um systema de ventilação a zona B do plano 14, cujas galerias deixavam transpirar gaz deleterio por uma especie de distillação lenta e insensivel.

Finalmente, uma participação do mesmo funcionario apontava á auctoridade competente a dedicação do contramestre Rayer e do fundidor de primeira classe João Schwartz.

D'ali a uns oito ou dez dias, o joven operario, ao ir buscar o seu signal de presença ao cubiculo do porteiro, encontrou na escapula uma ordem impresa que lhe era dirigida nos seguintes termos:

«O chamado Schwartz apresentar-se-ha hoje no escriptorio do director geral, Corpo Central, porta e via A.»

– Até que emfim! pensou Marcello. Levaram tempo, mas cá veem!

Nas palestras com os companheiros e nos passeios dos domingos em roda de Sthalstadt, tinha já adquirido um conhecimento da organização geral da cidade sufficiente para saber que a auctorisação de penetrar no Corpo Central não an-

dava aos pontapés. A esse respeito haviam-se espalhado verdadeiras lendas.

Dizia-se que alguns indiscretos, tendo querido por surpresa introduzir-se no recinto reservado, não haviam tornado a apparecer. Que os operarios e trabalhadores antes de sua admissão eram ali submettidos a uma serie de verdadeiras ceremonias maçonicas, impunha-se-lhes a obrigação de se comprometterem pelos mais solemnes juramentos a não revelarem cousa alguma do que se passava, e quando violavam o segredo eram punidos com a morte... Um caminho de ferro subterraneo punha este santuario em communicação com a linha ferrea da circumvallação... Comboios nocturnos transportavam desconhecidos visitantes... Formavam-se conselhos supremos, aonde mysteriosos personagens compareciam e tomavam parte nas deliberações...

Sem acreditar, mais do que devia, em todas aquellas narrativas, Marcello sabia que ellas eram a final apenas a expressão popular de um facto perfeitamente real: a extrema difficuldade de que havia em penetrar no Corpo Central.

De todos os operarios que elle conhecia, – e tinha amigos tanto entre os mineiros de ferro como de carvão, entre os temperadores do metal como entre os empregados dos altos fornos, entre os capatazes e os carpinteiros como entre os ferreiros, nenhum ainda transpozera a porta A.

Foi pois com um sentimento de curiosidade profunda e de prazer intimo que se apresentou á hora indicada.

Pôde logo certificar-se de que as precauções eram as mais severas.

Em primeiro lugar, Marcello era esperado. Dois homens vestidos com um uniforme escuro, espada ao lado e revolver á cinta, achavam-se no cubiculo do porteiro.

Este cubículo, como o de uma irmã porteira de um convento, tinha duas portas, uma exterior e outra interior, que nunca se abriam ao mesmo tempo.

Examinado e visado o passe, Marcello viu, sem manifestar surpresa alguma, que lhe apresentavam um lenço branco, com o qual os dois acolytos de uniforme lhe vendaram cuidadosamente os olhos.

Em seguida, deram-lhe o braço, um de cada lado, pozeram-se a caminho sem lhe dizerem palavra.

No fim de dois a tres passos, subiram uma escada, abriu-se e fechou-se uma porta, e Marcello foi auctorisado a tirar a venda.

Viu-se então n'uma sala mobilada com muita simplicidade, apenas com algumas cadeiras, um quadro negro, e de uma grande tabua guarnecida com todos os instrumentos necessarios ao desenho linear.

A claridade do dia entrava por grandes janellas de vidros despolidos.

Quasi no mesmo instante entravam na sala dois personagens de aspecto universitario.

– O senhor é considerado como um individuo distincto, disse um d'elles; vamos examinal-o e ver se o podemos admittir na repartição dos modelos. Está disposto a responder ás nossas perguntas?

Marcello declarou-se prompto para ser examinado.

Os dois examinadores fizeram-lhe successivamente perguntas sobre chimica, geometria e algebra.

O joven operario satisfel-os em todos os pontos pela clareza e precisão das respostas. As figuras que traçava a giz sobre o quadro eram nitidas, precisas e elegantes. As suas equações alinhavam-se miudas e serradas, em filas iguaes como as de um regimento escolhido. Uma das suas demonstrações foi até tão notavel e tão nova para os seus juizes, que lhe manifestaram a sua admiração perguntando-lhe onde a tinha aprendido.

– Em Schaffouse, minha terra, na escola primaria.

– Parece bom desenhador!

– É no que sou mais forte.

– É na verdade notavel a educação que se dá na Suissa, disse um dos examinadores ao outro... Vamos dar-lhe duas horas para executar este desenho, continuou, entregando ao candidato o cór-

te de uma machina a vapor bastante complicada. Se sair bem, será admittido com a menção: *Satisfez perfeitamente e de maneira fóra do commum.*

Quando se viu só, Marcello deitou-se ao trabalho com ardor.

Findo o praso, os examinadores voltaram. Ficaram tão maravilhados com o desenho, que acrescentaram á menção promettida: *Não temos outro desenhador de talento igual.*

Então os dois acolytos vestidos de escuro, tornaram a lançar mão de Marcello e conduziram-no com o mesmo ceremonial, isto é, com os olhos vendados, ao escriptorio do director geral.

Este personagen disse-lhe então:

– O senhor é proposto para uma das officinas de desenho na repartição dos modelos. Está disposto a submeter-se ás condições do regulamento?

– Não as conheço, respondeu Marcello, mas supponho que ellas são acceitaveis.

– Eil-as: – 1.º É obrigado, por todo o tempo do seu contrato, a residir n'este recinto. Só pôde sair d'elle com auctorisação especial e completamente excepcional. – 2.º Fica sujeito á disciplina militar, e obrigado a obediencia absoluta aos seus superiores, sob a pena de ser castigado militarmente. Em compensação, é assimilhado aos officiaes inferiores de um exercito activo, e pôde, por meio de uma promoção regular, elevar-se aos mais altos postos. – 3.º Comprometter-se por meio de juramento, a nunca revelar a ninguem o que vir na divisão aonde vae ter accesso. – 4.º A sua correspondencia será aberta pelos seus chefes hierarchicos, tanto á entrada como á saída, e deve limitar-se á sua familia.

– N’uma palavra, pensou Marcello, estou n’uma prisão.

Depois respondeu com muita simplicidade:

– Essas condições parecem-me justas e estou prompto a submeter-me a ellas.

– Bem, levante a mão... Preste juramento... Fica nomeado desenhador da 4^a officina... Ser-lhe-ha designado um alojamento, e para as suas refeições tem aqui uma taverna de primeira ordem... Não tem comsigo a bagagem?

– Não senhor. Ignorando o que me queriam, deixei-a na casa da minha hospedaria.

– Irão buscar-lh’a porque não deve sair mais da divisão a que fica pertencendo.

– Fiz bem, pensou Marcello, em escrever as minhas notas em cifra! Davam logo com ellas!...

Antes de terminar aquelle dia, achava-se Marcello accomodado n’um pequeno e bonito a-

posento, no quarto andar de um edificio, cujas janellas davam para um vasto pateo, e podéra já fazer uma idéa da sua nova vida.

Não parecia esta dever ser tão triste como ao principio seria para crer.

Os seus companheiros, com quem tomou conhecimento no restaurant, eram individuos socegados e de boa indole, como todos os homens de trabalho.

Para verem se se alegravam um pouco, porque a alegria faltava n'aquella vida automatica, alguns tinham organizado uma orchestra, e todas as noites tocavam boa musica.

Uma bibliotheca, uma sala de leitura, proporcionavam ao espirito preciosos recursos, sob o ponto de vista scientifico, durante as poucas horas de ocio.

Alguns cursos especiaes presididos por professores de primeira ordem, eram obrigatorios para todos os empregados, os quaes, além d'isso, estavam sujeitos a exames e concursos frequentes.

Mas n'aquelle acanhado meio, faltavam o ar e a liberdade.

Era o collegio, com muitas severidades a mais e para uso de homens feitos.

Não deixava pois a atmospheria ambiente de pesar sobre aquelles espiritos, por muito conformados que estivessem áquella disciplina de ferro.

Findou o inverno entre aquelles trabalhos, aos quaes Marcello se entregára de corpo e alma.

A sua assiduidade, a perfeição dos seus desenhos, os progressos extraordinarios da sua instrucção, unanimemente apontados por todos os

mestres e todos os examinadores, tinham-lhe dado em pouco tempo, no meio d'aquelles homens laboriosos, uma celebridade relativa.

Por geral consenso era o desenhador mais habil, mais imaginoso, mais fertil em recursos.

Surgia qualquer difficuldade, era a elle que recorriam.

Os proprios chefes dirigiam-se á sua experiencia com o respeito que o merecimento arranca sempre á inveja mais decidida.

Não obstante, se contára, ao alcançar aquella collocação no Corpo Central, penetrar-lhe os mais intimos segredos, achava-se bem enganado.

A sua vida estava encerrada n'uma grade de ferro de trezentos metros de diametro, que rodeava o segmento do Corpo Central a que Marcello estava ligado.

Intellectuamente, a sua actividade devia e podia estender-se aos ramos mais afastados da industria metallurgica.

Na pratica achava-se limitada ao desenho de machinas a vapor. Fazia-os para todos os tamanhos e todas as forças, para toda a especie de industria e de uso, para navios de guerra e para prensas de imprimir; não saía porém d'esta especialidade. A divisão de trabalho levada ao seu extremo limite, apertava-o como n'um tornillo.

Depois de quatro mezes passados na secção A, Marcello não sabia mais a respeito do conjuncto das obras da Cidade do Aço de que antes de lá entrar.

Conseguiu, o muito, colher algumas informações geraes sobre a organização do que elle, apesar dos seus merecimentos, era apenas uma roda quasi infima.

Sabia que o centro da teia de aranha, figurada por Stahlstadt, era a Torre do Touro, especie de construcção cyclopica, que dominava todas as construcções circumjacentes.

Soubera tambem, sempre pelas narrações lendarias da taverna, que a residencia habitual de Herr Schultz ficava na base d'esta torre, e que o famoso gabinete secreto occupava o centro da torre.

Acrescentava-se que esta sala de abobada, garantida contra todo o perigo de incendio e blindada interiormente como um monitor o é exteriormente, achava-se fechada por um systema de portas de aço com fechaduras de tiro, dignas do banco mais cauteloso.

Além d'isto a opinião geral dizia que Herr Schultze trabalhava na conclusão de um terrivel

engenho de guerra, de um effeito sem precedentes e destinado a assegurar brevemente á Allemanha o dominio universal.

Debalde Marcello revolvêra no cerebro os planos mais audaciosos de escalada e disfarce para acabar de penetrar aquelle mysterio.

Tivera de confessar a si proprio que esses planos nada tinham de praticavel.

Aquellas linhas de muralhas sombrias e massiças, alumiadas de noite por ondas de luz, guardadas por sentinellas de confiança, opporiam sempre aos seus esforços um obstaculo impossivel de transpor.

E dado que lograsse forçal-os em qualquer ponto, o que veria? Particularidades, sempre particularidades, nunca um conjuncto!

Embora! Jurára a si proprio não desistir, e não desistiria.

Se fossem precisos dez annos de espera, esperaria dez annos.

Mas havia de soar a hora em que se apoderasse d'aquelle segredo!

Assim era preciso.

France-Ville prosperava então, cidade feliz, cujas instituições beneficicas a todos favoreciam, mostrando um novo horizonte aos povos desanimados. Marcello não duvidava de que em face de um similhante exito da raça latina, Schultz não estivesse mais que nunca resolvido a realizar as suas ameaças.

A propria Cidade do Aço e os trabalhos a que ella se destinavam eram uma prova d'isso.

Decorreram assim muitos mezes.

Um dia do mez de março, acabava Marcello pela millessima vez de repetir a si mesmo o jura-

mento de Annibal, quando um dos taes acolytos trajados de escuro o informou de que o director geral tinha que lhe fallar.

– Recebi de Herr Schultze, disse-lhe este alto funcionario, ordem para lhe mandar o nosso melhor desenhador. O senhor está n'este caso. Queira fazer a sua mala para passar ao circulo interior. Fica promovido a tenente.

Portanto, no momento exactamente em que desesperava quasi do exito, o effeito natural e logico de um trabalho heroico proporcionava-lhe aquella admissão tão desejada!

Marcello sentiu uma tal alegria que não pôde deixar de a dar a conhecer.

– Estimo bastante ter de lhe annunciar uma boa noticia, tornou o director, e devo recommendar-lhe que persista na senda que tão corajosamente segue. Proporciona-se-lhe o mais brilhante futuro. Vá, senhor.

Até que finalmente, apoz tão longa provação, entrevia Marcello o fim que protestára alcançar!

Atirar para dentro da mala todo o seu fato, seguir os homens de escuro, transpor finalmente o ultimo recinto, cuja entrada unica, que deitava para a via A, poderia ter-lhe ficado interdicta por muito tempo ainda, foi tudo obra de alguns minutos para Marcello.

Estava ao pé d'aquella inacessivel Torre do Touro, da qual só havia até então avistado a carrancuda fronte, perdida ao longe nas nuvens.

O espectáculo que se desdobrava diante d'elle, era de certo dos mais imprevistos.

Imagine-se um homem transportado subitamente, sem transição, do meio de uma officina europea, ruidosa e banal, para o fundo de uma floresta virgem da zona torrida.

Tal era a surpresa que esperava Marcello no centro de Stahlstadt.

Ainda uma floresta virgem ganha muito em ser vista através das descrições dos grandes escriptores, enquanto que o jardim de Herr Schultze era o mais bem pintado dos jardins de recreio.

As suas mattas eram formadas pelas palmeiras mais elegantes, as bananeiras mais copadas, os cactos mais obesos. Os cipós enroscavam-se elegantemente nos frageis eucalyptus, desdobravam-se em verdes festões, ou pendiam em comas opulentas. As plantas carnosas mais inverosimeis floresciaam ao ar livre. Os ananazes e as goiabas amadureciam junto das lorangeiras. Os colibris e as aves do paraizo ostentavam em liberdade os esplendores das suas pennas.

Finalmente, a propria temperatura era tão tropical como a vegetação.

Marcello procurava com os olhos as estufas e os caloriferos que produziam este milagre, e admirado de só ver o céu azul, ficou por um momento estufacto.

Depois, lembrou-se de que havia ali perto uma hulheira em combustão permanente, e comprehendeu que Herr Schultze havia engenhosamente utilizado aquelles thesouros de calor subterraneo, para se fazer servir por meio de tubos metallicos uma temperatura constante de estufa.

Mas esta explicação que o raciocinio lhe ministrou, não obstou a que o deslubrassem e encantassem a côr verde dos taboleiros de relva, nem a que aspirasse com delícia os aromas derramados pela atmosphaera.

Após seis mezes passados, sem ver um pedacinho de herva, desferrava-se agora.

Uma alameda areada conduziu-o por suave subida até a um bello degrau de marmore, dominado por uma magestosa columnata.

Detraz erguia-se a mole enorme de um grande edificio quadrangular, que era como que o pedestal da Torre do Touro.

Debaixo do perystillo, Marcello avistou sete a oito creados de libré vermelha, e um porteiro de chapéu tricorne e alabarda. Divisou por entre as columnas ricos candelabros de bronze, e no momento em que subia o degrau, um ligeiro rumor revelou-lhe que o caminho de ferro subterraneo lhe passava por baixo dos pés.

Declarou o seu nome, e foi logo admittido n'um vestibulo que era um verdadeiro museu de esculptura.

Sem ter tempo para aqui se demorar, atravessou uma sala côm de purpura e ouro, em seguida outra de preto e ouro, e chegou a uma sala em que a aurea côm se casava com a amarella. O creado deixou-o só n'esta sala o espaço de cinco minutos.

Finalmente, foi introduzido n'um esplendido gabinete com lavor verde e ouro.

Herr Schultze, em pessoa, fumando um comprido cachimbo de barro, junto de uma caneca de cerveja, fazia o effeito de uma nodoa de lama sobre uma bota envernizada.

Sem se levantar, sem voltar sequer a cabeça, o Rei do Aço disse fria e simplesmente:

– O senhor é o desenhador!

– Sim, senhor.

– Tenho visto os seus planos. São muito bons. Mas então não sabe fazer outra coisa senão machinas a vapor.

– Nunca me pediram outra coisa.

– Sabe alguma coisa de balística?

– Tenho-a estudado um pouco ás horas vagas como recreio.

Esta resposta commoveu Herr Schultze!

Dignou-se olhar para o seu empregado.

– D’esse modo encarrega-se de desenhar um canhão commigo?... Havemos de ver como se sae!... Ah! Deve custarlhe a substituir esse tolo de Sohn, que se matou esta manhã, ao trabalhar com um macinho de dynamite!... O animal poderia ter-nos feitos ir todos pelos ares.

Esta falta de attenção, na bôca de Herr Schultze, não ha remedio senão confessal-o, não parecia muito revoltante.

CAPITULO VIII

A CAVERNA DO DRAGÃO

O leitor que tem seguido os progressos da fortuna do joven alsaciano, talvez não fique surprehendido de o ver, no fim de poucas semanas, perfeitamente estabelecido na intimidade de Herr Schultze.

Haviam-se tornado inseparaveis. Trabalhos, refeições, passeios pelo jardim, grandes cachimbos fumados na companhia da espumante cerveja, tudo isto faziam em commum.

Nunca o ex-professor de Iena encontrára um collaborador que tanto lhe agradasse, que por assim dizer o comprehendesse com uma meia palavra apenas, que tão rapidamente soubesse utilizar os seus dados theoreticos.

Marcello não era só de merito transcendente em todos os ramos da profissão, era tambem o mais agradável companheiro, o mais assiduo operario, o inventor mais modestamente fecundo.

Herr Schultze estava encantado com elle.

Dez vezes ao dia dizia comsigo!

– Que achado! que preciosidade que é este rapaz!

A verdade era que Marcello comprehendêra ao primeiro relance o character do seu terrivel patrão.

Conhecêra que a sua faculdade dominante era um egoismo immenso, omnivoro, que interiormente se manifestava por uma vaidade feroz, e adoptára religiosamente o preceito de regular o seu procedimento por estes dados.

Em poucos dias o joven alsaciano aprendêra tão bem o especial dedilhar d'este teclado, que chegára a tocar Schultze, como quem toca piano.

Consistia principalmente a sua tactica em manifestar tanto quanto lhe era possivel o seu proprio merito, mas de modo que sempre ficava ao outro ensejo de mostrar a superioridade. Por exemplo, acabava elle um desenho, fazia-o perfeito, mas deixava-lhe um defeito facil de emendar, e que o professor logo indicava com extraordinaria exaltação.

Quanto tinha qualquer idéa theorica, procurava fazel-a surgir no meio da conversação, de modo que Herr Schultze podesse imaginar tel-a encontrado.

Algumas vezes ia mais longe ainda.

Dizia-lhe por exemplo:

– Tracei o plano d'este navio de esporão separavel, que o senhor me pediu.

– Eu? respondia Herr Schultze, que nunca pensára em similhante cousa.

– O senhor, sim! Então esqueceu-se?... Um esporão separavel, deixando no flanco do inimigo um torpedo em forma de fuso, que rebenta depois do intervallo de tres minutos!

– Já não me lembrava d'isso. Tenho tantas idéas na cabeça!

E Herr Schultze embolsava conscienciosamente a paternidade da nova invenção.

A final, talvez só andasse meio illudido n'este manejo.

No fundo é provavel que sentisse Marcello mais forte que elle. Mais, por uma d'essas mysteriosas mystificações que se operam no cerebro humano, chegava facilmente a contentar-se com *parecer* superior, e sobretudo causar illusão ao seu subordinado.

Demais, a sua vaidade achára bem depressa uma escala de compensação. Só elle no mundo podia realisar aquella especie de sonhos industriaes!... Estes sonhos não tinham valor senão por elle e para elle! Marcello, no fim de contas, não era senão uma das rodas do organismo, que elle, Schultze, soubera crear, etc, etc...

Apesar de tudo isto, não se desabotoava, como vulgarmente se diz. Depois de cinco mezes de per-

manencia na Torre do Touro, Marcello não estava mais adiantado a respeito dos mysterios do Corpo Central.

As suas suspeitas tinham-se porém, quasi tornado certezas.

Cada vez estava mais convencido de que Stahlstadt encerrava um segredo, e de que Herr Schultze tinha ainda em vista um fim muito differente do ganho.

A natureza das suas preocupações, a sua industria mesmo, tornavam muito verosimil a hypothese de que elle inventára algum novo engenho de guerra.

Mas a chave do enyigma continuava obscura.

Não tardou que Macello chegasse á conclusão de que não a obteria sem uma crise.

Como não a visse sobrevir, decidiu-se a provocal-a.

Era uma tarde, a 5 de setembro, no fim do jantar.

Exactamente um anno antes, encontrara elle o cadaver do seu pequeno amigo Carlos no poço Albrecht.

Ao longe, o inverno tão demorado e tão rude d'aquella suissa americana, cobria toda a campina com o seu manto de neve. Mas, no parque de Stahlstadt, a temperatura era tão tepida como no mez de junho, e a neve fundida antes de tocar no solo, depositava-se em orvalho em vez de caír em flocos.

– Estas salcichas com hortaliça de conserva estão deliciosas, não é verdade? observou Herr Schultze, a quem os milhões da begun não tinham porém, fatigado do seu manjar favorito.

– Deliciosas, respondeu Marcello, que todas as tardes comia d'ellas heroicamente, apesar de ter acabado por tomar horror áquelle manjar.

Os engulhos do seu estomago acabaram de o resolver á prova que elle premeditava.

– Eu até pergunto, como é que os povos que não teem nem chouriços, nem couves conservadas, nem cerveja podem tolerar a existencia! volveu Herr Schultze com um suspiro.

A vida deve ser para elles um longo supplicio, ponderou Marcello. Será em verdade dar prova de sentimentos humanitarios unil-os ao *Vaterland*.

– Oh! oh!... com o tempo... com o tempo! exclamou o Rei do Aço. Eis-nos já installados no centro da America. Deixe-nos tomar uma ou duas ilhas nos arredores do Japão, e verá que pernadas daremos á roda do globo!

O creado grave trouxera os cachimbos. Herr Schultze encheu o seu e accendeu-o.

Marcello escolhêra com premeditação aquelle momento quotidiano de completa beatitude.

– Devo dizer, acrescentou após um momento de silencio, que não creio muito n’essa conquista!

– Que conquista? perguntou Schultze, que já estava longe do assumpto.

– A conquista do mundo pelos allemães.

O ex-professor pensou que tinha entendido mal.

– Pois o senhor não acredita na conquista do mundo pelos allemães.

– Não.

– Essa agora!... não desgostava de saber os motivos d’essa duvida!

– Por uma rasão muito simples, porque os artilheiros francezes hão de ir a final mais longe e

derrotar os allemães. Os meus compatriotas, os suissos, teem a idéa fixa de que um francez prevenido vale por dois. 1870 é uma lição que hade redundar em prejuizo dos que a deram. No meu pequeno paiz ninguem duvida d'isso, senhor, e se quer que lhe diga tudo, é a opinião dos homens mais competentes em Inglaterra.

Marcello proferiu estas palavras com um tom frio, secco e cortante, que duplicou, se isso fosse possivel, o effeito que uma tal blasphemia proferida sem cerimonia, devia produzir sobre o Rei do Aço.

Herr Schultze ficou suffocado, espantado, aniquilado.

Subiu-lhe o sangue ao rosto com tamanha violencia, que Marcello ficou receioso de que houvesse ido muito longe.

Mas vendo que a victima, apesar de quasi asphyxiada de raiva, não morria do golpe, redarguiu:

– Sim, é desagradavel affirmar-o, mas é assim. Se os nossos rivaes não fazem mais ruido, fazem pelo menos mais trabalho. Julga que não teem aprendido nada depois da guerra? Emquanto que nós nos limitamos tolamente a augmentar o peso das nossas peças, tenha por certo que preparam novidades, e que daremos por ellas na primeira occasião.

– Novidades, novidades! balbuciou Herr Schultze. Nós tambem as preparamos, senhor!

– Ah! sim, falle-me n’isso! Refazemos em aço o que os nossos predecessores fizeram em bronze, mais nada! Duplicamos as proporções e o alcance das nossas peças!

– Duplicamos!... retrucou Herr Schultze n’um tom que significava: Na verdade! nós fazemos mais que duplicar!

– Mas no fundo, tornou Marcello, somos apenas plagiarios. Espere, quer que lhe diga toda a verdade? Falta-nos a faculdade de invenção. Nós não descobrimos nada, e os francezes, esses, descobrem, esteja certo d’isso!

Herr Schultze readquiria alguma tranquillidade apparente.

Comtudo, o tremor dos labios, a palidez que succedera á vermelhidao apopletica do seu rosto, sufficientemente denunciavam os sentimentos que o agitavam.

Pois havia de chegar áquelle grau de humilhação? Chamar-se Schultze, ser o senhor absoluto da maior officina e da primeira fundição

de canhões de todo o mundo, vêr a seus pés os reis e os parlamentos, e ouvir um insignificante desenhador suíço dizer-lhe que não tem invenção, que está abaixo de um artilheiro francez!... E isto quando tinha junto de si, detraz da espessura de um muro blindado, com que mil vezes confundir aquelle atrevido, fechar-lhe a bôca, reduzir-lhe a nada os tolos argumentos? Não, não era possível supportar tamanho supplicio!

Herr Schultze levantou-se tão repentinamente, que quebrou o cachimbo.

Em seguida fitou Marcello com um olhar repassado de ironia, e serrando os dentes disse-lhe, ou melhor, sibilou-lhe as seguintes palavras:

– Siga-me, senhor, vou-lhe mostrar se eu, Herr Schultze, tenho falta de invenção!

Marcello tinha feito um jogo atrevido, mas ganhara, graças á surpresa produzida por uma linguagem tão atrevida e tão inesperada, graças á violencia do despeito que provocára, pois que podia mais em Herr Schultze a vaidade que a prudencia.

O ex-professor estava ancioso por descobrir o seu segredo, e como que fóra de si.

Entrando no seu gabinete de trabalho, cuja porta fechou com cuidado, dirigiu-se á sua livraria e tocou em a almofada de uma das estantes.

No mesmo instante appareceu na parede uma abertura, occulta por fileiras de livros.

Era a entrada de uma estreita passagem que conduzia por uma escada de pedra, mesma á base da Torre do Touro.

Ahí abriu-se uma porta com uma chavesinha que o senhor d'aquelles dominios nunca largava.

Appareceu uma segunda porta fechada por um cadeado syllabico dos que servem para os cofres de segurança.

Herr Schultze formou a palavra e abriu o pesado batente de ferro, que era interiormente armado de um complicado aparelho de engenhos explosivos, que Marcello, de certo por curiosidade profissional, desejaria examinar.

Mas o seu guia não lhe deu tempo para isso.

Achavam-se ambos então em frente de uma terceira porta, sem fechadura apparente, que se abriu com um simples empurrão, dado, já se vê, segundo regras determinadas.

Transposto este triplice entrincheiramento, Herr Schultze e o seu companheiro tiveram que subir os duzentos degraus de uma escada de ferro, e chegaram ao cume da Torre do Touro, que dominava toda a cidade de Stahltdt.

Sobre esta torre de granito, arredondava-se uma especie de casamata, em que se abriam varias seteiras.

No centro da casamata estendia-se um canhão de aço.

– Veja! proferiu o ex-professor, que em todo o caminho não dissera palavra.

Era a maior peça de sitio que Marcello tinha visto.

Devia pesar pelo menos trezentos mil kilogrammas, e carregava-se pela culatra.

O diametro da bôca media metro e meio.

Montada sobre um reparo de aço, e rodando sobre calhas do mesmo metal, podia ser manobrada por uma creança, tão suaves eram os seus movimentos, graças a um systema de rodas dentadas.

Uma mola compensadora, collocada na trazeira do reparo, tinha por effeito annular o movimento de recuo, ou pelo menos produzir uma reacção rigorosamente igual, e collocar a peça automaticamente, depois de cada tiro, no seu primitivo logar.

– E qual é o poder de perfuração d’esta peça? perguntou Marcello, que não pode conter a sua admiração deante de um tal engenho.

– A vinte mil metros, com um projectil cheio, furamos uma chapa de quarenta pollegadas tão facilmente como se fóra uma fatia de pão.

– Qual é então o seu alcance.

– O seu alcance? exclamou Schultze que se enthusiasmava. Ah! dizia ha pouco que o nosso genio imitador só conseguira duplicar o alcance das peças actuaes! pois eu, com este canhão, en-

carrego-me de enviar, com precisão sufficiente, um projectil á distancia de dez leguas!

– Dez leguas! exclamou Marcello. Dez leguas! Que nova polvora emprega então?

– Oh! posso agora dizer-lhe tudo! respondeu Herr Schultze com um tom singular. Já não ha inconveniente em lhe revelar os meus segredos! O tempo da pólvora grossa passou. A de que me sirvo é o algodão-polvora, cuja força expansiva é quatro vezes superior á da polvora ordinaria, força que eu ainda elevo ao quintuplo, misturando-lhe oito decimas partes do seu peso de nitrato de potassa!

– Mas, observou Marcello, nenhuma peça, mesmo feita do melhor aço, poderá resistir á deflagração d’esse pyroxilo. O seu canhão, depois de tres, quatro, cinco tiros, ficará deteriorado e inutilisado!

– Um só tiro que desse, esse tiro seria bastante!

– Custaria caro!

– Um milhão, que é o custo da peça!

– Um tiro de um milhão!...

– Que importa, se póde destruir mil milhões.

– Mil milhões! exclamou Marcello.

Conteve-se porém, para não dar a conhecer o horror, repassado de admiração, que lhe inspirava aquelle prodigioso agente destruidor.

Depois acrescentou:

– É na verdade uma admiravel, uma maravilhosa peça de artilheria, mas que, apesar de todos os merecimentos, justifica absolutamente a minha these: aperfeiçoamentos, imitação, mas nenhuma invenção!

– Nenhuma invenção! volveu Herr Schultze encolhendo os hombros. Repito-lhe que já não tenho segredos para o senhor. Venha!

O Rei do Aço e o seu companheiro saíram da casamata, desceram ao andar inferior que estava em communicação com a plataforma por meio de elevadores hydraulicos.

Via-se ali uma porção de objectos sobre o comprido, de fórmula cylindrica, que a distancia poderiam ser tomados por outros tantos canhões desmontados.

– Eis as nossas bombas, disse Herr Schultze.

D’esta vez Marcello foi obrigado a reconhecer que estes engenhos não se pareciam com cousa alguma do que elle conhecia.

Eram enormes tubos de dois metros de comprimento e de um metro e dez de diametro, revestidos de uma capa de chumbo propria para se

amoldar ás estrias da peça, fechados da banda detraz por uma chapa de aço cavilhada e terminados por uma ponta de aço ogival, munida de um botão de percussão.

Qual era a natureza especial d'estas bombas?

Nada no seu aspecto a podia indicar.

Apenas se presentia que os seus flancos deviam conter alguma explosão terrível, excedendo tudo quanto jámais se vira n'aquelle genero.

– Não advinha? perguntou Herr Schultze vendo Marcello ficar silencioso.

– Palavra que não! Que bomba é esta tão comprida e pesada pelo menos na apparencia?

– A apparencia engana, respondeu Herr Schultze, e o peso não differe muito do peso de uma bomba ordinaria do mesmo calibre... Vamos lá, é preciso dizer-lhe tudo! Bomba foguete, reves-

tida de madeira de carvalho, carregada de acido carbonico liquido, submettido á pressão interior de sesenta e duas atmospheras. A quéda determina a explosão do envolucro e a nova transformação do liquido no estado gazoso. Consequencia: um frio de cerca de cem graus a baixo de zero em toda a zona contigua, e ao mesmo tempo a mistura de um enorme volume de gaz acido carbonico no ambiente. Todo o ente vivo que se encontre n'um raio de trinta metros do centro da explosão fica ao mesmo tempo congelado e asphyxiado. Digo trinta metros para uma base de calculo, mas a acção estende-se provavelmente muito mais longe, talvez a cem ou duzentos metros de raio! Circumstancia ainda muito mais vantajosa, como o gaz acido carbonico fica muito mais tempo nas camadas inferiores da atmospheras, em rasão do seu peso, que é superior ao do ar, a zona perigosa conserva

as suas propriedades venenosas muitas horas depois da explosão, e toda a creatura que n'ella penetre perece infallivelmente. É um tiro de peça de effeito ao mesmo tempo instantaneo e duravel!... Tambem com o meu systema, não ha feridos, ha só mortos!

Herr Schultze experimentava prazer manifesto em descrever os meritos da sua invenção.

Voltara-lhe o bom humor, estava rubro de orgulho e mostrava os dentes todos.

– Imagine-se, acrescentou, um numero sufficiente das minhas bocas de fogo assestadas sobre uma cidade sitiada. Suppunhamos uma peça para cada hectare de superficie, isto é para uma cidade de mil hectares, cem baterias de dez peças convenientemente collocadas. Supponha-

mos em seguida todas as nossas peças em posição devidamente apontadas, uma atmospherá serena e favorel e finalmente o signal dado por um fio electrico... Dentro de um minuto, não restará um só ente vivo sobre uma superficie de mil hectares! um verdadeiro oceano de acido carbonico terá submergido a cidade! Foi uma idéa que me ocorreu no anno passado ao ler o relatorio medico sobre a morte accidental de um menor empregado no poço Albrecht! Foi em Napoles, quando visitei a gruta do Cão³, que eu verdadeiramente tive a primeira inspiração d'este invento. Foi porém este

³ A gruta do Cão, nos arredores de Napoles, é assim chamada por causa da propriedade que a sua atmospherá possui de asphyxiar um cão ou um quadrupede qualquer de pernas curtas, sem fazer mal a um homem em pé, propriedade devida a uma camada de acido carbonico de quasi sessenta centimetros, que em virtude do seu peso especifico se mantem rente do solo.

ultimo acontecimento que deu á minha idéa o definitivo impulso. Comprehende bem o principio, não é verdade? Um oceano artificial de acido puro! Ora, uma porção de gaz na proporção de um quinto é bastante para tornar o ar irrespiravel.

Marcello não dizia palavra.

Estava litteralmente reduzido ao silencio. Herr Schultze sentia tão vivamente o seu triumpho, que não quiz abusar d'elle.

– Ha só uma particularidade que me contraria.

– Qual? perguntou Marcello.

– É não ter conseguido supprimir o ruido da explosão. É uma cousa que dá ao tiro do meu canhão muita analogia com o do vulgar. Considere o que seria se eu conseguisse um tiro

silencioso! Esta morte subita, chegando sem ruido a cem mil homens a um tempo, n'uma noite tranquilla e serena!..

O ideal encantador que evocava, mergulhou Herr Schultze em meditação, a qual não passava de profunda immersão n'um banho de amor proprio, que se teria prolongado por muito tempo, se Marcello lh'a não interrompesse com esta observação:

– Muito bem, senhor, muito bem, mas mil canhões d'este genero, é tempo e dinheiro.

– Dinheiro? É o que não nos falta! Tempo!...
O tempo pertence-nos!...

E na verdade, este allemão, o ultimo da sua escola, acreditava o que dizia!

– Seja como diz, tornou Marcello. A sua bomba, carregada de acido carbonico, não é abso-

lutamente nova, porque descende dos projectis asphyxiantes, conhecidos ha bastantes annos: póde porém ser extremamente destruidora. Entretanto...

– O que?

– É relativamente ligeira para o volume, e se fôr a dez leguas...

– É fabricada para só ir a duas leguas, retorquiou Herr Schultze sorrindo. Mas, acrescentou, eis um projectil fundido. Este está cheio e contém cem pequenos canhões symmetricamente dispostos, encaixados uns nos outros, como os tubos de um oculo de ver ao longe, e que depois de terem sido lançados como projectis, tornam-se canhões, para por seu turno vomitarem pequenas bombas carregadas de materias incendiarias. É uma especie de bateria que eu arremesso ao espaço e que póde semear o

incendio e a morte sobre uma cidade inteira, cobrindo-a de uma chuva torrencial de inextinguível fogo! Tem o peso requerido para transpor as dez leguas de que fallei! E dentro em pouco a experiencia será feita de tal maneira, que os incredulos poderão ver com os seus proprios olhos cem mil cadaveres que elle ha de deitar por terra!

Os dentes brilhavam n'aquelle momento de um modo tão insupportavel na bôca de Herr Schultze, que Marcello teve o mais violento desejo de lhe quebrar uma duzia.

Conseguiu porém ainda conter-se. Não ouvira tudo quanto devia ouvir.

Effectivamente, Herr Schultze proseguiu:

– Disse-lhe que dentro em pouco se fará uma experiencia decisiva!

– Como? Aonde? exclamou Marcello.

– Como? Com uma d’essas bombas, que transporá os Cascade-Mounts, atirada pelo meu canhão na plataforma!... Onde? Sobre uma cidade de que nos separam, o muito, dez leguas, que não espera de certo por este trovão, e que ainda que o esperasse, não poderia evitar os seus efeitos fulminadores! Estamos a 5 de setembro!... Pois bem a 13 ás onze horas e quarenta e cinco minutos da noite, France-Ville desaparecerá do sólo americano! O incendio de Sodoma ficará tendo o seu equivalente! O professor Schultze desencadeará também os fogos do céu!

D’esta vez, a esta declaração inesperada, todo o sangue de Marcello lhe refluíu para o coração!

Felizmente, Schultze não reparou.

Proseguiu no tom mais desenfadado:

– Veja, fazemos aqui o contrario do que fazem os inventores de France-Ville. Nós procuramos o

segredo de abreviar a vida dos homens, enquanto que elles procuram a maneira de a dilatar. Mas a sua obra está condemnada, e é da morte, semeada por nós, que deve nascer a vida. Entretanto, tudo na natureza tem o seu fim, e o doutor Sarrasin, ao fundar uma cidade isolada, poz, sem tal cuidar, o mais magnifico campo de experiencias á minha disposição.

Marcello não podia acreditar que acabava de ouvir.

– Mas, disse elle com uma voz, cujo tremor involuntario pareceu attrahir a attenção do Rei do Aço, os habitantes de France-Ville não lhe fizeram cousa alguma, senhor! Que eu saiba, não tem motivo algum para os provocar.

– Meu caro, respondeu Herr Schultz, no seu cerebro, aliás bem organizado sob outros aspectos, ha um fundo de idéas celticas que basta-

nte o prejudicariam, se tivesse de viver por muito tempo! O direito, o bem e o mal, são cousas puramente relativas e de convenção. Absoluto, só ha as grandes leis naturaes. A lei da concorrência vital é-o pelo mesmo titulo que a lei da gravitação. Querer subtrahir-se a ella é cousa insensata; conformar-se a gente e proceder no sentido que ella nos indica, é cousa rasoavel e acertada, e eis porque destruirei a cidade do doutor Sarrasin. Graças ao meu canhão, os meus cincoenta mil allemães facilmente darão cabo d'aquelles cem mil sonhadores, que constituem além um grupo destinado a perecer.

Comprehendendo a inutilidade de querer raciocinar com Herr Schultze, não procurou convencer-o.

Sairam ambos da sala dos projectis explosivos, cujas portas de segredo foram novamente fechadas, e tornaram a descer á casa de jantar.

Com o ar mais natural do mundo, Herr Schultze levou mais uma vez o caneco de cerveja aos labios, tocou uma campainha, e dirigindo-se ao creado, disse-lhe:

– Estão ahi Arminius e Sigimer?

– Sim, senhor.

– Dize-lhes que fiquem ahi ao alcance da minha voz.

Depois do creado sair, o Rei do Aço voltou-se para Marcello e olhou bem fito para elle.

Marcello não baixou os olhos diante d'aquelle olhar, que tomára uma dureza metallica.

– Realmente, disse, vae executar esse projecto?

– Com toda a certeza. Conheço com a exactidão de decimos de segundo em longitude e latitude. a situação de France-Ville e a 13 de setembro, ás onze horas e quarenta e cinco minutos da noite, terá ella deixado de existir.

– Talvez devesse ter conservado esse plano absolutamente secreto!

– Meu caro, redarguiu Herr Schutlze, decididamente nunca será um espirito logico. Faz isto que como eu tenha menos pena de que o senhor deva morrer cedo.

A estas palavras, Marcello levantára-se.

Herr Schultze, accrescentou friamente:

– Como foi que não comprehendeu que eu não falo dos meus projectos senão diante d’aquelles que não poderão divulgá-los?

Soou a campainha.

Arminius e Sigimer, dois gigantes, apparecem á porta da sala.

– Quiz conhecer o meu segredo, tornou Kerr Schultze, conhece-o!... Só lhe resta morrer.

Marcello não retorquiu.

– O senhor é muito inteligente, proseguiu Herr Schultze, para suppor que eu o possa deixar viver, agora que sabe o que deve pensar ácerca dos meus projectos. Seria uma leviandade imperdoavel, uma falta de logica. A grandeza do fim que me proponho prescreve-me que não compremetta o seu exito com uma consideração de um valor relativo tão pequeno como é a vida de um homem – ainda que esse homem seja como o meu amigo, cuja excellente organização cerebral particularmente estimo. Por isso, tambem, lastimo deveras que um pequeno impulso de amor proprio me haja levado demasiado longe, e me colloque presentemente na necessidade de o supprimir. Mas deve comprehender, em vista dos interesses

a que me dediquei, que cessa toda a questão de sentimento. Posso muito bem dizer-lh'o agora, foi por haver devassado o meu segredo que o seu predecessor Shone morreu, e não por effeito da explosão de dynamite!... É absoluta a regra, é preciso que ella seja inflexivel! não posso mudar cousa alguma.

Marcello olhava para Herr Schultze. Á expressão de teima bestial que lia n'aquella fronte calva, comprehendeu que estava perdido.

Por isso, nem se quer se deu ao incommodo de protestar.

– Quando morro, e de que genero de morte? perguntou.

– Não se inquiete com essa particularidade, respondeu tranquillamente Herr Schultze. Morrerá, mas evitar-se-lhe-ha o soffrimento. Uma manhã não accorderá. Mais nada.

A um signal de Herr Schultze, os dois gigantes conduziram Marcello e fecharam-n'o no seu quarto, a cuja porta se pozeram de guarda.

Quando se viu só, Marcello poz-se a pensar, tremulo de angustia e colera, em todos os seus, nos seus compatriotas, em todo a quem amava?

– A morte que me espera não é nada, disse; mas como evitar o perigo que os ameaça?

CAPITULO IX

A FUGA

A situação era com effeito extremamente grave.

O que podia fazer Marcello, cujas horas estavam contadas, e que via talvez, com o pôr do sol, chegar a sua ultima noite?

Não dormiu um instante, não com o receio de não tornar a acordar, como lhe dissera Herr Schultze, – mas porque o seu pensamento não podia abandonar France-Ville, ameaçada por aquella eminente catastrophe!

– O que tentar? repetia elle consigo. Destruir aquelle canhão? Fazer saltar a torre onde elle está assestado? Fugir? Fugir, quando o meu quarto está guardado por aquelles dois co-

lossos! E depois quando eu conseguisse, antes d'aquella data de 13 de setembro, abandonar Stahlstadt, como bastaria eu... Oh! sim! Quando não salvasse a nossa querida cidade, poderia pelo menos salvar os seus habitantes, chegar aonde elles estão, gritar-lhes: Fugi, fugi quanto antes! Estaes ameaçados de perecer pelo ferro e pelo fogo! todos!

Em seguida as idéas de Marcello tomavam outro curso.

– Aquelle miseravel Schultze! pensou. Admittindo mesmo que elle exaggerasse os effeitos destruidores do seu projectil. e que não possa cobrir com aquelle fogo inextinguivel toda a cidade, é certo que póde com um só tiro incendiar uma grande parte! Foi um engenho formidavel o que inventou, e apesar da distancia que separa as duas cidades, aquelle terrivel canhão póde muito

bem mandar o projectil ao seu destino! Uma velocidade inicial vinte vezes superior á velocidade obtida até aqui! Nada menos que uns dez mil metros, duas leguas e meia por segundo! Mas é quasi o terço da velocidade de translação da terra na sua orbita! Será possivel?... Sim! se o seu canhão não rebentar ao primeiro tiro!... E não rebenta de certo, porque é fabricado com um metal cuja resistencia é quasi infinita! O maroto conhece com muita exactidão a situação de France-Ville. Sem saír do seu antro, apontará o canhão com previsão mathematica, e, como o disse, a bomba irá cair no centro mesmo da cidade! Como prevenir d'isto os seus infelizes habitantes?

Marcello não pregou olho até ao romper do dia.

Abandonou então o leito, sobre o qual debalde se estendêra durante aquella febril insonia.

– Vamos lá, disse consigo, é para a noite seguinte! O verdugo, que quer por força poupar-me o padecer, ha de por certo esperar que o somno, vencendo a inquietação, se tenha apoderado de mim! E então!... Mas que especie de morte me destina? Tencionará elle matar-me com alguma inalação de acido prussico enquanto durmo? Ou introduzirá no meu quarto o gaz acido carbonico que tem á discreção? Ou não empregará antes esse gaz no estado liquido, tal como o introduz nos seus projectis de vidro, e cuja subita transformação em estado gazoso determinará um frio de cem graus! E no dia seguinte em logar de *mim*, d'este corpo vigoroso, bem constituido, cheio de vida, só se encontrará uma mumia dissecada, regelada, interçada! Ah! miseravel! Embora! que o meu coração se disseque, que a minha vida se enregele n'essa insupportavel tem-

peratura, mas que os meus amigos, que o doutor Sarrasin, a sua familia, e Joanna, a minha Joanninha, se salvem! Ora para isso é preciso que eu fuja... Fugirei pois!

E proferindo as ultimas palavras, Marcello por um movimento instintivo, apesar de dever considerar-se fechado no seu quarto, levou a mão á fechadura da porta.

Com extrema surpresa sua, a porta abriu-se, e como das mais vezes, pôde descer ao jardim onde costumava passeiar.

– Ah! exclamou, estou prisioneiro no Corpo Central, mas não no meu quarto! Já é alguma cousa!

Sómente, assim que se achou fora, viu que apesar de aparentemente livre, não poderia dar um passo sem ser escoltado pelos dois personagens

que davam pelos nomes historicos, ou antes prehistoricos, de Arminius e de Sigimer.

Mais de uma vez, encontrando-os na sua passagem, perguntára a si proprio em que se occupariam aquelles dois colossos de veste escura, pescoço de touro, biceps herculeos e faces vermelhas cobertas de bigodes espessos e de barbas cerradas!

Conhecia agora a sua occupação.

Eram os executores da alta justiça de Herr Schultze, e provisoriamente os seus guardas de corpo.

Aquelle dois gigantes guardavam-n'o á vista, dormiam á porta do seu quarto, e seguiam-n'o passo a passo quando elle ia ao jardim.

Um formidavel armamento de revolvers e de punhaes, acrescentado ao seu uniforme, caracterisava ainda mais a sua vigilancia.

Sobre todo isto eram calados como uma porta.

Tendo querido, com um fim diplomatico, travar conversa com elles, Marcello só obtivera como resposta olhares ferozes. Até o offerecimento de um copo de cerveja, que elle tinha rasões para julgar irressitivel, não produzira resultado.

Após quinze horas de observação só lhes conhecêra um vicio, – um só – o cachimbo que tomavam a liberdade de fumar mesmo atraz d'elle.

Este unico vicio, poderia Marcello exploral-o em beneficio da sua propria salvação.

Não sabia, não podia ainda imaginar como, mas jurára a si proprio fugir, e não devia desprezar cousa alguma que concorresse para a sua evasão.

Ora o tempo urgia. Só não sabia o que fazer para a poder realisar.

Ao menor indício de revolta ou fuga, Marcello tinha a certeza de receber duas balas na cabeça. Suppondo que não lhe acertassem, achava-se exactamente no centro de uma triplice linha fortificada, guarnecida de uma triplice fileira de sentinellas.

Segundo o seu costume, o antigo alumno da Escola Central estabelecêra o problema a si proprio, com toda a clareza, como mathematico. Problema: – Ha um homem guardado á vista por uns sujeitos sem escrupulos, individualmente mais fortes que elle, e além d'isso armados até aos dentes. É preciso primeiramente que este homem escape á vigilancia dos seus comitres. Conseguido isto, tem depois que sair de uma praça forte, cujos accessos são rigorosamente vigiados...

Cem vezes Marcello ruminou esta dupla questão e cem vezez esbarrou n'uma impossibilidade.

A final, a extrema gravidade da situação deu ás suas faculdades inventivas o supremo incitamento.

Seria sómente o acaso que permittiu a descoberta? É difficil responder.

A verdade é que no dia seguinte, emquanto Marcello passeava pelo jardim, deparou, á beira de um taboleiro, com um arbusto cujo aspecto lhe chamou a attenção.

Era uma planta de triste apparencia, herbacea, de folhas alternas, ovaes, agudas, dispostas aos pares, com grandes flores vermelhas em fórma de campainha, monopétalas e sustentadas por um pedunculo auxiliar.

Marcello, que só estudara botanica como amator, julgou ainda assim reconhecer n'aquelle arbusto a physionomia caracteristica da familia das solaneas.

Á aventura colheu sempre uma folhinha e foi-a mastigando enquanto continuava no seu passeio.

Não se enganára. Uma prostração geral acompanhada de um começo de nauseas, deu-lhe a saber que tinha á mão um laboratorio natural de belladona, isto é, do mais activo dos narcoticos.

Continuando a divagar, chegou ao lagosinho artificial que se estendia na direcção sul do jardim, e ia alimentar, n'uma das extremidades, uma cascata bastante servilmente copiada de uma do bosque de Bolonha.

– Onde irá desaguar a agua d'esta cascata? perguntou Marcello a si mesmo.

Desaguava primeiramente no leito de um pequeno rio, que depois de descrever uma duzia de curvas, desaparecia no limite do parque.

Devia pois haver além um escoadouro, e segundo todas as apparencias o rio desaguava por um dos canaes subterraneos que iam regar a planicie que ficava adjacente a Stahlstad.

Marcello entrevia ali uma saída.

Não era com certeza nenhum portão, mas era uma porta.

– E se o canal estivesse fechado por grades de ferro? objectou logo a voz da prudencia.

– Quem não se arriscou não perdeu nem ganhou! As limas não se fizeram para cortar rolhas de cortiça, e haexcellentes limas no laboratorio! replicou outra voz ironica, a que dicta as resoluções arrojadas.

Em dois minutos a resolução de Marcello estava tomada.

Uma idéa, – o que se chamma uma idéa – acudira-lhe, idéa irrealisavel, talvez, mas que elle tentaria realisar, se a morte o não surprehendesse antes.

Voltou então sem affectação para o arbusto de flores vermelhas, e arrancou-lhe duas ou tres folhas, mas de modo que os guardas não podessem deixar de ver o que elle fazia.

Depois, quando novamente se achou no seu quarto, pôz, sempre ostensivamente, as folhas no lume, a seccarem, moeu-as em seguida nas mãos e misturou-as com o tabaco.

Com extrema surpresa sua, durante os seis dias que se seguiram, Marcello acordou todas as manhãs.

Herr Schultze, a quem elle já não via, a quem nunca encontrava nos seus passeios, teria desistido do projecto de se desfazer d'elle?

Tanto, de certo, como desistira do projecto de destruir a cidade do doutor Sarrasin.

Marcello aproveitou pois a licença que lhe davam de viver, e continuou todos os dias com o seu manejo.

Tomava porém cuidado, já se vê, em não fumar belladona, e para esse fim tinha dois maços de tabaco, um para uso pessoal, o outro para manipulação quotidiana.

O seu fim era simplesmente despertar a curiosidade de Arminius e de Sigimer.

Fumadores viciosos como eram, aquelles dois brutos deviam depressa notar o arbusto de que elle colhia as folhas, imitar a sua operação e experimentar o gosto que aquella mistura communicava ao tabaco.

O calculo era justo, e o resultado previsto produzia-se por assim dizer mechanicamente.

Ao sexto dia, vespera do fatal 13 de setembro, Marcello teve a satisfação, olhando de revez, como quem não pensava sequer em semelhante cousa, de ver que os seus guardas também faziam provisão de folhas verdes.

Uma hora depois, certificou-se de que as seccavam ao lume, as moiam nas mãos colossaes, as misturavam com o tabaco.

Pareciam até lamber os beiços antes de fumarem!

Tencionava então Marcello sómente adormecer Aminius e Sigimir?

Não.

Não bastava subtrahir-se á sua vigilancia.

Era preciso também achar meio de passar pelo canal através da massa de agua que n'elle se despejava, ainda que o canal medisse muitos kilometros de comprimento.

Esse meio, Marcello já o imaginára.

Tinha, é verdade, por cada probabilidade de perecer, nove de se salvar, mas o sacrificio da sua vida, já condemnada, estava feito, havia muito tempo.

O inseparavel trio tomou o caminho do jardim.

Sem hesitar, sem perda de um minuto, Marcello dirigiu-se deliberadamente para um edificio que se elevava de entre uma mata e que não era senão a officina de modelos.

Escolheu um banco afastado, encheu o cachimbo e poz-se a fumar.

No mesmo instante Arminius e Sigimer, que tinham os seus cachimbos já promptos, installaram-se no banco proximo e começaram a aspirar enormes fumaças.

Não se fez esperar o efeito do narcotico.

Não haviam ainda decorrido cinco minutos, e já os dois allemães bocejavam e se estiravam, como dois ursos na jaula. Uma nuvem velou-lhes os olhos, os ouvidos zumbiram-lhes, o rosto passou-lhes do vermelho claro ao vermelho côr de cereja, os braços caíram-lhes inertes, a cabeça pendeu-lhes sobre o encosto do banco.

Os cachimbos rolaram pelo chão.

Por fim dois roncões sonoros vieram misturar-se com o chilrear dos passaros que um estio perpetuo retinha no jardim de Stahlstadt.

Marcello só esperava aquelle momento. E com que impaciencia, ha de se comprehender, porque na noite seguinte ás onze horas e quarenta e cinco minutos, France-Ville, condemnada por Herr Schultze, teria cessado de existir.

Marcello correu para a casa dos modelos.

Aquelle vasto recinto encerrava um museu completo. Reducções de machinhas hydraulicas, locomotivas, machinas a vapor, locomoveis, bombas de esgoto, helices, machinas de perfurar, machinas e quilhas de navios, estavam ali muitos milhões de obras primas.

Eram os modelos em madeira de tudo o que a officina Schultze fabricara desde a sua fundação, e como bem se póde suppor, os riscos para canhões torpedos ou bombas não faltavam ali.

Ao mesmo tempo que ía preparar o seu plano de evasão, queria aniquilar o museu dos modelos de Stahlstadt.

Ah! se elle podesse tambem destruir, conjunctamente com a casamata e o canhão que ella abrigava, a enorme e indestructivel Torre do Touro! Mas nem pensar n'isso.

O primeiro cuidado de Marcello foi pregar n'um serrasinha de aço, propria para serrar ferro, que estava pendurada n'um cabide de ferramenta, e mettel-a algibeira.

Em seguida accendeu um phosphoro que tirou da sua caixa, e approximou-o, sem que a mão lhe hesitasse, de um canto da casa onde estavam amontoados cartões de desenho e ligeiros modelos de pinho.

Depois saiu.

Passado um instante, o incendio, alimentado por todas aquellas materias combustiveis, lançava intensas chammas através das janellas da sala.

No mesmo instante soava o sino de alarme, uma corrente punha em movimento as caimpainhas electricas dos diversos bairros de Stahlstadt e os bombeiros, puxando as bombas a vapor, acudiam de todos os lados.

No mesmo momento apparecêra Herr Schultze, cuja presença era propria para mais animar a todos aquelles trabalhadores.

Em poucos minutos as caldeiras a vapor estavam em pressão e as bombas funcionavam com rapidez.

Era um diluvio que despejavam sobre as paredes e até sobre os tectos do museu dos modelos.

Mas o fogo, mais potente que a agua, que por assim dizer se vaporisava ao seu contacto, em vez de extinguir envolveu rapido todas as partes do edificio ao mesmo tempo.

Em cinco minutos adquirira uma intensidade tal, que se devia perder toda a esperança de o dominar.

O espectáculo era grandioso e terrível.

Occulto a um canto, Marcello não perdera de vista Herr Schultze, que animava a sua gente como se fosse n'um assalto de uma cidade.

O museu dos modelos estava isolado, e havia a certeza de que seria completamente consummido.

Vendo que nada se podia preservar do edificio, Herr Schultze fez ouvir estas palavras proferidas com voz vibrante e sonora:

– Dez mil dollars a quem salvar o modelo n.º 3:175, que está na vitrine do centro.

Este modelo era exactamente o do famoso canhão aperfeiçoado por Schultze, e mais precioso para elle que nenhum dos outros objectos encerrados no museu.

Mas para salvá-lo, era preciso arremetter sob uma chuva de fogo, através de uma atmosphera de fumo negro que devia ser irrespiravel.

Em dez probabilidades, havia nove de lá ficar.

Por isso, apesar do engodo dos dez mil dollars, ninguém respondia ao appello de Schultze.

Apresentou-se um homem finalmente.

Era Marcello.

– Vou eu, disse.

– O senhor! exclamou Herr Schultze.

– Eu, sim!

– Saiba que isso não o livra da morte a que está condemnado!

– Não pretendo subtrahir-me a ella, mas arrancar á destruição esse precioso modelo!

– Vá, então, tornou-lhe Herr Schultze, e juro-lhe que se sair bem os dez mil dollars serão fielmente entregues aos seus herdeiros.

– Conto com isso, disse Marcello.

Tinham para ali trazido muitos apparatus Galibert, que estavam sempre preparados para algum incendio.

Com estes aparelhos podia-se penetrar em sitios irrespiraveis.

Marcello já fizera uso d'elle, quando tentára salvar da morte o pequeno Carlos, o filho da senhora Bauer.

Pozeram-lhe em seguida ás costas um d'esses aparelhos, cheio de ar comprimido por uma pressão de muitas atmospheras.

Entalou a pinça no nariz, metteu nos labios a extremidade dos tubos, e arremetteu para a fumaceira.

– Bem, tenho ar no reservatorio para um quarto de hora. Deus queira que me chegue!

Como muito bem se ha de imaginar, Marcello não tinha a mais pequena idéa de poder salvar o desenho da peça Schultze.

Não fez mais que atravessar, com perigo de vida, a sala cheia de fumo, debaixo de um chuvei-

ro de tições, de vigas calcinadas que, por milagre, não lhe tocaram, e no momento em que o telhado abatia no meio de enorme explosão de fagulhas, que o vento elevava até ás nuvens, escapava-se por uma porta opposta que deitava para o jardim.

Correr para o pequeno rio, descer a praia até ao escoadouro desconhecido que o encaminhava para fóra de Stahalstad, atirar-se á agua sem hesitação, foi para Marcello obra de alguns segundos.

Levado por uma rapida corrente deslisou em meio de uma massa de agua que media sete ou oito pés de profundidade.

Não tinha necessidade de se orientar, porque a corrente conduzia como se fôra um fio de Ariadne.

Quasi no mesmo instante conhecia que entrava n'um estreito canal, especie do conducto

intestinal, que o crescer das aguas do rio enchia completamente.

– Qual será o comprimento d’este canal? perguntou Marcello de si para si. Depende tudo d’esse comprimento. Se o não transpozer n’um quarto de hora, faltar-me-ha o ar e ficarei perdido.

Marcello conservára todo o seu sangue frio.

Havia dez minutos que a corrente o impellia, quando esbarrou n’um obstaculo.

Era uma porta em fórmula de grade de ferro que fechava o canal.

– Devia receiar isto mesmo! disse Marcello com simplicidade.

E sem perda de um segundo, tirou a serra da algibeira e começou a serrar a lingueta da fechadura, rente do encaixe.

Nada conseguiu em cinco minutos.

A grade continuava obstinadamente fechada.

Muito rarefeito no reservatorio, o ar já era bastante insufficiente.

Zumbidos nos ouvidos, sangue nos olhos, principio de congestão na cabeça, tudo indicava que a asphyxia o ia fulminando!

Não obstante, insistia, continha a respiração a fim de consumir a menor quantidade possivel de oxygenio que os seus pulmões, em rasão da sua estructura, não podiam haurir n'aquelle meio!... Mas a lingueta não cedia apesar de já cortada em grande parte.

N'aquelle momento escapou-lhe a serra das mãos.

– Deus não póde ser contra mim! pensou.

E abanou a grade com as mãos, empregando o vigor que só o supremo instincto da conservação nos póde dar.

A grade abriu-se. Quebrára a lingueta da fechadura, e a corrente arrastou o infeliz Marcello

quasi inteiramente suffocado, e que se extenuava a aspirar as ultimas moleculas de ar do reservatorio!

.....

No dia seguinte, quando as creaturas de Herr Schultze penetraram no edificio, inteiramente consumido pelo incendio, não acharam, nem entre os destroços nem nas cinzas ainda quentes, resto algum de ente humano.

Ficava pois certo o allemão de que o corajoso operario havia sido victima da sua dedicação.

Os que o tinham conhecido nas officinas do estabelecimento não se admiravam.

Não se podéra salvar o modelo tão precioso, mas tambem o homem que possuia os segredos do Rei do Aço já não existia.

– É o céu testemunha de que queria poupal-o ao soffrimento, disse consigo Herr Schultze, tomando

um ar muito bonacheirão. Em todo o caso é uma economia de dez mil dollars!

E foi esta unicamente a oração funebre do joven alsaciano!

CAPITULO X

UM ARTIGO DA «UNSERE CENTURIE», REVISTA ALLEMÃ

Um mez antes da época em que se passavam os acontecimentos que ficam acima anotados, uma revista intitulada *Unsere Centurie* (O nosso seculo) publicava o seguinte artigo a respeito de France-Ville, artigo que foi particularmente apreciado pelos entendedores allemães, talvez porque n'elle não se pretendia estudar aquella cidade senão sob o ponto de vista exclusivamente material.

«Já entretivemos a atenção do leitor com o phenomeno extraordinario que se deu na costa occidental dos Estados Unidos. Graças á proporção consideravel de emigrantes, que a sua

população encerra, a grande republica americana tem ha muito costumado o mundo a uma successão de surpresas. Mas a ultima e a mais singular é na verdade a de uma cidade chamada France-Ville, cuja idéa sequer não existia ha cinco annos, hoje florescente e que subitamente se vê no mais alto grau de prosperidade.

Esta maravilhosa cidade elevou-se como por encanto na riba embalsamada do Pacifico. Não examinaremos se o plano primitivo e a idéa primaria pertencem, como se affirma, a um francez, o doutor Sarrasin. A cousa é possível, pois que esse medico póde-se gabar de afastado parentesco com o nosso illustre Rei do Aço. Até, diga-se de passagem, se acrescenta que a capação de certa herança que pertencia legitimamente a Herr Schultze não foi estranha á fundação de France-Ville. Por toda a parte onde se faz algum

bem no mundo, pôde-se ter a certeza de ahi encontrar uma semente germanica. É uma verdade que n'esta occasião affirmamos com orgulho. Seja como fôr, devemos aos nossos leitores informações precisas e authenticas a respeito d'esta vegetação espontanea de uma cidade modelo.

É escusado procurar esta no mappa. Mesmo no grande atlas em tresentos e setenta e oite volumes in-folio do nosso eminente Tuchtigmann, onde estão indicadas com rigorosa exactidão todas as moitas e pequenos bosques do antigo e novo mundo, mesmo esse monumento generoso da sciencia geografia applicado á arte do atirador, não traz o menor indicio de France-Ville. No local onde se acha agora a nova cidade, estendia-se ainda hacinco annos uma *land* deserta. É o ponto exacto indicado no mappa por 43° 11' 3''

de latitude norte e $124^{\circ} 14' 17''$ de longitude oeste de Greenwich. Como se vê, acha-se na margem do Oceano Pacifico e no sopé da cadeia secundaria das montanhas Rochosas, que recebeu o nome de Monte das Cascatas, a vinte leguas ao norte do Cabo Branco. Estado de Oregon, America septentrional.

Entre varios outros sítios favoraveis foi escolhido e procurado com cuidado o local mais vantajoso.

Entre as razões que determinaram a sua adopção sobrelevam especialmente a sua latitude temperada no hemispherio norte, que tem sempre estado á frente da civilisação terrestre; – a sua posição no meio de uma republica federativa, e n'um Estado ainda novo, o que lhe permittiu obter a garantia da sua independência provisoria e direitos analogos aos que possui na Europa o Prin-

cipado de Monaco, com a condição de entrar na União passado um certo numero de annos; – a sua situação sobre o oceano, que se vae tornando cada vez mais a grande estrada do mundo; – a natureza accidentada, fertil e eminentemente salubre do solo; – a proximidade de uma cordilheira que detem ao mesmo tempo os ventos do norte e sul e de leste deixando á brisa do Pacifico o cuidado de lhe renovar a atmospheria; – a posse de um pequeno rio, cuja agua fresca, doce, leve, oxygenada por cascatas repetidas e pela rapidez do seu curso, chega perfeitamente pura ao mar; – finalmente um porto natural facil de desenvolver por meio de diques e formado por um extenso promontorio recurvado em fórma de gancho.

Apontam-se poucas vantagens secundarias, taes como a proximidade de bellas carreiras de marmore e de pedras, jazigos de kaolin e até ves-

tigios de pepitas auríferas. Esta ultima particularidade esteve quasia fazer abandonar o territorio, porque os fundadores da cidade receiavam que a febre do ouro viesse a contrariar os seus projectos. Mas, por felicidade, as pepitas eram pequenas e raras.

A escolha do território, apesar de bem determinado por estudos serios e profundos, poucos dias levará e não necessitára de expedição especial. A sciencia do globo acha-se agora bastante adiantada para que se possa, sem se saír do gabinete, alcançar sobre as regiões mais longinquoas informações exactas e rigorosas.

Decidido este ponto, dois membros da comissão organisadora tomaram em Liverpool o primeiro paquete a sair, chegaram em onze dias a Nova York, e sete dias depois a S. Francisco, onde fretaram um steamer, que em dez horas os punha no local designado.

Entender-se com a legislatura de Oregon, obter uma concessão de terreno que se estendia da beira mar até ao cume de Cascade-Moonts, com uma largura de quatro leguas, indemnizar com alguns milhares de dollars meia duzia de plantadores que tinham sobre aquellas terras verdadeiros ou suppostos direitos, tudo isto não levou mais de um mez.

Em janeiro de 1872 estava já o territorio reconhecido, medido, balisado, sondado e um exercito de vinte mil coolies chinezes, sob a direcção de quinhentos contramestres e engenheiros europeus, achava-se em acção. Cartazes affixados em todo o Estado da California, um wagon-annuncio acrescentado permanentemente ao combio rapido que parte todas as manhãs de S. Francisco para atravessar o continente americano, e um reclame quotidiano

nos vinte e tres jornaes d'aquella cidade tinham bastado para assegurar o recrutamento dos operarios. Fôra até inutil adoptar o processo de publicidade em ponto grande, por meio de letras gigantescas esculpidas nos picos das montanhas Rochosas, que uma companhia viera offerecer a preços reduzidos. Deve-se tambem declarar que a affluencia dos coolies chinezes na America occidental introduzia n'aquelle momento grave perturbação no mercado dos salarios. Muitos Estados tinham-se visto obrigados a recorrer, a bem dos meios de subsistencia dos seus proprios habitantes e para impedir sanguinolentas violencias, á expulsão em massa d'aquelles desgraçados. A fundação de France-Ville sobreveiu a proposito para evitar que elles perecessem. Fixaram-lhes a remuneração uniforme de um dollar por dia, que não lhes devia

ser pago senão depois da conclusão dos trabalhos. Além d'isso a administração municipal distribuia-lhes viveres. Evitavam-se por este modo a desordem e as especulações que muitas vezes deshonram os grandes deslocamentos da população. O producto dos trabalhos era depositado todas as semanas, em presença dos delegados, no grande Banco de S. Francisco, e cada coolie devia-se comprometter a abandonar aquelle local, logo que lhe liquidassem as suas contas. Precaução indispensavel para se desembaraçarem de uma população amarella que deveria de modificar por maneira bastante desagradavel o typo e o genio da cidade nova. Como os fundadores se tinham aliás reservado o direito de conceder ou de recusar a permissão de residencia, tornava-se relativamente facil a applicação d'aquella medida.

O primeiro trabalho importante foi a construcção de um ramal ligando o territorio da nova cidade com a linha principal do caminho de ferro do Pacifico e terminando na cidade do Sacramento.

Houve o cuidado de se evitar todos os desaterros e remoções de terra importantes que podessem exercer na salubridade publica uma funesta influencia.

Estes trabalhos e os do forte foram executados com uma actividade extraordinaria. No mez de abril já o primeiro comboio directo de Nova York conduzia á *gare* de France-Ville os membros da commissão, que até aquelle dia se haviam conservado na Europa.

N'este intervallo, havia-se assentado nos planos geraes da cidade, e na determinação das habitações particulares e dos monumentos publicos.

Não faltavam os materiaes. Logo ás primeiras noticias do novo projecto, apressara-se a industria americana a inundar os caes de France-Ville com todos os materiaes imaginaveis de construcção. Os fundadores só encontravam difficuldade na escolha.

Resolveram que a cantaria se reservasse para os edificios nacionaes e para a ornamentação geral, enquanto que as casas particulares seriam feitas de tijolo. Não, já se vê, com esse tijolo grosseiramente moldado de barro mais ou menos bem cozido, mas de tijolo ligeiro, perfeitamente regular na fórmula, peso e densidade, furado no sentido do seu comprimento por uma serie de orificios cylindricos e parallelos. Estes orificios, reunidos pelos extremos, deviam formar na espessura de todas as paredes conductos abertos nas extremidades, pelos quaes poderia circular li-

vrememente o ar pelo envolucro exterior das casas, como tambem pelos tabiques interiores⁴. Esta disposição tinha ao mesmo tempo a preciosa vantagem de amortecer os sons e de proporcionar a cada aposento uma completa independencia.

Não obstante a commissão não pretendia impor aos constructores um typo geral de casas. Mostrou-se pelo contrario, adversa á uniformidade fatigante e insipida. Contentára-se com estabelecer um certo numero de regras fixas, com as quaes os architectos tinham de se conformar. Eram as seguintes:

1.º Cada edificio estará isolado n'um lote de terreno plantado de arvores, relva e flores. Destinar-se-ha a uma só familia.

⁴ Estas prescrições, e do mesmo modo a idéa geral do Bem Estar, são do sabio doutor Benjamim Ward Richardson, membro da Sociedade Real de Londres, de quem as aproveitamos.

2.º Nenhuma casa terá mais de dois andares; o ar e a luz não devem ser monopolizados por uns em prejuizo dos outros.

3.º Todas as casas terão a frente á distancia de dez metros da rua, da qual estarão separadas por uma grade á altura de meio corpo. O intervallo entre a grade e a frontaria será ajardinado.

4.º As paredes serão construidas de tijolos tubulares de *patente*, conforme o modelo. Quanto á ornamentação, fica toda á liberdade dos architectos.

5.º Os telhados serão em fórmula de terraço, ligeiramente inclinados nos quatro sentidos, cobertos de betume, circumdados de uma galeria bastante alta para tornar impossiveis os accidentes e cuidadosamente canalizados para immediato escoamento da agua da chuva.

6.º Todas as casas serão construidas sobre alcerces de abobada, abertas de todos os lados e for-

mando sob o primeiro plano do edificio um subsolo de arejo e ao mesmo tempo um mercado. Os conductos da agua e do esgoto estarão ali a descoberto, encostados ao pilar central da abobada, de maneira que seja sempre facil verificar o seu estado, e em caso de incendio possa haver logo a agua precisa. O chão, cinco ou seis centimetros acima do nivel da rua, será areado com todo o aceio. Uma porta e uma escada especial pôl-hão em communição directa com as cozinhas, e todas as transacções domesticas poderão ali fazer-se sem incommodo para a vista ou o olfacto.

7.º Ao contrario do costume ordinario, as cozinhas, copas ou dependencias, estarão situadas no andar superior, e em communição com o terraço, que assim ficará sendo o seu vasto anexo ao ar livre. Um elevador, movido por uma for-

ça mechanica, que será, como a luz artificial e a agua, posto por preço reduzido á disposição dos habitantes, permittirá o facil transporte de todos os fardos para aquelle pavimento.

8.º O plano dos aposentos fica á phantasia individual. Mas dois perigosos elementos de doença, verdadeiros ninhos de miasmas e laboratorios de venenos, são desapiedadamente prohibidos: as alcatifas e os papeis pintados. Os sobrados, artisticamente fabricados de preciosas madeiras afeiçoadas em mosaicos por habeis marceneiros, teriam tudo a perder se se occultassem sob tecidos de lã de um aceio duvidoso. Quanto ás paredes, revestidas de azulejos, apresentam aos olhos o brilho e a variedade dos aposentos interiores de Pompeia, com um luxo de côres e de duração que o papel pintado, replecto dos seus milhares de venenos subtis, nunca pou-

de attingir. Lavam-se, como se lavam os espelhos e os vidros, como se esfregam os sobrados e os tectos. Nenhum germen de morte se pôde n'elles emboscar.

9.º Cada quarto de cama é distincto do gabinete de toilette. Nunca será de mais toda a recommendação para que se faça este compartimento, onde passa um terço da nossa vida, o mais amplo, o mais arejado, e ao mesmo tempo o mais simples. Só deve servir para o somno. Quatro cadeiras, um leito de ferro, munido de um colchão de crina, e de um colchão de lã batida com muita frequencia, são os únicos moveis necessarios. Os almofadões de pennas, os abafadores para os pés de acolchoado, e outros poderosos aliados das doenças epidemicas, são naturalmente excluidos. Bons cobertores de lã, ligeiros e quentes, faceis de lavar, substituem-nos

perfeitamente. Sem proscreever formalmente os cortinados e os reposteiros, deve-se pelo menos aconselhar que se escolham entre os estofos susceptiveis de frequentes lavagens.

10.º Cada aposento tem o seu fogão aquecido segundo o gosto de cada qual, com lenha ou cok, mas a todo o fogão corresponde um ventilador externo. Quanto ao fumo, em vez de ser expulso pelos telhados, introduz-se por conductos subterraneos que o levam a fornos especiaes, estabelecidos á custa da cidade, detrás dos edificios, na proporção de um forno por cada duzentos habitantes. N'esses fogões o fumo é despojado das particulas de carbone que leva comsigo, e expellido no estado incolor, á altura de trinta e cinco metros, na atmosphaera.

Taes são as dez regras fixas, impostas pela construcção de cada habitação particular.

As disposições geraes não são menos cuidadosamente estudadas.

Em primeiro logar o plano da cidade é essencialmente simples e regular, de modo que se presta a todos os desenvolvimentos. As ruas, cruzadas em angulos rectos, são traçadas a distancias iguaes, plantadas de arvores, designadas por numeros de ordem, e a sua largura é uniforme.

De meio em meio kilometro a rua tem mais um terço de largura, tome o nome de boulevard ou avenida, e apresenta de cada lado uma valla descoberta para o tramwais e caminhos de ferro metropolitanos.

Em todas as encruzilhadas ha um jardim publico ornado de bellas copias de obras primas de esculptura, isto emquanto os artistas de France-Ville não houverem produzido originaes dignos de os substituir.

É livre de toda a especie de commercio, são livre todas as industrias.

Para obter direito de residencia em France-Vile, basta, mas é necessario apresentar boas informações, ter aptidão para exercer uma profissão util ou liberal, na industria, nas sciencias ou nas artes, e comprometter-se a observar as leis da cidade.

Não se admittem existencias ociosas.

São já em grande numero os edificios publicos.

Entre os mais importantes notam-se a cathedral, um certo numero de capellas, os museus, as bibliothecas, as escolas e os gymnasios, estabelecidos com um luxo e uma preocupação das conveniencias hygienicas verdadeiramente dignos de uma grande cidade.

É escusado dizer que as creanças são obrigadas desde os quatro annos aos exercicios intellectuaes

e physicos, unicos que podem desenvolver a força cerebral e physica.

Habitua-m-n'as logoa um aceio tão severo, que consideram qualquer nodoa nos seus vestidos simples como uma verdadeira deshonra.

Esta questão do aceio individual e colectivo é uma preocupação capital dos fundadores de France-Ville. Limpar, limpar incessantemente, destruir e annullar, logo que se formam, os miasmas, que emanam constantemente de uma agglomeração humana, tal é a principal occupação do governo central.

Para isto, os productos dos esgotos são centralizados fôra da cidade, tratados pelos processos que permittem a sua condensação e o seu transporte quotidiano para os campos.

A agua corre por toda a parte em abundancia. As ruas cobertas de madeira betumada, e os pas-

seios lateraes de pedra são tão brilhantes como o empedrado do pateo de uma casa hollandeza.

Os mercadores de generos alimenticios são objecto de constante vigilancia, e applicam-se severas penas aos commerciantes que se atrevem a especular com a saude publica. Aquelle que vende um ovo podre, carne avariada, um litro de leite adulterado, é simplesmente tratado com um ladrão que é.

Esta policia sanitaria, tão necessaria e tão delicada, está confiada a homens experimentados, a verdadeiros especialistas, educados para esse fim em escolas normaes.

A sua jurisdicção abrange as proprias lavanderias, estabelecidas todas em ponto grande, providas de machinas a vapor, de enxugadouros artificiaes e principalmente de camaras desinfectantes. Nenhuma roupa volta ao seu pro-

prietario sem ter sido rigorosamente branqueada, e ha especial cuidado em não mandar reunidas as remessas de duas familias distinctas.

É' de incalculavel effeito esta simples precaução.

Os hospitais são em pequeno numero, porque o systema de soccorro no domicilio é geral e porque taes estabelecimentos servem especialmente para estrangeiros sem asylo e para alguns casos excepçionaes.

É quasi escusado acrescentar que a idéa de fazer de um hospital um edificio maior que todos os outros e agglomerar no mesmo fôco de infecção setecentos a oitocentos doentes, não pôde entrar na cabeça de um fundador da cidade modelo.

Longe de, por estranha aberração, se juntarem systematicamente muitos doentes, não se trata pelo contrario senão de os isolar.

E' tanto interesse particular d'elles como do publico. Recommenda-se até que em cada casa de habitação se tenha o doente, o mais que fôr possível, em quarto distincto.

Os hospitaes são apenas construcções exceptionaes e restrictas, para accommodação temporaria de alguns casos urgentes.

Vinte, trinta doentes, o muito, tendo cada qual o seu aposento particular, é o que se póde reunir n'estas barracas ligeiras, feitas de pinho, e que se queimam regularmente todos os annos para seu renovamento. Estas ambulancias, fabricadas por um modelo especial tem a van-tagem de poderem ser transportadas á vontade para este ou

aquelle ponta da cidade, conforme as necessidades, e multiplicadas tanto quanto é necessario.

Uma innovação engenhosa, relacionada com este serviço, é a de um corpo de enfermeiras experimentadas, exclusivamente educadas para esta profissão especial, que a administração central põe á disposição do publico. Estas mulheres, escolhidas com discernimento, são os mais preciosos e mais dedicados auxiliares dos medicos.

Levam ao seio das familias os conhecimentos praticos tão necessarios e cuja falta tantas vezes se faz sentir no momento do perigo; e ao mesmo tempo que tratam o doente, teem por missão impedir a propagação da doença.

Seria um nunca acabar se se quizessem enumerar os aperfeiçoamentos hygienicos que os

fundadores da nova cidade inauguraram. Cada cidadão recebe na ocasião da sua entrada para aquelle gremio, uma pequena brochura, onde os principios de uma vida regulada pela sciencia se acham expostos em linguagem clara e simples.

N'esse livro vê elle que o equilibrio de todas as funcções da organisação é uma das necessidades da saude; que o trabalho e o repouso são igualmente indispensaveis aos seus órgãos; que a fadiga é tão necessaria ao seu cerebro como aos seus musculos; que nove decimas partes das doenças são devidas ao contagio trasmittido pelo ar ou pelos alimentos. Não são de mais as quarentenas sanitarias de que deve rodear a sua pessoa. Evitar o uso de bebidas excitantes, praticar os exercicios do corpo. desempenhar conscienciosamente todos os dias uma tarefa

funcional, beber boa agua pura, comer carnes e legumes sãos preparados com simplicidade, tal é o A B C da saude.

Tendo partido dos primeiros principios estabelecidos pelos fundadores, viemos insensivelmente a falar d'esta cidade singular como de uma cidade já organizada. É porque, na verdade, uma vez edificadas as primeiras casa, as outras surgiram da terra como por encanto.

É preciso ter visitado o Far West para se comprehenderem estas efflorescencias urbanas. Deserto ainda no mez de janeiro de 1872, o local escolhido contava já seis mil casas em 1873. Em 1874 possuia nove mil, e todos os seus edificios publicos estavam acabados.

É preciso dizer que a especulação teve a sua parte n'este exito espantoso. Construidas em larga escala sob immensos terrenos, sem valor ao come-

ço, as casas eram cedidas a preços muito moderados e alugadas em condições muito modestas. A ausencia de todo o direito de barreira, a independencia politica d'este pequeno territorio isolado, o attractivo da novidade, a amenidade do clima, contribuíram para attrahir a emigração.

N'este momento, France-Ville conta quasi cem mil habitantes.

O que vale mais que tudo, a unica circumstancia que nos póde interessar, é que a experiencia sanitaria parece das mais concludentes. Emquanto que a mortandade annual nas cidades mais favorecidas da velha Europa ou do Novo Mundo, nunca desceu sensivelmente abaixo de tres por cento, em France-Ville a média é apenas de um e meio. E ainda assim esta percentagem é augmentada por uma epidemia de febre paludosa que assignalou a primeira campa-

nha. A do anno passado, considerada isoladamente, não passa de um e um quarto. Circumstancia mais importante ainda: salvas algumas excepções, todos os fallecimentos actualmente registados são devidos a affecções especificas e na maior parte hereditarias. As doenças accidentaes teem sido muito mais raras e limitadas e menos perigosas que em qualquer outro meio.

Quanto ás epidemias propriamente ditas não as tem havido.

Deve ser interessantes seguir os diversos resultados d'esta tentativa.

Ha de ser principalmente curioso observar se a influencia de um regimen tão scientifico sobre a existencia de uma geração, e com muita mais rasão sobre a de diversas gerações, não poderá amortecer as predisposições morbidas hereditarias.

Não é de certo temeridade esperal-o, disse um dos fundadores d'aquella formidavel agglomeração, e dado esse caso qual não seria a grandeza do resultado! Os homens vivendo até aos noventa ou cem annos, e morrendo só de velhice, como a maior parte dos animaes, como a maior parte das plantas!

É para seduzir um sonho assim!

Mas, se nos é permittido emittir uma opinião sincera, temos fé mediocre no resultado definitivo da experiencia.

Achamos-lhe um vicio de origem muito provavelmente fatal, que é de se achar entregue a uma commissão onde o elemento latino predomina e do qual foi systematicamente excluido o elemento germanico. Mau symptoma. Desde que o mundo existe, alguma cousa duravel que se tem feito é devido á Allemanha, e sem ella

nada se fará de definitivo. Os fundadores de France-Ville terão muito embora preparado o terreno, esclarecido alguns dados especiaes; mas não é ainda sobre aquelle ponto da America, é nas margens da Syria que havemos um dia ver elevar-se a verdadeira cidade modelo.»

CAPITULO XI

UM JANTAR EM CASA DO DOUTOR SARRASIN

No dia 13 de setembro, apenas algumas horas antes do momento fixado por Herr Schultze para a destruição de France-Ville, nem o governador, nem nenhum dos habitantes suspeitavam o terrível perigo que os ameaçava.

Eram sete horas da noite.

Ao abrigo de espessas mattas de loendros e tamarindos, a cidade estendia-se graciosamente no sopé dos Cascades-Mounts e apresentava os seus caes de marmore ás pequenas vagas do Pacifico, que os vinham afagar sem ruido.

Cuidadosamente regadas, refrescadas pela brisa, as ruas apresentavam aos olhos dos espectadores o mais animado e risonho espectáculo.

Verdejavam os extensos taboleiros de relva. Nos jardins as flores, reabrindo as corollas, exhalavam os seus perfumes. Serenas e graciosas na sua alvura, as casas sorriam.

Era tepido o ar e o céu azul como o mar que se via scintillar no extremo das extensas alamedas.

O viajante que chegasse á cidade ficaria impressionado ante o ar saudavel dos habitantes e a actividade que reinava nas ruas.

Acabavam de fechar-se n'aquelle momento as academias de pintura, de musica, de esculptura, a bibliotheca, o que tudo se achava reunido no mesmo bairro, como tambem se achavam alguns excellentes cursos publicos organisados por secções não muito numerosas, o que permittia a cada alumno apropriar-se de todo o fructo da lição.

A multidão que saia d'aquelles estabelecimentos, occasionou por alguns instantes certo pejamento; mas nenhum grito, nenhuma exclamação de impaciencia se ouviu. O aspecto geral era todo de socego e satisfação.

Era, não no centro da cidade, mas á beira do Pacifico que a familia Sarrasin edificára a sua residencia.

Logo no começo, porque aquella casa fôra uma das primeiras que se haviam construido – o doutor ali se estabeleceu definitivamente com sua mulher e sua filha Joanna.

Octavio, o millionario improvisado, quizera ficar em Paris, mas já não tinha Marcello para lhe servir de mentor.

Os dois amigos tinham-se quasi perdido de vista desde a época em que haviam entrado juntos na rua do Rei da Sicilia.

Quando o doutor emigrára com a mulher e a filha para a costa do Oregon, Octavio ficou senhor de si.

Afastára-se para muito longe da escola, onde o pae queria fazer-lhe continuar os estudos, e saiu-se mal no ultimo exame onde o seu amigo obtivera o numero um.

Até então Marcello fôra a bussola do pobre Octavio, incapaz de se guiar a si mesmo.

Depois que o moço alsaciano partira, o seu companheiro de infancia acabou pouco a pouco por viver em Paris, como se costuma dizer, á redea solta.

E no caso sujeito a expressão era tanto mais justa que elle passava grande parte da vida no alto de um enorme *coach* puxado a quatro, que andava em perpetua jornada entre a avenida de Marigny, onde tomára um quarto e os diversos campos de

corridas dos arredores. Octavio Sarrasin, que tres annos antes mal sabia aguentar-se na sella dos cavallos que alugava ás horas, tornára-se subitamente um dos homens da França mais profundamente versado nos mysterios da hippologia.

A sua erudição era apanhada a um *groom* inglez que elle tomara para o seu serviço e que inteiramente o dominava com a extensão dos seus conhecimentos especiaes.

Os alfayates, os correeiros e os sapateiros tomavam-lhe as manhãs.

As suas noites pertenciam aos theatros de segunda ordem e ás salas de um club, novinho e resplandecente, que acabára de se abrir ao centro da rua Tronchet, e que Octavio escolhera, porque a roda que ali encontrava prestava ao seu dinheiro uma homenagem que os seus merecimentos por si sós não haviam encontrado em outras partes.

Parecia-lhe o ideal da distincção apuella roda. Cousa singular, a taboleta da sumptuosa moldura que figurava no salão não continha senão nomes estrangeiros.

Ferviam os titulos, e ante a sua enumeração era para qualquer se julgar na antecamara de um collegio heraldico.

Todos os narizes grandes e todas as côres biliosas dos dois mundos pareciam ter-se reunido ali de combinação. Entretanto vestiam todos estes personagens cosmopolitas superiormente, apesar de que o seu gosto decidido pelos estofos claros denunciava a constante aspiração das raças amarellas ou negras para as côres das «faces pallidas».

Octavio Sarrasin dava ares de um deus no meio d'aquelles bimanos.

Citavam-lhe as palavras, espiavam-lhe as gravatas, acceitavam-lhe as apreciações como artigos de fé.

E elle, embriagado com aquelle incenso, não percebia que perdia regularmente todo o dinheiro no baccará e nas corridas.

Quen sabe até, se certos membros do club, na sua qualidade de orientaes não se julgavam com direitos á herança da begun.

Fôsse o que fôsse, a verdade é que sabiam attrail-o para as algibeiras por um movimento lento, mas continuo.

N'esta nova existencia, os laços que prendiam Octavio a Marcello tinham depressa afrouxado.

Apenas, de longe a longe, os dois companheiros trocavam alguma carta.

Que podia haver de commum entre o rude operario, que unicamente tratava de elevar a sua intelligencia a um grau superior de potencia e cultura, e o galante mancebo todo ufano da sua opu-

lencia e como espirito todo preocupado com as suas historias de club e equitação?

Sabemos como Marcello deixou Paris, em primeiro logar para observar o que fazia Herr Schultze, que acabava de fundar Stahlstadt, uma rival de France-Ville, no mesmo territorio independente dos Estados Unidos, depois para entrar ao serviço do Rei do Aço.

Por espaço de dois annos Octavio levou uma vida de homem inutil e dissipador. Finalmente, o tédio das cousas frivolas apossou-se d'elle, e um bello dia, depois de alguns milhões devorados, tornou a juntar-se com o pae, – o que o salvou de ruina ameaçadora, mais moral ainda que physica.

Portanto, agora residia em France-Ville em casa do doutor.

Sua irmã Joanna, a julgar da apparencia, estava uma deliciosa menina de dezenove annos,

a quem a residencia por espaço de quatro annos na sua nova patria dera todas as qualidades americanas, acrescentadas a todas as graças francezas.

Sua mãe dizia algumas vezes que nunca lhe passára pela idéa antes de a ter por companheira de todos os instantes, qual o encanto da absoluta intimidade.

Depois do regresso do filho prodigo, do seu delfim, do filho primogenito das suas esperanças, sentia-se tão completamente feliz como é possivel sê-lo n'este valle de lagrimas, porque se associára a todo o bem que o marido podia fazer e fazia, graças á sua immensa fortuna.

N'aquella noite, o doutor Sarrasin recebera á sua mesa dois dos seus mais intimos amigos: o coronel Hendon, velha ruina da guerra da successão, que deixára um braço em Pitsburgo e

uma orelha em Seven Oaks, mas que, como qualquer outro não deixava por isso de fazer a sua partida de xadrez; e, além do coronel, M. Lentz, o director geral da instrucção na nova cidade.

Versava a conversa sobre os projectos da administração da cidade, sobre os resultados já obtidos nos estabelecimentos publicos de todas a especie, escolas, hospitaes, caixas de soccorros mutuos.

Conforme o programma do doutor, no qual o ensino religioso não era posto de parte, M. Lentz fundára muitas escolas primarias, onde os esforços do mestre se dirigiam a desenvolver o espirito da creança, submettendo-a a uma gymnastica intellectual calculada de modo que acompanhava a natural evolução das suas faculdades.

Ensinava-se-lhe a amar uma sciencia antes de o fazer da sciencia um poço, evitando essa especie

de saber que, segundo o dito de Montaigne, «nada na superfície do cerebro», não penetra no entendimento, e não torna uma pessoa nem mais sabia nem melhor.

N'um systema de educação tão bem ordenado, os cuidados da hygiene tomavam, como era natural, um dos primeiros logares.

É que o homem, conjuncto de espirito e materia, deve estar por igual senhor d'estes dois servidores; se um d'elles se mostra incapaz, é elle quem soffre com isso.

N'esta época, France-Ville attingira o mais alto grau de prosperidade, não só material, como tambem intellectual. Reuniam-se ali em congresso os mais illustres sabios dos dois mundos.

Artistas, pintores, esculptores, musicos, affluíam áquella cidade, attrahidos pela reputação de que ella gosava.

Estudavam sob a direcção de taes mestres os mancebos de France-Ville, que promettiam illustrar um dia aquelle canto de terra americana.

Era portante licito prever que aquella nova Athenas, franceza de origem, viria a ser dentro em pouco a primeira das cidades.

Deve-se tambem dizer que nos lyceus se cuidava da instrucção militar conjunctamente com a educação civil.

Terminados os cursos, conheciam os mancebos, além do manejo das armas, os primeiros elementos de tactica e estrategia.

Por isso tambem, quando se falou n'este ponto, o coronel Hendon declarou que estava encantado com todos os seus recrutas.

– Estão, disse elle, já acostumados ás marchas forçadas, á fadiga, a todos os exercicios do corpo. O nosso exercito é composto de todos os cidadãos,

e quando um dia fôr preciso, encontral-os-hemos aguerridos e disciplinados.

É verdade que France-Ville estava na melhor harmonia com todos os estados vizinhos, porque aproveitava todas as ocasiões de lhes ser agradável. Mas, nas questões de interesse, fala tão alto a ingratidão, que o doutor e os seus amigos não haviam esquecido a maxima: «Trabalha que Deus te ajudará!» e só contavam consigo mesmo.

Estavam no fim do jantar. Acabava de ser levantada a sobremesa, e segundo o costume anglo-saxonio que prevalecera, as damas tinham-se retirado n'aquelle momento.

O doutor Sarrasin, Octavio, o coronel Hendon e M. Lentz, continuavam a conversa principiada, e encetavam as mais altas questões de economia politica, quando um creado entrou e entregou ao doutor o seu jornal.

Era o *New York Herald*.

Aquella respeitavel folha mostrára-se sempre extremamente favoravel, primeiro á fundação, depois ao desenvolvimento de France-Ville, e os notaveis da cidade tinham o costume de procurar nas suas columnas as variantes possiveis da opinião publica nos Estados Unidos a seu respeito.

Aquella agglomeração de individuos felizes, livres, independentes, n'aquelle pequeno territorio neutro, fizera bastantes invejosos, e se os habitantes de France-Ville tinham na America muitos partidarios para os defenderem, encontravam-se tambem muito inimigos para os atacarem.

Em todo o caso o *New York Herald* era a seu favor e não cessava de lhes dar demonstrações de admiração e estima.

O doutor Sarrasin, ao mesmo tempo que conversava, foi rasgando a cinta do jornal e dei-tou machinalmente os olhos para o primeiro artigo.

Qual não foi o seu espanto ao vêr as seguintes linhas, que leu a principio em voz baixa e em seguida em voz alta, com grande surpresa e indignação do seus amigos: «*Nova York, 8 de setembro.* – Vae proxivamente realizar-se um violento attentado contra o direito das gentes. Sabemos de fonte certa que se fazem em Stahlstadt formidaveis armamentos com o fim de se atacar e destruir France-Ville, a cidade de origem franceza. Não sabemos se os Estados Unidos poderão e deverão intervir n'esta lucta que vae pôr novamente em frente uma da outra as raças latina e saxonia; mas denunciemos ás pessoas de bem este abuso da força. Que France-Ville não perca uma hora a pôr-se em estado de defeza...»

CAPITULO XII

O CONSELHO

Não era segredo aquelle odio do Rei do Aço contra a obra do doutor Sarrasin.

Sabe-se que viera levantar cidade contra cidade. Mas d'ahi a cair sobre uma povoação pacifica, a destruil-a por um golpe de força, era para crêr que ainda medeasse grande distancia.

Não obstante, o artigo do *New York Herald* era positivo. Os correspondentes do poderoso jornal tinham devassado os designios de Herr Schultze, e, – diziam alto, não havia uma hora a perder!

A principio o digno doutor ficou confundido. Como todas as almas boas recusava-se tanto tempo quanto podia a acreditar no mal. Parecia-

lhe impossível que se pudesse levar a perversidade ao ponto de querer destruir sem motivo serio ou por simples fanfarrice uma cidade que de certo modo era propriedade commum da humanidade.

– Ora imaginem que a nossa média de mortalidade não chegará este anno a um quarto por cento! exclamou ingenuamente, que não temos entre nós um rapaz de dez annos que não saiba ler, que depois da fundação de France-Ville não se commetteu um roubo nem um assassinio! E haviam de uns barbaros vir destruir no seu começo uma experiencia tão feliz! Não! não posso admittir que um chimico, que um sabio illustre, cem vezes allemão que elle fosse, seja capaz d’isso!

Não houve porém remedio senão confiar no que asseverava um jornal todo dedicado á obra do doutor e tomar quanto antes uma resolução.

Passado o primeiro instante de abatimento e já senhor de si, o doutor Sarrasin dirigiu-se aos amigos por esta maneira:

– Os senhores são membros do Conselho civico e pertence-lhes, como a mim, tomar todas as medidas necessarias para a salvação da cidade. Que temos a fazer em primeiro logar?

– Ha possibilidade de um accordo? perguntou M. Lentz. Póde-se honrosamente evitar a guerra?

– É impossivel, respondeu Octavio. É evidente que Herr Schultze a quer a todo o transe. O seu odio não transigirá!

– Seja assim! exclamava o doutor. Preparar-nos-hemos para lhe responder. Julga que haverá meio de resistir aos canhões de Stahlstadt?

– Toda a força humana é susceptivel de ser combatida efficazmente por outra força humana, respondeu o coronel Hendon, mas não devemos

pensar em nos defendermos pelos mesmos meios e as mesmas armas de que Herr Schultze se ha de servir contra nós. A construcção de engenhos de guerra capazes de luctarem contra os seus, exigiria muito tempo, e depois não sei se conseguiríamos fabrical-os, porque nos faltam as officinas especiaes. Só temos um meio de salvação, impedir que o inimigo se approxime de nós e tornar impossivel todo o investimento.

– Vou immediatamente convocar o conselho, disse Sarrasin.

E o doutor precedeu os seus convivas no seu gabinete de trabalho.

Era um compartimento mobilado com simplicidade, tres paredes do qual estavam occultas por prateleiras carregadas de livros e a quarta e ultima parede apresentava por cima de alguns qua-

dros e objectos de arte uma fileira de bocaes numerados semelhantes a cornetas acusticas.

– Graças ao telephone, disse o doutor, podemos formar conselho em France-Ville, ficando cada qual em sua casa.

E em seguida tocou uma campainha de aviso, que instantaneamente transmittiu o seu signal a todos os membros do Conselho.

Em menos de tres minutos, a palavra «presente!» trazida successivamente por cada fio conductor, annunciou que o Conselho estava em sessão.

O doutor collocou-se então diante do bocal do seu aparelho expeditor, tocou uma campainha e disse:

– Está aberta a sessão... A palavra pertence ao meu nobre amigo o coronel Hendon, para fa-

zer ao conselho civico uma communicação da mais alta gravidade.

O coronel postou-se por sua vez diante do telephone, e depois de ler o artigo do *New York Herald* pediu que fossem quanto antes tomadas as primeiras medidas.

Apenas concluiu, apresentou-lhe o numero seis a seguinte questão:

– Acreditava o coronel na possibilidade de defeza, dado o caso de falharem os meios com que elle contava evitar que o inimigo se approximasse?

O coronel Hendon respondeu affirmativamente.

Pergunta e resposta foram instantaneamente transmittidas a cada membro invisivel do Conselho com as explicações que as tinham precedido.

O numero sete perguntou ao coronel, quanto tempo, segundo o seu calculo, tinham os habitantes de France-Ville para se prepararem.

O coronel não sabia, mas era preciso proceder como se devessem ser atacados em menos de quinze dias.

O numero dois:

– Convirá esperar o ataque ou julga preferivel prevenil-o?

– Devemos empregar todos os esforços para o prevenir, respondeu o coronel, e se formos ameaçados de um desembarque, fazer saltar os navios de Herr Schultze por meio de torpedos.

A esta proposição o doutor Sarrasin offereceu-se para chamar a conselho os chimicos mais distinctos, como tambem os artilheiros mais experimentados, e incubil-os de examinar os projectos que o coronel Hendon tinha a submetter-lhes.

Pergunta o numero um:

– Qual é a quantia necessaria para começar imediatamente os trabalhos da defeza!

– É preciso dispor de quinze a vinte milhões de dollars.

O numero quatro:

– Proponho que se convoque imediatamente a assembléa geral dos cidadãos.

O presidente Sarrasin:

– Ponho a proposta á votação.

Dois toques da campainha em cada telephone, annunciaram que a proposta era adoptada por unanimidade.

Eram oito horas e meia.

O Conselho não chegára a durar dezoito minutos e não incommodára ninguem.

A assembléa popular foi convocada por um meio tão simples e quasi tão expeditivo.

Apenas o doutor Sarrasin communicou o voto do Conselho á casa da camara, sempre por intermedio do seu telephone, poz-se em movimento um carrilhão electrico no alto de cada uma das columnas collocadas nas duzentas e oitenta encruzilhadas da cidade.

Estas columnas eram encimadas por mostradores luminosos cujos ponteiros, movidos pela electricidade, pararam nas oito e meia. — hora para que fôra convocada a reunião.

Avisados ao mesmo tempo por aquelle chamamento ruidoso, que se prolongou durante mais de um quarto de hora, todos os habitantes apressaram-se a sair de casa e a olhar para o mostrador mais proximo, e reconhecendo que um dever patriotico os chamava á sala municipal, dirigiram-se logo para ali.

Á hora aprazada, isto é, em menos de quarenta e cinco minutos, a assembléa achava-se toda reunida.

O doutor Sarrasin estava já no lugar de honra, rodeado de todo o conselho.

Ao pé da tribuna, o coronel Hendon esperava lhe fosse dada a palavra.

A maioria dos cidadãos tinha conhecimento da noticia que motivou o meeting.

Com effeito, a discussão do Conselho civico, automaticamente stenographada pelo telephone da casa da camara, tinha sido immediatamente enviada aos jornaes, que a haviam tomado para assumpto de uma edição especial, fixada nas ruas sob a fôrma de cartazes.

A sala municipal era uma nave immensa com tecto de vidro, por onde o ar circulava livremente

e na qual a luz jorrava de um cordão de gaz que desenhava as arestas da abobada.

A multidão estava em pé, socegada, pouco ruidosa.

Lia-se a alegria nos rostos. A plenitude da saude, o habito de uma vida cheia e regular, a consciencia da sua propria força, collocavam cada qual acima de toda a commoção desordenada do receio ou colera.

O coronel subiu á tribuna.

Ali, n'uma linguagem energica, sobria, sem ornamentos inuteis nem pretensões oratorias, – a linguagem das pessoas que sabem o que dizem, que enunciam claramente as cousas, porque as comprehendem bem, o coronel Hendon expoz o odio encarniçado de Herr Schultze contra a França, contra Sarrasin e a sua obra, os preparativos formidaveis annunciados pelo *New*

York Herald, destinados a destruir France-Ville e os seus habitantes.

– Pertencia á assembléa tomar a resolução que julgasse melhor, continuou. Talvez muitos, sem coragem, sem patriotismo, preferissem ceder o terreno e deixar os agressores apoderarem-se da nova patria. Mas o coronel estava seguro de antemão que propostas tão pusillanimes não encontrariam echo entre os seus concidadãos. Os homens que tinham sabido comprehender a grandeza do fim intentado pelos fundadores da cidade modelo, os homens que tinham sabido aceitar-lhe as leis eram necessariamente creaturas de coração e intelligencia. Representantes sinceros e militantes do progresso, haviam de tudo querer tentar para salvarem a cidade incomparavel, monumento glorioso levantando á arte de melhorar

a condição do homem! O seu dever, portanto, era dar a vida pela causa que representavam.

Uma imensa salva de applausos acolheu aquella oração.

Muitos oradores fallaram em apoio da moção do coronel Hendon.

O doutor Sarrasin mostrou a necessidade de se constituir sem demora um conselho de defeza encarregado de tomar todas as medidas urgentes, rodeando-se do segredo indispensavel ás operações militares. Foi approvada.

Antes de acabar a sessão, um membro do Conselho civico lembrou a conveniencia de votar um credito provisorio de cinco milhões de dollars, destinados aos primeiros trabalhos.

Levantaram-se todas as mãos para ratificar a medida.

Ás dez e vinte e cinco terminava o meeting, e os habitantes de France-Ville, depois de

nomearem os seus chefes iam retirar-se, quando se deu um inesperado incidente.

Livre havia um instante, a tribuna acabava de ser occupada por um desconhecido do mais estranho aspecto.

Apparecêra como por magica aquelle homem.

A sua physionomia energica apresentava todos os indicios de uma terrivel sobreexcitação, mas os seus modos denotavam resolução e sangue frio.

O fato meio pegado ao corpo e ainda manchado de lama, a fronte ensanguentada, diziam que acabava de passar por terriveis provações.

Detiveram-se todos ao vel-o.

Com um gesto imperioso, o desconhecido ordenára-lhes immobildade e silencio.

Quem era? d'onde vinha? Ninguém, nem o proprio doutor Sarrasin se lembrou de lh'o perguntar.

Demais, depressa se estabeleceu claramente a sua personalidade.

– Acabo de fugir de Stahlstad, disse, Herr Schultze condemnara-me á morte. Permittiu Deus que eu chegasse a tempo para diligenciar salvar-os. Não sou um desconhecido para todos que aqui estão. O meu respeitavel mestre o doutor Sarrasin, poderá dizer-lhes, espero, que apesar da apparencia que me torna desconhecido mesmo a elle, se póde ter alguma confiança em Marcello Bruckmann!

– Marcello! bradaram ao mesmo tempo o doutor e Octavio.

Iam ambos correr para elle...

Deteve-os novo gesto.

Era effectivamente Marcello milagrosamente salvo.

Depois de haver forçado a grade do canal, no momento em que caía quasi asphyxiado, a corrente arrastára-o, como corpo sem vida. Mas, por fortuna, a grade fechava a propria cerca de Stahlstadt, e dois minutos depois Marcello era arremessado sobre a margem do rio, livre enfim se volvesse á vida.

Durante compridas horas o corajoso mancebo permaneceu estendido sem vida, em meio da sombria noite, do descampado, longe de todo o socorro.

Quando recuperou os sentidos, já era dia.

Lembrou-se de tudo!...

Graças a Deus estava fóra da maldita Stahlstad. Já não era prisioneiro!

Todos os seus pensamentos se concentraram no doutor Sarrasin, nos seus amigos, nos seus concidadãos!

– Elles! elles! exclamou.

Fazendo um supremo esforço, conseguiu pôr-se em pé.

Dez leguas o separavam de France-Ville, dez leguas que andar sem caminho de ferro, sem carruagem, sem cavallo, atravez d'aquella campina que estava como que abandonada em roda da feroz Cidade do Aço.

Transpoz aquellas dez leguas sem tomar um instante de descanso, e ás dez e um quarto chegava ás primeiras casas da cidade do doutor Sarrasin.

Informaram-no de tudo os cartazes que cobriam as paredes.

Reconheceu que os habitantes estavam prevenidos do perigo que os ameaçava; mas tambem reconheceu que ignoravam quão immediato era e de que natureza poderia ser.

A catastrophe premeditada por Herr Schultze devia realizar-se n'aquella noite ás onze horas e quarenta e cinco...

Eram dez e um quarto.

Restava fazer um derradeiro esforço.

Atrevessou a cidade de uma corrida, e ás dez horas e vinte e cinco minutos, no momento em que a assembléa ía dissolver-se, subiu á tribuna.

– Não é dentro de um mez, meus amigos, nem dentro de oito dias que podem correr o primeiro perigo! Dentro de uma hora, uma catastrophe sem precedentes, uma chuva de ferro e fogo vae cair sobre a cidade. Um engenho digno do inferno, e que alcança a dez leguas, acha-se no momento em que falo, assestado contra a cidade. Vi-o eu. Que as creanças e as mulheres procurem um abrigo no fundo das adegas, que offereçam algumas garantias de solidez, ou que sáiam da cidade quan-

to antes e procurem um refugio na montanha. Que os homens validos se preparem para combater o fogo por todos os meios possiveis! O fogo, eis por emquanto o nosso unico inimigo! Nem exercitos, nem soldados, marcham ainda contra nós. O adversario que nos ameaça desprezou os meios ordinarios de ataque. Se se realisam os planos e os calculos de um homem cujo poder para o mal vos é conhecido, se Herr Schultze não se enganou pela primeira vez, é sobre cem pontos a um tempo que o incendio se vae declarar subitamente em France-Ville! É sobre cem pontos differentes que dentro em pouco se terá de fazer frentes ás chammas! Seja o que fôr que tenha de succeder, é a povoação que é preciso salvar primeiro que tudo, porque emfim, aquellas casas e monumentos que não se poderem preservar, embora toda a cidade fosse destruida, o ouro e o tempo poderão reedifical-os!

Na Europa tomar-se-ia Marcello por um doido. Mas não é na America que alguém se lembraria de negar os milagres da sciencia, ainda os mais espantosos.

Escutaram o moço engenheiro, e por conselho do doutor Sarrasin acreditaram-no.

A multidão, dominada mais pelo tom do orador do que pelas suas proprias palavras, obedeceu-lhe, sem pensar sequer em discutil-as. O doutor respondia por Marcello Bruckmann. Era quanto bastava.

Foram dadas ordens immediatamente, e partiram em todas as direcções mensageiros que as levaram.

Quanto aos habitantes da cidade, uns voltando para suas casas, refugiaram-se nas adegas, resignados a supportar os horrores de um bombardeamento; outros a pé, a cavallo, de carruagem

ganharam o campo e desapareceram por traz das primeiras rampas dos Cascade-Mounts.

Entretanto, os homens validos reuniam a toda a pressa, na praça principal e em alguns pontos indicados pelo doutor, tudo o que podia servir para combater o fogo, isto é, agua, terra e areia.

Na sala das sessões, a deliberação continuava sob a fórmula de dialogo.

Mas então parecia que Marcello estava preocupado por uma idéa que não dava logar a nenhuma outra no seu cerebro.

Não fallava, e os seus labios murmuravam estas simples palavras:

– Ás onze horas e quarenta e cinco minutos! Será possivel que aquelle maldito Schultze nos vença com a sua execravel invenção?

De repente Marcello tirou um canhenho da algibeira.

Fez o gesto de quem pede silencio, e com o lapis traçou febrilmente alguns algarismos n'uma das paginas do livrinho.

Então, viu-se o seu rosto desanuviar-se pouco a pouco e tornar-se radiante:

– Ah! meus amigos! meus amigos! exclamou. Ou mentem estes algarismos, ou tudo quanto receâmos vae desvanecer-se como um mau sonho perante a evidencia de um problema de balistica, cuja solução eu debalde procurava! Herr Schultze enganou-se! O perigo com que nos ameaça não passa de uma illusão. D'esta vez a sua sciencia está em erro! Nada succederá, nada póde succeder do que elle annunciou. A sua formidavel bomba passará por cima de France-Ville sem tocar n'ella, e se alguma cousa se deve receiar é para o futuro.

Que queria Marcello dizer? Não podiam comprehender.

Então o alsaciano expoz o resultado do calculo que a final conseguira resolver.

Com voz clara e vibrante deduziu a sua demonstração de maneira que a tornava luminosa para os proprios ignorantes.

Era a claridade succedendo ás trevas, a tranquilidade á angustia.

Não só o projectil não tocaria na cidade do doutor, como não tocaria em *cousa alguma*. Era destinado a perder-se no espaço!

O doutor Sarrasin approvava com o gesto a exposição dos calculos de Marcello, quando disse de subito, apontando para o mostrador luminoso da sala.

– Em tres minutos saberemos quem é que tem razão, se Schultze, se Marcello Bruckmann. Em todo o caso, meus amigos, não desprezemos nenhum das precauções tomadas, não descuremos

nada do que póde fazer falhar as invenções do nosso inimigo. O seu tiro, se errar como esperamos, pelo que Marcello acaba de nos dizer, não ha de ser o ultimo! O odio de Schultze não é de natureza que se dê por vencido e hesite diante de um revés!

– Venham! exclamou Marcello.

E todos o seguiram á praça principal.

Decorreram os tres minutos. Deram no relógio onze e quarenta e cinco!...

Quatro segundos depois, passava pelas alturas uma sombria massa, e rapida como o pensamento, desaparecia muito além da cidade, soltando um silvo sinistro.

– Boa viagem! exclamou Marcello, soltando uma gargalhada. Com esta velocidade inicial, o projectil de Herr Schultze, que acaba de transpôr os limites da atmospherá, não póde caír no solo terrestre!

Passados dois minutos ouvia-se uma detonação, uma especie de surdo estridor que se diria saíra das entranhas da terra!

Era o ribombo do canhão da Torre do Touro, ruído que chegava com o atrazo de cento e treze segundos, em relação ao projectil, que se deslocava com uma velocidade de cento e cincoenta leguas por hora.

CAPITULO XIII

MARCELLO BRUCKMANN AO PROFESSOR
SCHULTZE, STAHLSTADT

«France-Ville, 14 de setembro.

Parece-me conveniente informar o Rei do Aço de que, antehontem á noite, transpuz com muita felicidade a fronteira das suas possessões, preferindo a minha salvação á do modelo do canhão Schultze. Mandando-lhe as minhas despedidas, faltaria a todos os meus deveres, se tambem, por meu turno, não lhe fizesse conhecer os meus segredos; mas socegue, não paga esse conhecimento com a vida.

Não me chamo Schultze, e não sou suíço. Sou alsaciano.

O meu nome é Marcello Bruckmann. Sou um engenheiro sofrível, a crêr o que o senhor diz, mas

primeiro que tudo, sou francez. O senhor tornou-se o inimigo implacavel do meu paiz, dos meus amigos, da minha familia. O senhor nutre odiosos projectos contra tudo quanto eu amo. Fiz tudo, atrevi-me a tudo, para os conhecer. Farei tudo tambem para lh'os transtornar!

Apresso-me a fazer-lhe saber que o seu primeiro tiro falhou, que o senhor, graças a Deus, não conseguiu o que queria, e que não podia conseguil-o! O seu canhão não deixa por isso de ser um canhão archimaravilhoso, mas os projectis que elle lança e póde lançar, sob a força de tal carga de polvora, a ninguem farão mal. Não cairão em parte alguma. Tinha suspeitado isso, e para sua maior gloria é hoje facto averiguado que Herr Schultze inventou um canhão terrivel, inteiramente inoffensivo.

Será portanto com prazer que ficará sabendo que vimos o seu projectil, demasiadamente aperfeiçoado, passar hontem á noite, ás onze horas e quarenta e cinco minutos e quatro segundos, por cima da cidade. Dirigia-se para o occidente, circulando no espaço e continuará a gravitar assim até ao fim dos seculos. Um projectil, animado de uma velocidade inicial vinte vezes superior á velocidade actual, ou seja dez mil metros por segundo, não póde jamais *cair*. O seu movimento de translação, combinado com a attracção da terra, torno-o n'um movel destinado a circular para sempre em roda do nosso globo.

Não devia ter ignorado isto.

Demais, espera que o canhão da Torre do Touro ficasse absolutamente deteriorado com esta primeira experiencia: mas não é caro, a troco

de duzentos mil dollars, dotar o mundo planetario de um novo astro, e a terra de um satellite.

Marcello Bruckmann.»

Partiu immediatamente um expresso de Franceville para Stahlstadt.

Deve-se perdoar a Marcello o não ter podido recusar a si proprio a ironica satisfação de fazer chegar sem demora esta carta ás mãos de Herr Schultze.

Tinha na verdade razão quando dizia que o famoso projectil, animado d'aquella velocidade, e girando além da camada atmospherica, não cairia nunca sob a superficie da terra, e razão tambem tinha quando dizia que sob a enorme pressão d'aquella enorme carga, o canhão da Torre do Touro devia ter ficado inutilizado.

Foi um formidavel dissabor para Herr Schultze, um terrivel revés para o seu amor proprio, a recepção d'aquella carta.

Ao lê-la fez-se livido, quando acabou de a ler caiu-lhe a cabeça sobre o peito, como se houvesse recebido o choque de uma maça.

Só no fim de um quarto de hora saiu d'aquelle estado de prostração, mas por effeito de que colera?

Só Arminius e Sigimer poderiam dizer quaes foram as explozões d'aquelle rancor!

Entretanto, Herr Schultze não era homem para se confessar convencido.

Lucta sem treguas se ia travar entre elle e Marcello.

Não tinha ainda aquellas bombas carregadas de acido carbonico liquido, que peças de menos alcance, mas mais práticas, poderiam lançar a pequena distancia?

Recuperando a sua serenidade, graças a supremo esforço, o Rei do Aço voltára para o gabinete e applicára-se novamente ao trabalho.

Era claro que France-Ville, mais ameaçada que nunca, nada devia desprezar para se pôr em estado de defeza.

CAPITULO XIV

ORDEM DE COMBATE

Se o perigo já não era imminente, continuava contudo a ser grave.

Marcello fez conhecer ao doutor Sarrasin e aos seus amigos tudo quanto sabia dos preparativos de Herr Schultze e dos seus engenhos de destruição.

Logo no dia seguinte, o Conselho de defeza, no qual elle tomou parte, occupou-se em discutir um plano de resistencia e de preparar a sua execução.

Em tudo isto Marcello foi muito ajudado por Octavio, a quem veiu encontrar moralmente mudado e muito para melhor.

Quaes foram as resoluções tomadas? Ninguém as soube miudamente. Só os principios geraes foram communicados systematicamente á imprensa e espalhados ao publico.

Não era difficil reconhecer n'ellas a mão pratica de Marcello.

«Em toda a defeza, dizia-se pela cidade, o principal é conhecer muito bem as forças do inimigo e adaptar a essas forças o systema de defeza. É innegavel que os canhões Herr Schultze são formidaveis. Mais vale, porém, ter diante de si estes canhões, cujo numero, calibre, alcance e effeitos se conhecem, do que ter de lutar contra engenhos mal conhecidos.»

O principal era impedir o investimento da cidade, quer por terra, quer por mar.

Era esta questão que o Conselho de defeza estudava com actividade, e no dia em que um car-

taz anunciou que o problema estava resolvido, ninguém duvidou d'isso.

Os cidadãos foram em massa oferecer-se para executar os trabalhos necessários.

Ninguém desprezava qualquer ocupação que devesse contribuir para a obra de defeza.

Individuos de toda a idade e de toda a posição faziam-se simples operarios n'aquella conjuctura.

O trabalho era conduzido rapido e alegremente.

Metterem-se na cidade viveres para dois annos.

Chegaram tambem carvão e ferro em quatidades consideraveis: o ferro, materia prima do armamento; a hulha, reservatorio de calor e movimento indispensaveis á lucta.

Mas ao mesmo tempo que a hulha e o ferro se amontoavam na praças publicas, pilhas gigantes-

cas de saccos de farinha e de quartos de carne fumada, rodas de queijo, montanhas de conservas alimenticias e de legumes dissecados, amontoavam-se nos mercados transformados em armazens.

Nos jardins, que faziam de France-Ville um enorme parque, estavam amalhados numerosos rebanhos.

Finalmente, quando appareceu o decreto de mobilisação de todos os homens em estado de pegarem em armas, o enthusiasmo que o acolheu demostrou mais uma vez as excellentes disposições d'aquelles soldados cidadãos.

Fardados simplesmente de camisolas de lã, calças de panno e botins, a cabeça coberta com um chapéu de couro cozido, armados de espingardas Werder, manobravam nas alamedas.

Multidão de coolis revolvía a terra, abria fossos, levantava trincheiras e reductos em todos os pontos favoráveis.

Começára a fundição de peças de artilheria e proseguia-se n'ella com actividade.

Uma circumstancia muito favoravel áquelles trabalhos era o poder-se utilizar grande numero de fornos fumivoros que a cidade possuía e que facilmente se transformaram em fornos de fundição.

No meio d'aquelle movimento incessante, Marcello mostrava-se infatigavel.

Apparecia em toda a parte, em toda a parte se mostrava á altura da sua tarefa.

Apresentasse-se qualquer difficuldade theorica ou pratica, sabia immediatamente resolvêl-a.

Se era preciso, arregaçava as mangas e mostrava um processo expeditivo, um geito de mão rapido.

Por isso a sua auctoridade era accete sem murmurio e as suas ordens sempre punctualmente executadas.

Junto d'elle, Octavio fazia o que podia. Se a principio tomára a liberdade de ornar o seu uniforme de galões de oiro, deixou-se d'isso depois comprehendendo que para começar, não devia ser que um simples soldado.

Por isso encorporou-se no batalhão que lhe designaram e soube-se conduzir como soldado modelo.

Áquelles que a principio se deram ares de o lastimar, observou:

– Cada qual segundo o seu merecimento. Não saberia talvez commandar!... Não é muito que aprenda a obedecer!

Uma noticia, – se bem que falsa, – veio de repente dar aos trabalhos da defeza ainda mais vivo impulso.

Herr Schultze, dizia-se, tratava de contractar com varias companhias maritimas o transporte das suas peças.

D'aquelle momento em diante as mentiras succederam-se todos os dias.

Era umas vezes a armada de Schultze que approára sobre France-Ville, outras o caminho de ferro de Sacramento que fôra cortado por *ulhans* aparentemente caidos do céu.

Mas estes boatos, immediatamente postos em duvida, eram inventados como divertimento pelos noticiaristas faltos de novidades, com o fim de entreterem a curiosidade dos leitores.

A verdade era que Stahlstadt não dava signaes de vida.

Este absoluto silencio, ainda que dava a Marcello tempo para completar os seus trabalhos

de defeza, não deixava de o inquietar um pouco nos seus raros instantes de ocio.

– Terá aquelle maroto mudado de baterias e preparar-me-ha algum novo ardil dos seus! perguntava elle ás vezes a si proprio.

Mas o plano, quer fosse deter a marcha dos navios inimigos, quer impedir o assalto, promettia satisfazer cabalmente, e Marcello, nos seus momentos de inquietação, redobrava de actividade.

Depois dos dias laboriosos, o seu unico prazer e unico repouso era a hora rapida que todas as noites passava no salão de M^{me} Sarrasin.

Logo nos primeiros dias, o doutor exigira que Marcello fosse habitualmente jantar com elle, salvo no caso em que tivesse outro convite. Mas, por um phenomeno singular, o caso de um convite bastante tentador que o fizesse renunciar áquelle projecto ainda não se dera.

A eterna partida de xadrez entre o doutor e o coronel Hendon não offerecia comtudo interesse assás provocante para explicar aquella assiduidade.

Forçoso portanto se torna julgar que outro encanto actuava em Marcello, encanto cujo a natureza é facil suspeitar, embora elle proprio não a suspeitasse, ao notar-se o interesse que parecia tomar na conversa da noite com M^{me} Sarrasin e Joanninha, quando todos tres se achavam sentados á mesa sobre a qual as duas corajosas mulheres preparavam o que podia ser necessario para as futuras ambulancias.

– Estas novas cavilhas de aço serão melhores que aquellas cujo desenho nos tinha mostrado? perguntou Joanninha, que se interessava por todos os trabalhos da defeza.

– Sem duvida alguma, respondeu Marcello.

– Ah! estimo muito! Mas que de trabalho e diligencias não representa o mais insignificante pormenor industrial!... Dizia-me que a engenharia abriu hontem mais quinhentos metros de fossos? É muito, não é?

– Oh! não, não chega a ser sufficiente! por este andar não teremos o recinto no fim do mez.

– Desejava bem vel-o concluido, e que esses horrendos schultzianos viessem! Os homens é que são felizes em poderem trabalhar e tornar-se uteis. A espectativa é para elles menos longa do que para nós, que para nada servimos.

– Para nada servem! exclamava Marcello ordinariamente mais socegado, para nada servem. E porque é, na sua opinião, que esses individuos, que tudo abandonaram para se fazerem soldados, para que é que trabalham senão para garantirem o socego e o bem estar de

suas mães, de suas esposas, de suas noivas!
D'onde lhes provém o seu ardor senão de vós, e
a quem attribuirei a origem d'esse amor do
sacrifício...

Ao proferir estas palavras, Marcello, um
pouco confuso, calou-se.

Joanninha não insistiu, e foi M^{me} Sarrasin que
teve de fechar a discussão, dizendo ao mancebo
que de certo bastava o amor do dever para explicar
o zelo da maioria.

E quando Marcello chamado pela voz
inexoravel das suas obrigações, com pressa de ir
concluir um plano ou um orçamento se arrancava
com magoa ao doce prazer d'aquella conversação,
ia animado da inabalavel resolução de salvar
France-Ville e o mais insignificante dos seus
habitantes.

Mal esperava elle o que ia succeder, e comtudo era isso a consequencia natural, inevitavel, d'aquelle estado de cousas contra a natureza, d'aquelle concentraçãõ de todos em um só, lei fundamental da Cidade do Aço.

CAPITULO XV

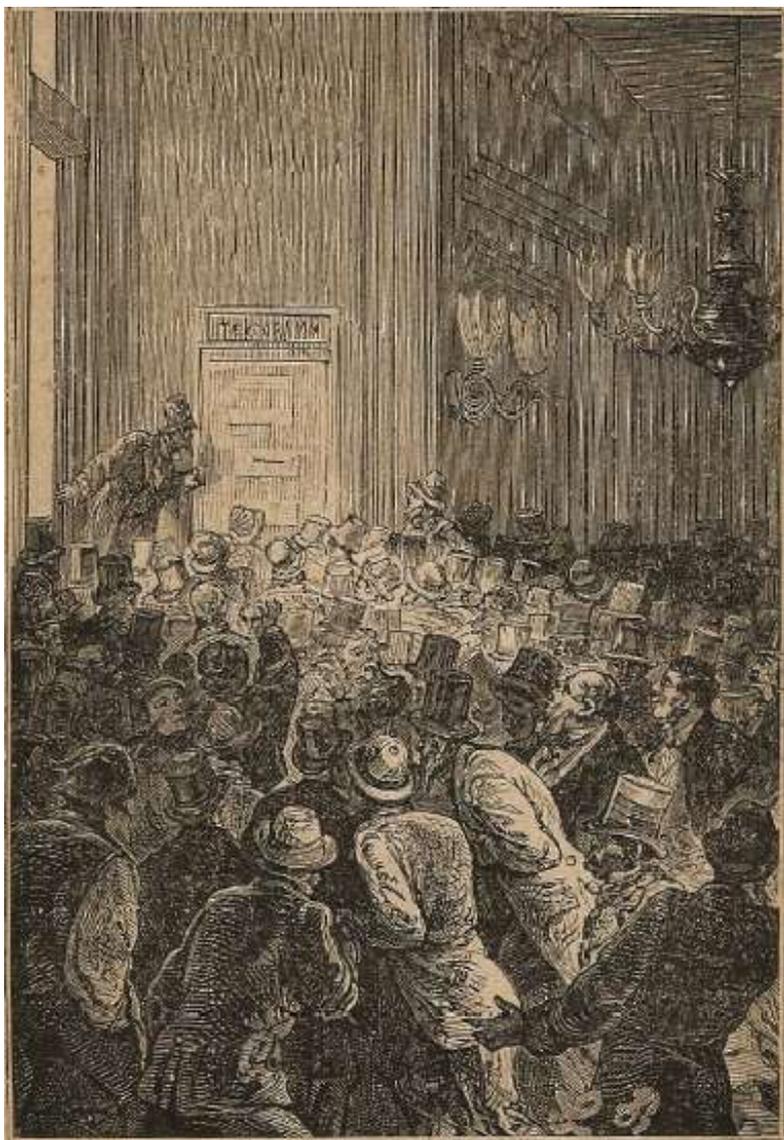
A BOLSA DE S. FRANCISCO

A Bolsa de S. Francisco, expressão condensada, e de certo modo algebrica de um immenso movimento industrial e commercial, é uma das Bolsas mais animadas e mais extraordinarias do mundo.

Por uma consequencia natural da posição geographica da capital da California, participa do character cosmopolita, que é uma das suas feições mais accentuadas.

Sob os seus porticos de bello granito vermelho, o saxonio de cabellos louros, de elevada estatura, acotovella-se com o celta de côr pallida, de cabellos mais escuros, de membros mais flexiveis e mais finos. O negro encontra-se

com o irlandez e o indio. O habitante da Polynesia vê com surpresa o groenlandez. O chinez de olhos obliquos, de rabicho cuidadosamente entrançado, lucha ali em astucia com o japonez, seu inimigo historico. Todas as linguas, todos os dialectos, todas as algaravias confundem-se n'aquelle recinto como n'uma Babel moderna.



A bolsa de S. Francisco

N'aquella Bolsa, unica no mundo, a abertura do mercado de 12 de outubro nada apresentou de extraordinario.

Perto das onze horas viram-se os principaes corretores e agentes de negocios aproximarem-se uns dos outros alegre ou gravemente segundo os seus temperamentos, trocaram apertos de mãos, dirigem-se ao botequim e preludiam as operações do dia com libações propiciatorias.

Depois foram, um por um, abrir a portinha de cobre das caixinhas numeradas que recebem, no vestibulo, a correspondencia dos assignantes, e tiraram de dentro enormes maços de cartas, que percorreram com ar distrahido.

Encetavam dentro em pouco as primeiras transacções do dia, e a multidão atarefada ia ao mesmo tempo engrossando insensivelmente.

Dos grupos, cada vez mais numerosos, elevou-se um ligeiro rumor.

Começaram a chover os despachos telegraphicos de todos os pontos do globo.

Não se passava um minuto sem que uma tira de papel azul, lida n'uma voz em grita, no meio de grande vozeria, viesse juntar-se sobre a parede do norte á collecção dos telegrammas affixados pelos guardas da Bolsa.

Crescia de instante para instante a intensidade do movimento. Os caixeiros entravam de corrida e tornavam a sair, precipitando-se para a estação telegraphica, levando as respostas.

Abriam-se todos os livrinhos de lembranças, annotavam-se, riscavam-se, rasgavam-se.

Uma especie de loucura contagiosa parecia ter-se apoderado de toda a multidão, quando, proximo de uma hora, pareceu que alguma cousa

‘mysteriosa passava como um calefrio atravez dos grupos agitados.

Uma noticia espantosa, inesperada, incrivel, acabava de ser trazida por um dos associados do Banco do Far-West, e circulava com a rapidez do raio.

Diziam uns:

– Que gracejo!... É um estratagemma! Como admittir similhante peta?

– Oh! Sim! sim! exclamavam outros, não ha fumo sem fogo.

– Pode-se lá naufragar n’uma situação d’aquellas!...

– Mas, senhores, só os immoveis e o material representam mais de oitenta milhões de dollars! exclamava este.

– Sem fallar no aço e na fundição, fornecimentos e productos fabricados! replicava aquelle.

– Ora! qual! é o que eu dizia! Á empreza Schultze ainda representava os seus noventa milhões de dollars, e encarrego-me de realizar quando quizerem o seu activo.

– Mas, em summa, como se explica a suspensão de pagamentos?

– Nem o explico sequer!... Não creio n’ella.

– Como se essas cousas não acontecessem todos os dias e ás casas mais solidas!

– Stahlstadt não é uma casa, é uma cidade!

Em todo o caso, é impossivel que aquillo acabe! Não póde deixar de se fundar uma companhia para continuar os seus negocios!

– Mas por que demonio não a formou Schultze antes de se deixar protestar!

Por isso mesmo, senhor, é tão absurdo que não resiste ao exame! É pura e simplesmente uma

falsa noticia, provavelmente espalhada por Nash, que tem uma terrível precisão de alta nos aços!

– Não tem nada de falsa a noticia! Não só Schultze está em quebra, como fugiu.

– Ora adeus!

– Em fuga, senhor. O telegramma que o diz acaba n'este instante de ser affixado.

Para a taboleta dos despachos rolou uma formidável vaga humana.

A ultima tira de papel azul era concebida n'estes termos:

«Nova York. 12 horas, 10 minutos. – Central-Bank. – Pabrica Stahlstadt. Suspensão de pagamentos. Passivo conhecido: quarenta e sete milhões de dollars. Schultze desapareceu.»

Por surprehendente que fosse a noticia, não havia que duvidar, e começaram a circular as hypotheses.

Ás cinco horas, as listas das quebras secundarias, causadas pela de Herr Schultze, começaram a inundar a praça. Era o Mining-Bank, de New-York, quem perdia mais; casa Westerley e Filho, de Chicago, achava-se compromettida com sete milhões de dollars; a Milwankee, de Buffalo, com cinco milhões; o Banco Industrial de S. Francisco com milhão e meio; depois seguia-se a raia miuda das casas de terceira ordem.

A praça de S. Francisco, tão firme pela manhã, no dizer dos experientes, já não estava assim ás duas horas! Que sobressaltos! que altas! que desenfreado desencadeamento da especulação.

Alta nos aços, que sobem de minuto em minuto! Alta nas hulhas! Alta em todas as fundições da União Americana! Alta em todo o genero de productos fabricados da industria de ferro! Alta igualmente nos terrenos de France-

-Ville. Havendo descido a zero e desaparecido da cotação, desde a declaração de guerra subiram de repente, na procura, a oitenta dollars o acre!

N'aquella mesma noite, as lojas onde se colhiam noticias, foram tomadas de assalto. Mas, tanto o *Herald* como a *Tribuna*, o *Alta* como a *Guardian*, o *Echo* como o *Globo*, debalde inscreveram em caracteres gigantescos as escassas informações que tinham podido colhêr. Essas informações reduziam-se afinal a quasi nada.

Só o que se sabia era que a 26 de setembro, uma letra de oito milhões de dollars, accete por Herr Schultze, saccada por Jackson, Elder & C^a, de Buffalo, tendo sido apresentada a Schring, Strauss & C^a, banqueiros do Rei de Aço, em Nova York, estes senhores haviam verificado que o saldo em credito do seu cliente não chegava para

satisfazer aquelle enorme pagamento, e avisando-o logo pelo telegrapho do que se passava, não haviam recebido resposta; que em seguida tinham recorrido aos seus livros e verificado com estupefacção que no espaço de treze dias nenhuma letra ou valor lhes chegára de Stahlstadt, e que a datar d'aquelle momemto as letras e cheques, sacados por Herr Schultze sobre a sua caixa, accumulavam-se quotidianamente, soffrendo a sorte commum e voltando á origem com a declaração «no effects» (não ha fundos).

Durante quatro dias, os pedidos de esclarecimentos, os telegrammas inquietos, as perguntas furiosas, succederam-se de um lado sodre a casa de Banco, do outro sobre Stahlstadt.

Finalmente chegou uma resposta decisiva:

«Herr Schultze desapareceu desde o dia 17 de setembro, dizia o telegramma. Ninguém póde

dar o menor esclarecimento sobre este mysterio. Não deixou ordens, e as caixas dos sectores estão vasias.»

A partir d'aquelle momento tornou-se impossivel dissimular a verdade. Os credores principaes tomaram medo e depositaram no tribunal do commercio os seus papeis. A catastrophe accentou-se em algumas horas com a rapidez do raio, arrastando comsigo o seu cortejo de ruinas secundarias.

Em 13 de outubro ao meio dia, o total dos creditos conhecidos era de quarenta e sete milhões de dollars.

Tudo fazia prever que o passivo, addicionando-se-lhe os creditos complementares, se approximaria de uns sessenta milhões.

Eis, com mais ou menos amplificações, o que se sabia e o que os jornaes contavam.

É escusado dizer que todos promettiam para o dia seguinte informações as mais ineditas e as mais especiaes.

E effectivamente, não houve nenhum que não tivesse mandado os seus correspondentes caminho de Stahlstadt.

Logo na noite de 14 de outubro, a Cidade do Aço se vira investida por um verdadeiro exercito de *reporters*, de canhendo aberto e lapis em punho.

Mas este exercito veiu quebrar-se como uma vaga contra o recinto exterior de Stahlstadt.

Conservaram-se as ordens antigas, e os *reporters* debalde empregaram todos os meios possiveis de seducção, não conseguiram fazel-as ceder da sua severidade.

Comtudo poderam verificar que os operarios nada sabiam, e que na rotina dos sectores cousa alguma se alterára.

Só os contramestres tinham anunciado na vespera, por ordem superior, que não havia fundos nas caixas particulares, nem se tinham recebido instrucções do Corpo Central, e que por consequencia os trabalhos seriam suspensos no sabbado seguinte, salvo aviso em contrario.

Isto, em vez de esclarecer a situação, não fazia senão complical-a.

Que Herr Schultze desaparecera havia um mez, não offerencia duvida a ninguem. Qual era, porém, a causa e o alcance d'esta desapareição, é o que ninguem sabia.

Uma vaga apprehensão de que aquelle mysterioso personagem ia apparecer de um instante para o outro, dominava ainda um pouco a inquietação geral.

Na officina, durante os primeiros dias, os trabalhos tinham continuado como até ali, em virtude da velocidade adquirida.

Cada qual proseguia a sua tarefa parcial no horizonte limitado da sua secção.

As caixas particulares tinham pago os salarios todos os sabbados. A caixa principal fizera face até aquelle dia ás necessidades locaes. Mas em Stahlstad a centralisação fôra levada a grau muito elevado de perfeição; o senhor reservára para si uma superintendencia muito absoluta em todos os negocios, para que sua ausencia não originasse, em praso muito curto, uma suspensão forçada do mecanismo. Era por isso que desde 17 de setembro, dia em que pela ultima vez o Rei do Aço assignára ordens, até 13 de outubro, em que rebentára como uma bomba a noticia da suspensão dos pagamentos, milhares

de cartas, – grande numero contendo de certo valores consideraveis, – recebidas pela posta de Stahlstadt, tinham sido deitadas na caixa do Corpo Central, e sem duvida haviam chegado ao gabinete de Herr Schultze.

Mas só elle se arrogava o direito de as abrir, de as anotar a lapis vermelho, e de transmittir o seu conteúdo ao seu primeiro empregado.

Os funcionarios mais elevados da fabrica nem por pensamentos se atreveriam a sair das suas attribuições regulares.

Investidos, com relação aos seus subordinados, de um poder quasi absoluto, eram com relação a Herr Schultz, – e até com relação á sua recordação, – outros tantos instrumentos, sem auctoridade, sem iniciativa, sem voto no capitulo.

Por isso cada qual fechára-se na estreita responsabilidade do seu mandato, esperára, contemporisára, pozera-se na expectativa dos acontecimentos.

Por fim os acontecimentos chegaram.

Esta situação anormal prolongára-se até ao momento em que as principaes casas interessadas, possuidas de um subito temor, telegrapharam, solicitaram uma resposta, reclamaram, protestaram, tomaram finalmente as suas precauções legaes. Levára tempo para se chegar a este extremo.

Não foi facil suspeitar que aquella prosperidade tão notoria tivesse pés de barro.

Mas o facto era evidente: Herr Schultze fugira aos seus credores.

Foi tudo quanto os *reporters* conseguiram saber.

O proprio Meiklejohn, o celebre e illustre por ter conseguido arrancar confissões politicas ao presidente Grand, o homem mais taciturno do seu seculo, o infatigavel Blunderbuss, famoso por ter sido o primeiro, elle, simples correspondente do *World*, que annunciou ao czar a importante noticia da capitulação de Plewna, estes grandes noticiaristas não foram d'aquella vez mais felizes que os seus confrades.

Viam-se obrigados a confessar elles proprios que a *Tribuna* e o *World* não poderiam emittir ainda a primeira palavra a respeito da *quebra* de Schultze.

O que tornava aquelle sinistro industrial n'um successo quasi unico, era aquella estranha situação de Stahlstad, aquelle estado de cidade independente e isolada, que não permittia que se fizesse inquerito algum regular e legal.

A assignatura de Herr Schultze era com effeito protestada em New-York, e os seus credores tinham toda a razão para suppor que o activo representado pela fabrica podia chegar até certo ponto para os indemnisar.

Mas a que tribunal se haviam de dirigir para obterem a penhora ou o sequestro?

Stahlstadt permanecêra um territorio especial, ainda não classificado, onde tudo pertencia a Herr Schultze.

Se ao menos elle houvesse deixado um representante, um conselho de administração, um substituto!

Mas nada, nem um tribunal sequer, nem um conselho judiciario!

Elle, só por si, era o rei, o juiz principal, o general em chefe, o tabellião, o advogado, o tribunal de commercio da sua cidade.

Realisára na sua pessoa o ideal da centralização.

Por isso, ausente, achavam-se em face do nada puro e simples, e todo aquelle edificio formidavel desmoronava-se como um castello de cartas.

Em qualquer outra situação, os crédores poderiam formar syndicato, substituir Herr Schultze, lançar mão do seu activo, apoderar-se da direcção dos seus negocios.

Segundo todos os indicios, reconheceriam que para fazer funcionar a machina, só faltavam talvez um pouco de dinheiro e um poder regulador.

Nada d'isto era porém possivel. Para se operar a substituição faltava o instrumento legal.

Detinha-os uma barreira moral mais inexpugnavel, se tanto era possivel, que as muralhas levantadas em roda da Cidade do Aço.

Os infelizes credores tinham á vista o penhor do seu credito, mas achavam-se na impossibilidade de se apoderarem d'elle.

Tudo quanto poderam fazer foi reunirem-se em assembléa geral, combinarem-se e dirigirem ao Congresso um requerimento, pedindo-lhe que tomasse sob a sua protecção aquella causa, se pozesse ao lado dos interesses dos seus nacionaes, e decretasse a annexação de Stahlstadt ao territorio americano, e fizesse por esse modo entrar aquella creação monstruosa no direito commum da civilisação.

Muitos membros do Congresso achavam-se pessoalmente interessados no negocio: o requerimento, por mais de um aspecto, seduzia o character americano, e havia motivos para pensar que obteria completa satisfação.

Infelizmente o Congresso não funcionava e era para receiar grande demora primeiro que o negócio pudesse ser-lhe submettido.

Entretanto, estava tudo parado em Stahlstadt, e os fornos apagavam-se um a um.

A consternação era por isso profunda n'aquella população de dez mil familias que viviam do trabalho da fabrica. Que fazer? Continuar a trabalhar na esperança de um salario que levaria talvez seis mezes a vir, ou que absolutamente não viria!

Ninguem era d'essa opinião.

E depois, que trabalho? A fonte das encomendas, como as outras fontes seccára.

Todos os freguezes de Schultze esperavam a solução legal para reatar as relações.

Os chefes de secção, engenheiros e contramestres, privados de ordens, não podiam fazer nada.

Houve reuniões, meetings, discursos, projectos.

Não se assentou n'um plano, porque não havia plano possível.

A falta de trabalho trouxe depressa o seu cortejo de miserias, de vícios, de actos de desespero.

Vazia a officina, enchia-se a taberna.

Por cada chaminé que cessava de lançar fumo na fabrica, abria-se uma taberna nas aldeias proximas.

Os operarios de mais juizo, os mais avizados, os que tinham sabido prever os dias difficeis, poupar uma reserva, apressaram-se a fugir com armas e bagagens, – as ferramentas, as camas, tão queridas do coração das donas de casa, e as creanças rechonchudas encantadas com o espectáculo do mundo que lhes apparecia através da portinhola do wagon.

Esses partiram, espalharam-se pelos quatro cantos do horizonte, e depressa depararam, este a leste, aquelle ao sul, aquell'outro ao norte, outra fabrica, outra bigorna, outro lar...

Mas por um, por dez podiam realizar aquelle sonho, quantos não havia a quem a miseria prendia á gleba?

Esses ficaram, espantado o olhar, consternado o coração!

Ficaram, venderam o seu pobre fato ao bando de aves de rapina de face humana, que instinctivamente baixam sobre todos os grandes desastres, acharam-se em poucos dias reduzidos aos supremos expedientes, privados de credito como de salario, de esperança como de trabalho, e vendo alongar-se diante d'elles, negro como o inverno que ía principiar, um futuro de miseria, de privações!

CAPITULO XVI

DOIS FRANCEZES CONTRA UMA CIDADE

Quando a noticia da desaparecimento de Schultze chegou a France-Ville, a primeira expressao de Marcello fôra:

– Se não passasse de um estratagema de guerra?

Reflectindo, dissera consigo que os resultados de um tal estratagema seriam tão graves para Stahlstadt, que em boa logica a hypothese era inadmissivel.

Comtudo acrescentára tambem que o odio não raciocina, e que o odio exasperado de um homem como Herr Schultze devia, n'um momento dado, tornal-o capaz de tudo sacrificar ao seu rancor.

Em todo o caso convinha estar álferta.

A requerimento seu, o conselho de defesa redigiu immediatamente uma proclamação exhortando os habitantes a precaverem-se contra as falsas noticias espalhadas pelo inimigo com o fim de adormecer a sua vigilancia.

Os trabalhos e os exercicios, continuados com mais ardor que nunca, accentuaram a replica que France-Ville julgou conveniente dirigir ao que podia não passar de estratagema de Herr Schultze.

Mas as informações, verdadeiras ou falsas, trazidas pelos jornaes de S. Francisco, de Chicago e de New-York, as consequencias financeiras e commerciaes da catastrophe, todo este conjuncto de provas, que separadas nada significavam e reunidas diziam tanto, destruiu toda duvida.

Uma bella manhã a cidade despertou definitivamente salva, como aquelle que se livra de um pesadello pelo simples facto de acordar. Sim, France-Ville achava-se evidentemente livre

de perigo, sem ter dado um tiro, e foi Marcello, agora absolutamente convencido, que divulgou esta noticia pelos meios de publicidade de que dispunha.

Houve então na cidade um movimento geral de festa, um ar de alegria, uma especie de immenso suspiro de allivio.

Os habitantes apertavam as mãos uns aos outros, felicitavam-se mutuamente, convidavam-se para jantar.

As senhoras apresentavam frescas *toilettes*, os homens concediam a si mesmos momentanea folga de exercicios, de manobras e de trabalhos.

Achavam-se todos tranquillizados, satisfeitos, radiantes.

Dir-se-hia uma cidade de convalescentes.

O mais contente de todos era, sem contradição, o doutor Sarrasin.

O digno doutor sentira-se responsavel pela sorte de todos quantos haviam vindo, cheios de confiança, estabelecer-se no seu territorio e collocar-se sob a sua protecção.

Havia um mez que não lhe deixava um momento de descanso o receio de os ter arrastado á sua perda, elle que só tivera em vista a sua felicidade. Finalmente achára-se livre de uma terrivel inquietação, e respirava á vontade.

Entretanto o perigo commum unira mais intimamente os cidadãos. Os individuos de todas as classes tinham-se approximado mais, tinham-se reconhecido como irmãos, tinham-se achado animados dos mesmos sentimentos e dos mesmos interesses.

Em cada coração palpitára uma esperança nova. D'ali em diante para os habitantes de France-Ville nascêra a «patria». Tinham receiado,

tinham soffrido por ella, tinham sentido melhor quanto a amavam.

Os resultados materiaes do estado de defeza em que se pozeram foram todos em vantagem da cidade. Tinham aprendido a conhecer as forças. Não precisavam d'ali em diante de as improvisar. Tinham mais confiança em si proprios. De futuro, estavam preparados para qualquer acontecimento.

Em summa, nunca se annunciára tão brilhante a sorte da obra do doutor Sarrasin. E cousa rara, não houve ingratidão para com Marcello.

Apesar de que a salvação geral não lhe era devida, foram votados agradecimentos publicos ao moço engenheiro, como sendo o organisador da defeza, aquelle a cuja dedicação deveriam a salvação, se os projectos de Herr Schultze fossem levados ávante.

Marcello não dava ainda por inteiramente cumprida a sua missão. O mysterio que rodeava Stahlstadt podia ainda occultar algum perigo, pensava elle.

Não se consideraria puramente satisfeito sem derramar toda a luz no meio das trevas que ainda envolviam a Cidade do Aço.

Resolveu por isso voltar a Stahlstadt, e não recuar diante de cousa alguma para obter a chave dos seus ultimos segredos.

Esforçou-se bastante o doutor Sarrasin para lhe fazer ver que o empreendimento seria difficil, talvez erizado de perigos; que ía realizar uma especie de descida aos infernos; que não sabia que especie de abysmos encontraria sob cada um dos seus passos... Herr Schultze, tal como elle lh'o havia descripto, não era homem que desaparecesse inutilmente para os outros, que

sósinho se sepultasse nas ruínas das suas esperanças... Que havia todo o direito de se receiar do ultimo pensamento de um tal personagem... Que esse pensamento não podia fazer lembrar senão a agonia terrível do tubarão!...

– É exactamente por eu pensar, querido doutor, que é possível tudo quanto o doutor imagina, que eu entendo ser meu dever ir a Stahlstadt. É uma bomba cujo morrão me pertence arrancar antes que ella rebente, e peço-lhe até licença para levar Octavio commigo.

– Octavio! exclamou o doutor.

– Sim, é agora um bello rapaz com quem posso contar, e asseguro que o passeio lhe ha de fazer bem.

– Que Deus os proteja a ambos! retorquiu o ancião, abraçando-os commovido.

No dia seguinte, pela manhã, uma carruagem depunha Marcello e Octavio á porta de Stahlstadt, depois de atravessar as aldeias abandonadas.

Iam ambos bem equipados, bem armados, e muito resolvidos a não voltarem para traz sem haverem esclarecido aquelle sombrio mysterio.

Caminhavam lado a lado pela estrada circular que cingia as fortificações, e a verdade, de que Marcello se obstinára a duvidar até aquelle momento, evidenciava-se-lhe agora.

Não havia que duvidar de que os trabalhos da fabrica estavam completamente parados.

D'aquelle caminho que íam percorrendo, teria Marcello em outros tempos avistado a luz do gaz, a constellação da baioneta de uma sem-tinella, mil indicios de vida agora ausentes. As ja-

nellas illuminadas dos sectores haveriam apparecido como outras tantas vidraças scintillantes.

Agora tudo se mostrava sombrio e mudo. Só a morte parecia pairar sobre a cidade, cujas altas chaminés se erguiam no horisonte como esqueletos.

As pissadas de Marcello e do seu companheiro sobre a calçada soavam no vacuo.

Era tão evidente o aspecto desolado e solitario da cidade, que Octavio não poude deixar de dizer:

– É singular! nunca vi um silencio d'estes! parece que estamos n'um cemiterio!

Eram sete horas quando Marcello e Octavio chegaram á borda do fosso, em frente da porta principal de Stahlstadt.

No alto da muralha não apparecia creatura viva, e das sentinellas que outr'ora ali giravam de

distancia em distancia, quaes postes humanos, já não havia o menor vestigio.

A ponte levadiça estava levantada, escancarando diante da porta um abysmo da largura de cinco a seis metros.

Levaram mais de uma hora para lançarem á força de braço uma corda a uma das traves.

No fim de muito trabalho, Marcello conseguiu o que queria, e Octavio, pendurando-se na corda, poudé içar-se á força de pulso, até á parte superior da porta.

Marcello passou-lhe então uma por uma as armas e as munições, e depois tomou o mesmo caminho.

Só faltava agora puxar o cabo para o outro lado da muralha, e arrear todos os objectos como tinham sido içados, e finalmente descerem ambos.

Acharam-se então no caminho de circunvalação que Marcello se lembrava de haver seguido no dia em que pela primeira vez entrára em Stahlstadt.

Reinavam por toda a parte a solidão e o silencio mais completos.

Em frente d'elles elevava-se, negra e muda, a imponente agglomeração dos edificios que, das suas mil janellas envidraçadas, pareciam olhar aquelles intrusos como para lhes dizer:

– Vão-se!... não teem que devassar os nossos segredos!

Marcello e Octavio formaram conselho.

– O melhor é atacar a porta, disse Marcello.

Dirigiram-se para oeste, e chegaram depressa em frente do arco monumental que tinha ná sua frontaria a letra O.

Os dois pesados batentes de carvalho, com grandes pregos de aço, estavam fechados. Mar-

cello aproximou-se da porta e bateu repetidas vezes com uma pedra que apanhou no chão.

Só o echo lhe respondeu.

– Vamos! mãos á obra! exclamou Octavio.

Foi preciso recommençar o penoso trabalho do lançamento da corda por cima da porta, até encontrarem um obstaculo onde ella podesse segurar-se solidamente.

Custou-lhes. Mas finalmente, Marcello e Octavio sempre conseguiram transpor a muralha, e viram-se no eixo do sector O.

– É boa! exclamou Octavio, tanto trabalho para que? Eis-nos bastantes avançados! Depois de transpormos uma muralha, vemo-nos em frente de outra!

– Silencio nas fileiras!olveu Marcello... Eis justamente a minha antiga officina. Não se me dá de a tornar a ver, e de tirar de lá alguma ferramenta, sem esquecer alguns massinhos de dynamite.

Estavam na grande sala de fundição, onde o moço alsaciano fôra admittido por ocasião da sua chegada á fabrica.

Como ella era agora lugubre, com os seus fornos apagados, os seus rails enferrujados, os seus guindastes cobertos de poeira, que levantavam os grandes braços ao ar com aspecto desolador, parecendo outras tantas forcas!

Tudo aquillo desconfortava o coração, e Marcello sentiu necessidade de alguma cousa que lhe desviasse a attenção d'ali.

– Olha uma officina que te ha de interessar mais, disse Marcello precedendo-o no caminho da taverna.

Octavio fez um signal de acquiescencia, signal que se tornou de satisfação, ao avistar, enfileirado em ordem de batalha sobre uma prateleira de madeira, um regimento de garrafas

vermelhas, amarellas e verdes. Algumas caixas de conservas mostravam tambem os seus envolucros de folha de Flandres, revestidos das melhores marcas.

Havia ali com que fazer um almoço, cuja necessidade aliás se fazia sentir.

Poseram a mesa sobre o balcão de estanho, e readquiriram forças para continuar a sua expedição.

Ao mesmo tempo que comia, Marcello pensava no que tinha a fazer.

Escalar a muralha do Corpo Central, nem pensar devia n'isso. Aquella muralha era de uma altura prodigiosa, isolada de todos os outros edificios, sem uma saliencia a que se podesse prender uma corda.

Para lhe encontrar a porta, – porta provavelmente unica, – seria preciso percorrer todos o sectores, e não era isso uma operação facil.

Restava o emprego da dynamite, sempre bem problematico, porque parecia impossivel que Herr Schultze houvesse desaparecido sem semear de ciladas o terreno que abandonára, sem oppôr contraminas ás minas que por força haviam de preparar os que quizessem apoderar se de Stahlstadt.

Mas nada d'isto era para fazer recuar Marcello.

Vendo Octavio refeito de forças e descansado, Marcello dirigiu-se com elle para o extremo da rua que formava o eixo do sector, e terminava na base da grande muralha de cantaria.

– O que dirias de uma mina por ali dentro? perguntou:

– Seria difficil, mas nós não somos nenhuns mandriões! respondeu Octavio prompto para tudo.

A tarefa principiou. Foi preciso descalçar a base da muralha, introduzir uma alavanca no interstício de duas pedras, soltar uma, e por meio de uma broca, operar a abertura de muitos rastilhos pequenos e paralelos.

Às dez horas tudo estava terminado, as cargas de dynamite achavam-se no seu logar, e a mécha accendeu-se.

Marcello sabia que esta duraria cinco minutos, e como reparára que a taverna, situada n'um subterraneo, formava uma verdadeira adega coberta de aboboda, foi ali refugiar-se com Octavio.

De repente o edificio e a propria adega soffreram um abalo como se fosse por effeito de um tremor de terra.

Uma formidavel detonação, semelhante á de tres ou quatro baterias que estrondeassem ao mes-

mo tempo, dilacerou os ares, seguindo de perto o abalo. Em seguida, decorridos dois ou tres segundos, um chuva de destroços projectados de todos os lados caíu sobre o sólo.

Durante alguns instantes ouviu-se um continuo ribombo de telhados que abatiam, de vigas que estalavam, de paredes que se desmoronavam, no meio do tinir dos vidros que se quebravam.

A final, este horrivel estroado terminou.

Apesar de muito habituado ao effeito das substancias explosivas, Marcello ficou maravilhado com os resultados que observou.

Metade do sector tinha saltado, e os muros desmantellados de todas as officinas proximas do Corpo Central pareciam-se com os de uma cidade bombardeada.

Por todos os lados os montões de ruínas, os pedaços de vidro e as lascas de estuque cobriam o sólo, ao mesmo tempo que nuvens de poeira, caindo lentamente do céu, para onde a explosão as havia arremessado, iam lentamente cobrindo as ruínas, semelhando vasto lençol de neve.

Marcello e Octavio correram á muralha interior. Estava tambem destruida n'uma largura de quinze a vinte metros, e do outro lado da brecha, o ex-desenhador do Corpo Central avistou o pateo, que muito bem conhecia, e onde havia passado tantas horas monotonas.

Logo que aquelle pateo não estava guardado, a grade de ferro que o rodeava não era inexpugnável... Depressa foi transposta.

Continuava o mesmo silencio por toda a parte.

Marcello passou revista ás officinas onde outr'ora os seus companheiros admiravam os desenhos que elle fazia.

A um canto encontrou, meio esboçado, o desenho da machina a vapor que estava principiado por elle, quando uma ordem de Herr Schultze o chamou ao jardim.

Na sala de leitura tornou a ver os jornaes e os livros que lhe eram familiares.

Todos os objectos conservaram a physinomia de um movimento suspenso, de uma vida interrompida subitamente.

Chegaram ao limite interior do Corpo Central, e acharam-se depressa junto da base da muralha que devia, na opinião de Marcello, separal-os do jardim.

– Será tambem preciso fazer dansar aquelles monos de pedra? perguntou-lhe Octavio.

– Talvez... mas para entrar, poderiamos primeiramente procurar uma porta, que um simples rastilho faria ir pelos ares.

Começaram ambos a percorrer o parque encostados á muralha.

De quando em quando eram obrigados a fazer um rodeio, a tornejear um corpo do edificio, saliente como uma espora, ou a escalar uma grade.

Mas nunca se esqueciam do que procuravam, e as suas diligencias foram a final recompensadas.

Appareceu-lhes uma portinha, baixa e desgeitosa, solução de continuidade na muralha.

Em dois minutos, Octavio fez um orificio com uma verruma através das tabuas de carvalho da porta. Applicando o olho ao orificio, Marcello reconheceu, com viva satisfação, que do outro lado se estendia o parque tropical com a sua verdura eterna e a sua temperatura de primavera.

– Mais uma porta a fazer saltar, e eis-nos senhores da praça! disse elle ao companheiro.

– Um rastilho para esta porta, seria muita honra!

E começou a atacar a porta com grandes golpes de picareta.

Mal começava a porta a dar de si, quando se ouviu ranger uma chave na fechadura, e dois fechos correrem nos aneis.

A porta entreabriu-se, ficando segura da banda de dentro por uma cadeia muito grossa.

– *Wer da?* (Quem vem lá? disse uma voz roufenha.)

CAPITULO XVII

EXPLICAÇÕES A TIRO

Estavam longe de esperar semelhante pergunta.

Ficaram mais admirados do que se ouvissem um tiro.

De todas as hypotheses que Marcello imaginára, a unica que não se apresentára ao seu espirito, era que um ente vivo lhe pedisse tranquillamente contas da sua visita.

Quasi legitima, na supposição de que Stahlstadt estava completamente deserta, a sua empreza tomava character inteiramente differente desde o momento que a cidade ainda possuia habitantes.

O que no primeiro caso era uma simples exploração archeologica, tornava-se no segundo um ataque á mão armada com effracção.

Impozeram-se-lhe estas idéas de tal maneira ao espirito, que Marcello ficou a principio como mudo.

– *Wer da?* repetiu a voz com alguma impaciencia.

Incontestavelmente a impaciencia não vinha de todo fóra de proposito.

Vencer tão variados obstaculos, escalar muralhas e fazer saltar bairros para chegar áquella porta, e a final nada ter que responder quando se vos pergunta simplesmente: «Quem vem lá?» era uma cousa que não deixava de ser espantosa.

Bastou meio minuto para Marcello se compenetrar da falsidade da sua posição, e respondeu immediatamente em língua allemã:

– Amigo ou inimigo, como lhe aprouver?
Pretendo fallar com Herr Schultze.

Mal proferiu estas palavras, ouviu-se uma exclamação de surpresa através da porta entreaberta:

– Ach!

E pela abertura, Marcello apercebeu um pedaço de suissas vermelhas, um bigode eriçado, um olhar idiota, reconhecendo isto tudo no mesmo instante. Pertenciam a Sigimer, o seu antigo guarda de corpo.

– Johann Schwartz! exclamou com estupefacção e alegria. Johann Schwartz!

O regresso inesperado do seu prisioneiro parecia admirar-o quasi tanto como dêvera tel-o admirado a sua desapareção mysteriosa.

– Posso fallar a Herr Schultze? repetiu Marcello, vendo que não recebia outra resposta senão aquella exclamação.

Sigimer abanoua cabeça.

– Não ha ordem! disse. Ninguem entra sem ordem!

– Póde ao menos participar a Herr Schultze que estou aqui e que desejo fallar-lhe?

– Mas onde está? Quando é que vem?

– Não sei! As ordens continuaram as mesmas! Ninguem aqui entra sem elle mandar.

Estas phrases entrecortadas foram tudo o que Marcello pôde tirar de Sigimer, o qual, a todas as perguntas, oppoz uma teima bestial.

Octavio acabou por se impacientar.

– Para que havemos de estar a pedir licença? disse elle. É muito mais simples tomal-a!

Arremessou-se contra a porta para a forçar. A cadeia, porém, resistiu, e um empurrão, superior ao seu, tornou logo a fechar o batente, cujos fechos foram successivamente corridos.

– Deve estar muita gente da banda de lá!
exclamou Octavio, bastante humilhado ante
aquelle resultado.

Applicou o olho ao orificio feito pela verruma
e quasi no mesmo momento soltou um grito de
surpreza:

– Está lá outro gigante! exclamou.

– Arminius? tornou Marcello.

E olhou tambem pelo orificio.

– É verdade! é Arminius, o collega de
Sigimer!

De repente, outra voz, que parecia vir do ceu,
fez levantar a cabeça a Marcello.

– *Wer da?* dizia a voz.

D'aquella vez era a de Arminius.

A cabeça do guarda apparecia por cima da
muralha, a cuja parte superior devia ter chegado
por meio de alguma escada.

– Vamos, Arminius! respondeu Marcello.
Quer abrir? sim ou não?

Não concluiu estas palavras quando por cima da muralha appareceu o canno de uma espingarda.

Soou uma denotação, e uma balla veiu passar rente da aba do chapéu de Octavio.

– Bem, ahi tens a resposta! exclamou Marcello.

E mettendo uma carga de dynamite por baixo da porta, fez voar esta em pedaços.

Aberta a brecha, Marcello e Octavio precipitaram-se logo no jardim de carabina em punho e punhal nos dentes.

Encostada ao lanço da muralha excavada pela explosão, via-se uma escada, e proximo da escada divisavam-se vestigios de sangue. Mas nem Sigimer nem Arminius se achavam ali para defender a passagem.

Diante dos assaltantes estendiam-se os jardins em todo o esplendor da sua vegetação magnífica. Octavio estava maravilhado.

– É magnífico!... disse. Mas atenção!... Separemo-nos em atiradores! Estes comilões de *choucroute* podem muito bem ter-se escondido nas moitas!

Octavio e Marcello separaram-se, e tomando cada um por lado diferente, avançaram pela alameda fóra, prudentemente, de árvore em árvore, de obstáculo em obstáculo, segundo os princípios da estratégia individual a mais elementar.

A precaução era bem entendida.

Não haviam dado cem passos quando soou um tiro de espingarda.

Uma balla fez saltar a casca de uma árvore que Marcello acabára de deixar.

– Nada de asneiras!... De bruços! disse Octavio a meia voz.

E acompanhando o preceito com o exemplo, arrastou-se sobre os joelhos e os cotovellos até um silvado que circumdava o chão circular no centro do qual se elevava a Torre do Touro.

Marcello, que não seguiu o conselho com bastante promptidão, serviu de alvo a terceiro tiro, e apenas teve tempo de se pôr detraz do tronco de uma palmeira para evitar um quarto tiro.

– Felizmente que aquelles animaes atiram como recrutas! gritou Octavio ao seu companheiro, separado d'elle por uns trinta passos apenas!

– Caluda! retorquiu Marcello tanto com os olhos como com os labios. Vês o fumo que sae d'aquella janella no rez no chão? É acolá que os bandidos estão emboscados!... Vou pregar-lhes uma das minhas!...

De um relance, Marcello cortou por traz da sebe uma vara de tamanho rasoavel. Depois, despiu, a camisola, enfiou-a na vara, poz-lhe o chapéu em cima, e formou d'este modo um manequim apresentavel.

Collocou-o então no lugar occupado por elle, de maneira que ficavam á vista o chapéu e as duas mangas, e retirando-se por traz de Octavio, segredou-lhe ao ouvido:

– Entrem-m'os por este lado, atirando á janella, ora do teu logar, ora do meu! Pela minha parte, vou ataca-os pela rectaguarda!

E deixando Octavio a espingardear, deslisou cautellosamente por entre as moitas que circumdavam a torre.

Decorreu um quarto de hora durante o qual se trocaram sem resultado umas vintes balas.

A veste e o chapéu estavam já todos crivados, mas pessoalmente Marcello não se sentia muito incommodado por isso.

Quanto ás tabuinhas do rez do chão, a carabina fizera-as em pedaços.

De repente o fogo cessou, e Octavio ouviu distintamente este grito abafado:

– Acode!... Apanhei-o!...

Abandonar o posto onde se abrigava, precipitar-se a descoberto para a torre, assaltar a janella, foi para Octavio obra de meio minuto. Passado um instante caia na sala.

Sobre o tapete, enlaçados como duas serpentes, Marcello e Sigimer luctavam com desespero.

Surprehendido pelo subito ataque do seu adversario, que abrira de repente uma porta interior, o gigante não podéra fazer uso das suas armas.

Mas a força herculea de que era dotado, tornava-o n'um terrível adversario, e apesar de deitado por terra, não perdêra a esperança de passar para cima.

Da sua parte, Marcello desenvolvia um vigor e uma agilidade notáveis.

Necessariamente a lucta acabaria pela morte de um dos combatentes, se a intervenção de Octavio não chegasse a tempo de promover um desenlace menos tragico.

Agarrado pelos dois braços e desarmado, viu-se seguro de maneira que já não podia fazer movimento algum.

– E o outro? perguntou Octavio.

Marcello apontou para um sophá, collocado ao fim do aposento. N'esse sophá estava Arminius estendido e todo ensanguentado.

– Apanhou alguma bala? perguntou Marcello.

– Sim, respondeu Octavio.

Marcello aproximou-se de Arminius.

– Morto! disse.

– O velhaco não o roubou! exclamou Octavio.

– Eis-nos senhores da praça! tornou Marcello. Vamos proceder a uma revista seria. Em primeiro lugar o gabinete de Herr Schultze!

Da sala de espera onde acabava de se passar o ultimo acto do cerco, os dois mancebos seguiram a enfiada de aposentos que conduzia ao santuario do Rei do Aço.

Octavio extasiava-se diante de todos aquelles esplendores.

Marcello sorria olhando para elle, e abria, uma por uma, as portas que ía encontrando, até que chegou ao salão verde escuro.

Tinha sérias esperanças de ali encontrar novidades, mas não cousa tão singular como o espectáculo que se lhe apresentou.

Dir-se-hia que se tinha para ali mudado a repartição central do correio de New York ou de Paris.

Não se viam de todos os lados, sobre a secretaria, sobre os moveis, sobre o tapete, senão cartas e maços sellados.

Era de qualquer se enterrar até meia perna n'aquella inundação.

Toda a correspondencia financeira, industrial e pessoal de Herr Schultze, accumulada dia a dia na camara exterior do jardim, e fielmente recolhida por Arminius e Simiger, achava-se no gabinete do senhor.

Que de perguntas, soffrimentos, anciosas expectativas e lagrimas se não conservavam n'aquellas mudas dobras de papel com direcção a Herr Schultze!

E por certo tambem que de milhões em papel, em cheques, em ordens de todo o genero!...

Tudo aquillo ali dormia, immobilizado pela ausencia da unica mão que tinha o direito de abrir aquelles sobrescriptos frageis mas inviolaveis.

– Trata-se agora, disse Marcello, de encontrar a porta secreta do laboratorio!

Começou a tirar todos os livros da livraria. Debalde. Não conseguiu descobrir a entrada secreta que um dia transpozera em companhia de Herr Schultze.

Em vão, tambem, abalou, uma por uma, todas as almofadas, e munindo-se de uma vara de ferro que tirou do fogão, as fez saltar um após outra!

Debalde sondou a parede na esperança de a ouvir soar a ôco.

Depressa se lhe tornou evidente que Herr Schultze, inquieto por não ser já o primeiro que possuía o segredo da porta do seu laboratório, a supprimira.

Mas necessariamente devia ter aberto outra passagem.

– Onde? perguntava Marcello a si mesmo. Não póde ser, senão aqui, porque era para aqui que Sigimer e Arminius traziam as cartas! Foi portanto n'esta sala que Herr Schultze continuou a estar depois da minha fuga! Conheço bastante os seus costumes para saber que murando a antiga passagem, deve ter aberto outra ao seu alcance, a occultas de olhares indiscretos! Será algum alçapão!

O tapete não apresentava vestígios de córte. Não deixou por isso de ser despregado e levantado.

Examinado tábua por tábua, o sobrado nada offerecia de suspeito.

– Quem te diz que a abertura é n'este compartimento? perguntou Octavio.

– Mas tenho moralmente certeza d'isso! respondeu Marcello.

– Então não me resta senão explorar o tecto, disse Octavio subindo a uma cadeira.

O seu intento era trepar ao lustre e sondar em volta o florão central, ás coronhadas.

Mas apenas se suspendera do candelabro dourado, viu-o com grande surpresa descer por effeito do seu peso.

O tecto girou e deixou a descoberto um alçapão, d'onde desceu automaticamente até ao sobrado uma ligeira escada de aço.

Éra uma especie de convite para subir.

– Vamos! Até que enfim! disse tranquilamente Marcello.

E correu logo pela escada, seguido de perto pelo companheiro.

CAPITULO XVIII

O MIOLO DA NOZ

A escala de aço prendia pelo ultimo degrau mesmo ao sobrado de uma vasta sala circular sem communição exterior.

Esta sala estaria mergulhada na mais completa escuridão, se uma deslumbrante luz esbranquiçada não coasse através do espesso vidro de uma claraboia, encaxilhada no centro do sobrado de carvalho.

Dir-se-hia o disco lunar, no momento em que na sua opposição com o sol, apparece em toda a sua pureza.

Era absoluto o silencio entre aquellas paredes surdas e cegas que não podiam ver nem ouvir.

Os dois mancebos julgaram-se na antecâmara de um monumento funerário.

Antes de se ir debruçar sobre o vidro scintillante, Marcello hesitou por um momento. Chagava ao seu fim.

D'ali sem duvida alguma, ía sair o impenetravel segredo que viera procurar a Stahlstadt!

Mas a sua hesitação durou apenas um instante. Foi com Octavio ajoelhar junto do disco e inclinaram ambos a cabeça de modo que podessem explorar em todas as suas partes o aposento collocado por baixo d'elles.

Apresentou-se-lhes um espectáculo tão horrível como inesperado.

Este disco de vidro, concavo nas suas duas faces, ampliava desmedidamente os objectos que se viam através da sua transparencia.

Era ali o laboratorio secreto de Herr Schultze.

A luz intensa que dardejava através do disco, como se este fosse o aparelho dioptrico de um pharol, provinha de uma lampada dupla electrica que ainda ardia na sua campanula vasia de ar, e que a corrente voltaica de uma poderosa pilha continuava a alimentar.

No meio do aposento, n'aquella atmospheria deslumbrante, uma fórma humana, extremamente ampliada pela refracção da lente, – o que quer que fosse das esphinges do deserto biblico, – via-se sentada em immobildade de marmore.

Em volta d'aquelle espectro, juncavam o solo muitos cacos de bomba.

Não restava duvida!... Era Herr Schultze, reconhecivel pelo rictus horrivel que lhe contrahia os queixos e pelo brilhantismo dos dentes, mas um Herr Schultze gigantesco, a quem

a explosão de um dos seus terríveis engenhos ao mesmo tempo asphyxiára e congelára por effeito de um terrível frio!

O Rei do Aço estava á mesa, segurando uma penna gigantesca, grande como uma lança, e parecia escrever ainda! Se não fosse o olhar fixo das palpebras dilatadas e a immobildade do braço julgal-o-hiam vivo. Como os mammuths que se encontram sepultados nos gelos das regiões polares, aquelle cadaver estava ali havia um mez, occulto aos olhos de toda a gente.

Em roda d'elle tudo estava ainda gelado, os reagentes nos seus bocaes, a agua nos seus recipientes, o mercurio na sua cuba!

A despeito do horror d'aquelle espectaculo, Marcello sentiu um momento de satisfação, dizendo comsigo quanto era feliz em poder observar da banda de fóra aquelle laboratorio, por-

que se ali houvesse penetrado com Octavio com toda a certeza ambos teriam ficado fulminados.

Como se produzira aquelle formidavel accidente?

Marcello adivinhou sem difficuldade, quando notou que os fragmentos de bomba espalhados pelo chão, consistiam em pedacinhos de vidro. Nos projectis asphyxiantes de Herr Schultze, o envolucro interior, que continha o acido carbonico liquido, em consequencia da formidavel pressão que tinha a supportar era feito de um vidro temperado que tem dez ou doze vezes a persistencia do vidro ordinario. Um dos defeitos porém d'este producto, então ainda novo, é que por uma acção mollecular mysteriosa, rebenta de subito, ás vezes sem rasão apparente.

Eis o que devia ter succedido, e talvez até que a explosão houvesse sido occasionada ainda mais

inevitavelmente em rasão da pressão interior. Subitamente descomprimido, o acido carbonico produzira, ao voltar ao estado gazoso, um extraordinario abaixamento na temperatura ambiente.

Em todo o caso o effeito devia ter sido fulminante.

Surprehendido pela morte na attitude que tinha no momento da explosão, Herr Schultze ficára transformado em mumia no meio de um frio de cem graus abaixo de zero.

Houve uma circumstancia que principalmente chamou a attenção de Marcello. O Rei do Aço escrevia na occasião em que fôra fulminado.

O que escreveria elle n'aquella folha de papel com aquella penna que a sua mão ainda segurava?

Talvez fosse interessante recolher o ultimo pensamento, conhecer a ultima palavra de um tal homem.

Como obter porém aquelle papel?

Nem por momentos deviam pensar em quebrarem o disco luminoso para descerem ao laboratorio. O gaz acido carbonico, concentrando-se sob uma grande pressão, irromperia para fora asphyxiando quantas creaturas envolvesse com os seus vapores irrespiraveis.

Seria correr a uma morte certa, e evidentemente os riscos estavam em desproporção com as vantagens que se podiam obter com a posse d'aquelle papel.

Mas, se não era possível tirar ao cadaver de Herr Schultze as ultimas linhas traçadas pela sua mão, era provavel que se podessem decifrar augmentadas como deviam estar pela refração do vidro.

Não tinham ali o disco, cujos raios poderosos convergiam sobre todos os objectos encerrados

n'aquelle laboratorio tão intensamente illuminado pela duplicada lampada electrica?

Marcello conhecia a letra de Herr Schultze, e depois de algumas difficuldades, conseguiu ler as linhas seguintes.

Como tudo quanto escrevia Herr Schultze, era mais uma ordem que uma instrucção.

«Ordem a B. H. R. Z. para adiantar quinze dias a expedição projectada contra France-Ville. — Executarem-se as medidas por mim tomadas, logo que esta ordem fôr recebida. — É preciso que d'esta vez a experiencia seja fulminante e completa. — Não alterem na mais pequena cousa o que eu resolvi. — Quero que dentro em quinze dias France-Ville seja uma cidade morta e que nenhum dos seus habitantes sobreviva. — Preciso de uma Pompea moderna e que ella seja ao mesmo tempo o terror e o espanto do mundo inteiro. — Bem exe-

cutadas as minhas ordens dão esse inevitavel resultado. – Expedir-me-hão os cadaveres do doutor Sarrasin e de Marcello Bruckmann. – Quero vel-os e tel-os.

« Schultz...»

A assignatura não estava concluida; faltava-lhe o *E* final.

Marcello e Octavio ficaram mudos e immoveis diante d'aquelle estranho espectaculo, d'aquella especie de invocação de um genio malefico que tocava nas raias do phantastico.

Mas foi preciso a final arrancarem-se á contemplação daquella lugubre scena. Os dois amigos, muito commovidos, saíram da sala, situada por cima do laboratorio.

Ali n'aquelle tumulo, onde reinaria a mais completa escuridão quando a lampada se extinguisse a final falta da corrente electrica, o Rei do Aço ia ficar só, resequido como uma d'essas mumias dos Pharaós, que o decorrer de vinte seculos não pôde reduzir a pó!...

D'ahi a uma hora, depois de desatarem Sigimer, muito embaraçado com a liberdade que lhe restituíam, Octavio e Marcello deixavam Stalhstadt e tomavam o caminho de France-Ville aonde tornaram a entrar n'aquella mesma noite.

Trabalhava no seu gabinete o doutor Sarrasin, quando lhe annunciaram o regresso dos dois mancebos.

– Que entrem! exclamou, que entrem depressa!

Ao vel-os, a sua primeira palavra foi:

– Então?

– Doutor, respondeu Marcello, as noticias que lhe trazemos de Stahlstad dar-lhe-hão socego ao espirito para muito tempo. Herr Schultze não existe! Herr Srhultze morreu!

– Morreu! exclamou o doutor Sarrasin.

O bom doutor ficou pensativo por algum tempo diante de Marcello, sem acrescentar palavra.

– Meu filho, disse-lhe depois de voltar ao seu estado normal, comprehenderás acaso a razão porque esta noticia – que afasta de sobre nós o que eu mais detesto, a guerra, e a guerra mais injusta e a menos motivada, – me opprimiu o coração, ao contrario do que devia ser?! Ah! porque é que esse homem de faculdades tão elevadas se havia de tornar nosso inimigo? Porque é, sobretudo, que elle não pôz as suas raras qualidades intellectuaes ao serviço do bem? Que de forças perdidas, cujo

emprego teria sido util, se podessemos tel-as associado ás nossas dando-lhes um fim commum! Eis o que me impressionou logo, quando me disseste: «Herr Schultze morreu!» Agora conta-me o que sabes a respeito d'esse inesperado fim.

– Herr Schultze, tornou Marcello, encontrou a morte no mysterioso laboratorio que em sua vida, com diabolica habilidade, tornára inacessivel. Só elle conhecia a sua existencia, e ninguem por conseguinte poderia ali entrar, para lhe levar soccorro. Foi pois victima da sua incrivel centralisação, por meio da qual avidamente pretendêra ser o chefe de toda a sua obra, e aquella centralisação, á hora marcada por Deus, subitamente se voltou contra elle e contra o seu intento.

– Não podia succeder outra cousa, tornou o doutor Sarrasin, Herr Schultze tomára uma base

inteiramente erronea. Pois o melhor governo não é aquelle cujo chefe, depois de morto, póde ser facilmente substituído, e que continua a funcionar exactamente porque o seu mecanismo não tem cousa alguma de secreto?

– Vae ver doutor, redarguiu Marcello, que o que se passou em Stahlstadt é a demonstracção, *ipso facto*, do que acaba de dizer. Fui encontrar Herr Schultze sentado á sua carteira. ponto central d'onde partiam todas as ordens ás quaes obedecia a Cidade do Aço, sem que nenhuma fosse discutida. A morte deixara-lhe a tal ponto a attitude e as apparencias de vida que eu julguei um instante que o espectro ía fallar-me!... Mas o inventor foi martyr da propria invenção! Fulminou-o uma das bombas que deviam aniquilar a nossa cidade! Quebrou-se-lhe a arma

na mão, no momento em que ía traçar a ultima letra de uma ordem de exterminio! Ouça.

E leu em vóz alta as terriveis linhas traçadas pela mão de Herr Schultze, de que tirára copia.

Depois acrescentou:

– O que ainda me provaria melhor que Herr Schultze estava morto, se por mais tempo pudesse duvidar d'isso, era que tudo em roda d'elle cessára de viver! É que tudo cessára de respirar em Stahlstadt! A paralyisia do senhor paralyisára ao mesmo tempo todos os servidores e estendera-se até aos instrumentos.

– Sim, redarguiu o doutor Sarrasin, houve n'isso o que se chama justiça de Deus! Foi por querer precipitar tudo successivamente contra nós, foi por forçar as molas da sua acção que Herr Schultze succumbiu!

– Exactamente, observou Marcello. Mas agora, doutor, não pensemos mais no passado e

dediquemo-nos só ao presente. A morte de Herr Schultze se é a paz para nós, é também a ruína para o admirável estabelecimento que elle fundára, e provisoriamente a quebra. Varias imprudencias, colossaes como tudo quanto o Rei do Aço imaginava, originaram muitos abyssos. Cego, por effeito dos seus triumphos e também cego pelo odio que nutria contra nós e contra a França, forneceu immensos armamentos, sem sufficientes garantias, a todos que podessem ser nossos inimigos. Apesar d'isso, e embora o pagamento d'esses creditos possa dilatar-se por longo praso, parece-me que um pulso firme poderia restaurar Stahlstadt e fazer convergir para o bem as forças accumuladas para o mal. Herr Schultze só tem um herdeiro possível, e esse herdeiro é o doutor. A gente não deve deixar a sua obra. N'este mundo crê-se demasiado em que não

ha senão proveito a tirar do aniquilamento de uma força rival. Isso não é assim, e espero que ha de vir a concordar commigo em que pelo contrario convem salvar d'aquelle immenso naufragio tudo quanto póde servir para o bem da humanidade. Ora, por mim, estou prompto a dedicar-me todo a essa empreza.

– Marcello tem razão, acudiu Octavio apertando a mão do seu amigo, e eis-me prompto a trabalhar sob as suas ordens, se meu pae consente n'isso.

– Approvo as suas idéas, meus queridos filhos, disse o doutor Sarrasin. Sim, Marcello, os capitaes não nos faltarão, e graças a ti, teremos em Stahlstadt resuscitada um arsenal de tal ordem que ninguem no mundo se lembrará de nos atacar! E ao mesmo tempo que seremos os mais fortes seremos os mais justos, faremos amar os benefi-

cios da paz e da justiça a todos que nos rodearem.
Ah! Marcello, que bellos projectos! E quando vejo
que é graças a ti que poderei realizar parte d'esses
projectos, pergunto a mim mesmo... sim!
pergunto porque é que não tenho dois filhos!...
porque não és tu irmão de Octavio!... A nós tres
reunidos nada houvera parecido impossivel!...

CAPITULO XIX

NEGOCIOS DE FAMILIA

No decurso d'esta narrativa talvez se tenha tratado pouco dos negocios pessoases d'aquelles que n'ella são heroes.

Rasão de mais para que nos seja licito volver sobre esses individuos a attenção e tratar do que propriamente lhes diz respeito.

O bom doutor, devemos declarar, não pertencia tanto ao ser collectivo, á humanidade, que o individuo desaparecesse n'elle, mesmo quando se achava em pleno ideal.

Por isso, reparou na subita pallidez que acabava de espraiair-se no rosto de Marcello ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

Os seus olhos procuraram ler nos d'elle o sentido occulto d'aquella subita commoção. O silencio do velho pratico interrogava o silencio do joven engenheiro e esperava talvez que este o rompesse.

Porém Marcello recuperou todo o seu sangue frio, graças a um rude esforço de vontade.

O seu rosto readquirira as côres naturaes, e a sua attitude era simplesmente a de um homem que espera a continuação de uma conversação principiada.

Talvez um pouco impaciente por ver Marcello volver a si tão rapidamente, o doutor Sarrasin approximou-se do seu joven amigo.

Por um gesto familiar da sua profissão de medico, agarrou-lhe no braço e conservou-lh'o seguro como faria a um doente a quem quizesse discretamente tomar o pulso.

Marcello, sem comprehender bem a intenção do doutor, não lhe oppozera resistencia, e como o seu velho amigo não lhe visse abrir os labios, disse-lhe:

– Meu bom Marcello, mais tarde fallaremos dos futuros destinos de Stahlstadt. Mas o votarmonos ao melhoramento da sorte de todos, não é rasão para não nos occuparmos da sorte dos nossos amigos, d'aquelles que mais intimamente nos dizem respeito. Ora bem, julgo chegado o momento de te contar o que certa menina, cujo nome te direi dentro em pouco, respondia, não ha muito tempo, aos paes, a quem, pela vigessima vez no espaço de um anno, acabavam de a pedir em casamento. Os pedidos eram na maior parte d'aquelles que as mais difficeis de contentar teriam rasão para acolher e, não obstante a joven respondia não, sempre não!

N'aquelle momento Marcello, com movimento um pouco sacudido, retirou o pulso, até ali seguro pela mão do doutor.

Mas, ou porque este se sentisse sufficientemente esclarecido a respeito da saude do doente, ou porque não reparasse que o mancebo lhe retirava a um tempo o braço e a confiança, continuou o seu discurso sem parecer dar por aquelle pequeno incidente.

– Mas emfim, dizia a mãe á menina de que te fallo, declara-nos ao menos o motivo de tantas recusas repetidas. Encontras fortuna, educação, situação respeitavel, vantagens phisicas! Porque são essas negativas, tão firmes, tão decididas, tão promptas, a pedidos que não te dás sequer ao incommodo de examinar? De ordinario não és tão peremptoria!

Ante esta exprobação materna, a joven resolveu-se finalmente a falar, e então, como é de espirito claro e coração puro, eis o que ella disse:

– Respondo-lhe não, com tanta sinceridade como lhe responderia sim, querida mamã, se o sim com effeito me acudisse aos labios. Concordo com a mamã em que muitos dos pedidos são acceitaveis em diversos graus; mas além de eu imaginar que todos elles mais se diri-gem ao que chamam o mais bello, quero dizer, ao mais rico partido da cidade, do que se dirigem á minha pessoa, e que uma similhante idéa não é para me dar vontade de responder affirmati-vamente, tomo a liberdade de lhe dizer, visto que assim o quer, que nenhum d’esses pedidos é aquelle que eu esperava, aquelle que ainda es-pero, e acrescentarei que infelizmente o que eu espero

poderá demorar-se ainda muito tempo, se é que alguma vez tem de se effectuar!

– O menina, disse a mãe estupefacta, pois então...

E não concluiu a phrase, por não saber concluil-a, e no seu embaraço dirigiu ao marido um olhar em que visivelmente implorava auxilio e soccorro.

Mas, ou porque não tivesse yontade de entrar na discussão, ou porque achasse conveniente que as cousas se esclarecessem mais entre a mãe e a filha antes de intervir, o marido mostrou não comprehender, de modo que a pobre menina, vermelha de perturbação e talvez tambem por effeito da colera, tomou de repente a resolução de ir até ao fim.

– Disse-lhe, querida mãe, que o pedido que aguardara poderia muito bem fazer-se esperar bas-

tante tempo, e que até era possível que nunca se effectuasse. Acrescento que essa demora não me admiraria nem me offenderia. Tenho a desgraça, dizem, de ser muito rica; aquelle que devia fazer este pedido é muito pobre. Não o fez e tem razão. É elle que deve esperar...

– Porque não havíamos nós de chegar... interrompeu a mãe, querendo talvez deter nos labios da filha as palavras que receiava ouvir.

Foi então que o pae interveiu.

– Minha querida, disse, tomando affectuosamente as mãos da mulher, não é impunemente que uma mãe, a quem a filha com tanta razão escuta, tece diante d'ella, desde que a deitou ao mundo. ou pouco menos, louvores a um bello e excellente rapaz que é quasi da nossa familia, faz notar a toda a gente a seriedade do seu character, e applaude o marido, quando este

tem tambem occasião de gabar a sua intelligencia fora do commum, e fala com enthusiasmo das innumeradas provas de dedicação que d'elle tem recebido! Se a filha, que via esse mancebo olhado com distincção pelo pae e pela mãe, o não distinguisse igualmente entre todos, essa filha faltaria aos seus deveres!

– Ah! meu pae! exclamou então a joven, lançado-se nos braços da mãe para occultar no seu seio a perturbação que a assaltára, se me havia adivinhado, para que me obrigou a falar?

– Porque? tornou o pae, para ficar com mais certeza de que não me enganava, para poder finalmente dizer-te e fazer-te dizer por tua mãe que approvâmos a inclinação da tua alma, que a tua escolha preenche os nossos desejos, e que para evitar que o homem pobre e altivo de que estamos falando faça um pedido que repugna á sua delica-

deza, farei eu esse pedido, porque li no seu coração como li no teu! Socega pois! A primeira ocasião favorável que se apresentar, tomarei a liberdade de perguntar a Marcello se por acaso gostaria de ser meu genro!...

Colhido de improviso por esta inesperada peroração, Marcello endireitára-se como que movido por uma mola. Octavio havia-lhe silenciosamente apertado a mão, enquanto que o doutor lhe abria os braços.

O moço alsaciano estava pallido como um defuncto.

Não será este o aspecto que toma a felicidade quando entra nas almas fortes sem dizer: cautela!...

CAPITULO XX

CONCLUSÃO

Livre de inquietações, em paz com os vizinhos, bem administrada, feliz, graças ao juizo dos seus habitantes, France-Ville está em plena prosperidade.

A sua sorte feliz, que tão bem soube merecer, não lhe creou invejas, e a sua força impõe respeito aos mais valentes.

A Cidade do Aço era apenas uma fabrica formidavel, um engenho de destruição temivel quando dirigido por Herr Schulze; mas, graças a Marcello Brukmann, a sua liquidação realizou-se sem inconveniente para ninguem, e Stahlstadt tornou-se um centro de produção incomparavel para todas as industrias uteis.

Vae para um anno, Marcello é o venturoso esposo de Joanna, e o nascimento de um filho acaba de acrescentar a sua felicidade.

Quanto a Octavio, poz-se francamente sob as ordens do cunhado e ajuda-o com todas as suas forças.

Está agora a ponto de casar com uma das amigas de sua irmã, graças ás diligencias d'esta.

É a noiva uma joven formosa, cujo bom senso e tino garantirão o marido de qualquer recaida.

Estão portanto preenchidos os votos do doutor e da mulher, e para tudo dizer, teriam chegado ao cumulo da felicidade, e da gloria, se a gloria houvesse figurado, pouco que fosse, no programma das suas honestas ambições.

Póde-se pois affirmar agora que o futuro pertence aos esforços do doutor Sarrasin e de Marcello Brukmann, e que o exemplo de France-

-Ville e de Stahlstadt, fabrica e cidade modelos,
não ficará perdido para as gerações futuras.

OS REVOLTOSOS DA BOUNTY

CAPITULO I

O ABANDONO

Nem o menor sopro, nem uma ruga na superfície do mar, nem uma nuvem no céu. Contornam-se com incomparavel pureza ás constellações do hemispherio austral. As vélas da *Bounty* pendem ao longo dos mastros, o barco está immovel, e o luar, esmorecendo diante da aurora que principia a raiar, illumina o espaço com indefinivel claridade.

A *Bounty*, navio de duzentas e quinze toneladas, tripulado por quarenta e seis homens, largára de Spithead no dia 23 de dezembro de 1787, sob o

commando do capitão Bligh, marinheiro experimentado, mas um pouco rude, que acompanhára o capitão Cook na sua viagem de exploração.

Tinha a *Bounty* por missão especial transportar para as Antilhas a arvore do pão, que vegeta profusamente no archipelago de Taiti.

Depois de uma estação de seis mezes na bahia de Matavai, Guilherme Bligh metteu a bordo um milheiro d'aquellas arvores, e fez-se no rumo das Indias occidentaes, após curta demora nas ilhas dos Amigos.

Muitas vezes, o genio desconfiado e impetuoso do capitão occasionára scenas desagradaveis entre elle e alguns dos officiaes.

Não obstante, a tranquillidade que reinava a bordo da *Bounty* ao romper do dia 28 de abril de 1789 não fazia prever os graves acontecimentos que iam dar-se.

Effectivamente, tudo parecia socegado, quando uma insolita animação se propagou por todo o barco.

Alguns marinheiros chegam-se uns aos outros, trocam duas ou tres palavras em voz baixa, depois desaparecem em passo cauteloso.

Será o render do quarto de alva! Dar-se-hia algum inopinado acontecimento a bordo.

– Sobretudo, nada de ruido, meus amigos, disse Fretcher Christiano, o immediato da *Bounty*. Arme a sua pistola, Bob, mas não atire sem ordem minha. Vossê, Churchill, pegue no machado e faça saltar a fechadura do camarote do capitão. Uma ultima recommendação: Quero-o vivo!

Seguido de uns doze marinheiros, armados de espadas, de machados e de pistolas, Christiano desceu surrateiramente á coberta. Em seguida, depois de collocar duas sentinellas em frente do

camarote de Stewart e de Pedro Heywood, o cabo de marinheiros e o guarda da marinha da *Bounty*, parou diante da porta do capitão.

– Vá, rapazes, disse, um encontrão valente!

A porta cedeu a um esforço vigoroso, e os marinheiros precipitaram-se no camarote.

Surprehendidos a principio pela escuridão, e talvez reflectindo na gravidade dos seus actos, hesitaram por um momento.

– Olá! que ha de novo? Quem é que atreve?... exclamou o capitão saltando abaixo do catre.

– Silencio! Bligh! respondeu Churchill. Silencio, e não offereças resistencia, senão amordaço-te.

– É escusado vestires-te, acrescentou Bob. De toda a maneira farás boa figura, quando te enforcarem no lais da verga.

– Amarra-lhe as mãos atrás das costas, Churchill, disse Christiano, e leva-o para a tolda.

– Quando se sabem arranjar as cousas, deixa de ser temível o mais terrível dos capitães, observou John Smith, o philosopho do grupo.

Depois o cortejo, sem se importar com acordar ou não os marinheiros do ultimo quarto, que ainda dormiam, subiu a escada e appareu na tolda.

Era uma revolta em regra.

De todos os officiaes de bordo, só Young, um dos guardas marinhas, fizera causa commum com os revoltosos.

Quanto aos homens da marinagem, os hesitantes tinham tido que ceder por então, e o resto, sem armas e sem chefe, conservavam-se espectadores do drama que se ia desenrolar em sua presença.

Estavam todos na tolda formados em silencio. Observavam o aspecto do seu capitão, que, meio nú, avançava de cabeça erguida por entre os seus homens, costumados a tremer diante d'elle.

– Bligh, disse Christiano com voz rude, está exonerado do seu commando.

– Não lhe reconheço o direito... redarguiu o capitão.

– Não percamos tempo com inuteis protestos, exclamou Christiano, que interrompeu Bligh. N'este momento sou o interprete de toda a tripulação da *Bounty*. Não havíamos ainda largado de Inglaterra, capitão, e já tínhamos que nos queixar das suas suspeitas injuriosas, do seu procedimento brutal. Quando digo nós, refiro-me tanto a officiaes como marinheiros. Não só nunca obtivemos a satisfação que nos era devida, como o capitão tem sempre repellido as nossas queixas

com desprezo! Somos então para ahí uns cães, para nos injuriarem a todo o momento? Canalhas, ladrões, mentirosos, salteadores! o capitão não achava nenhuma expressão assás forte, nenhuma injuria assás grosseira para nos dirigir. Na verdade era preciso não ter brios de homem para supportar semelhante existencia! E a mim, que sou seu compatriota, que conheço a sua familia, que já fiz duas viagens sob as suas ordens, a mim poupou-me por acaso? Não me accusou ainda hontem de ter roubado uma miseravel porção de fructa? E a marinhagem? Por uma bagatella, logo de machos aos pés. Por qualquer cousa, vinte e quatro chicotadas! Ora bem, tudo se paga n'este mundo! Foi comnosco muito liberal, Bligh. Agora nós! As suas injustiças, as suas insensatas accusações, os tormentos moraes e physicos com que ha anno e meio opprime a sua gente, vae expial-os agora,

expial-os duramente! Capitão, foi julgado por aquelles a quem offendeu, e está condemnado. Não é assim, camaradas?

– Sim, sim, á morte! exclamou a maiora dos marinheiros, ameaçando o capitão.

– Capitão Bligh, tornou Christiano, alguns tinham falado em o içarem na extremidade de um cabo entre o céu e a agua. Outros propozeram trilhar-lhe as costas com o gato de nove caudas⁵ até morrer. Falta-lhes imaginação. Achei melhor. Depois, não é unico culpado. Os que fielmente executam as suas ordens, por crueis que sejam, ficariam desesperados por passarem para as minhas ordens. Mereceram acompanhá-lo aonde o vento o levar.

– Tragam a lancha!

⁵ *Cat of nine tails*, instrumento de corda, de nove pontas, com que se castiga a marinhagem a bordo dos navios inglezes.

Um murmurio desapprovador acolheu aquellas ultimas palavras de Christiano, que não pareceu inquietar-se com isso.

– Officiaes e marinheiros, disse com uma voz firme, na minha qualidade de official da marinha real, commandando a *Bounty*, protesto contra o tratamento porque me querem fazer passar. Se teem rasão de queixa contra a maneira porque exerci o meu commando, podem fazer-me julgar por um tribunal marcial. Não reflectiram, de certo, na gravidade do acto que vão praticar. Aggredirem o seu capitão, e porem-se em revolta contra as leis existentes, é tornarem impossivel o seuregresso á patria, é quererem ser tratados por piratas! Cedo ou tarde, espera-os a morte ignominosa, a morte dos traidores e rebeldes. Em nome da honra e da obediencia que me juraram, chamo-os aos seus deveres!

– Sabemos perfeitamente a que nos expomos, retorquiu Churchill.

– Basta! basta! bradou a tripulação prestes a passar a vias de facto.

– Pois bem, disse Bligh, se querem por força uma victima, aqui me teem a mim, mas a mim só! Os meus companheiros, a quem igualmente condemnam, não fizeram mais do que executar as minhas ordens!

A sua voz foi então coberta de vociferações, e teve de renunciar á idéa de commover aquelles corações que se haviam tornado desapiedados.

A este tempo haviam-se tomado as disposições necessarias para se cumprirem as ordens de Christiano.

Não obstante, levantára-se accessa discussão entre o immediato e muitos dos revoltosos. Queriam estes que se abandonassem no mar o ca-

pitão Bligh e os seus companheiros, sem lhes dar uma arma, sem lhes deixar uma onça de pão

Alguns, – e d’esta opinião era Churchill, – entendiam que o numero dos que deviam sair do navio, não era bastante consideravel.

– Era preciso. dizia, desfazerem-se de todos os homens, que por não terem tomado parte directamente na conjuração, deixavam por isso de serem seguros.

Não se podiam fiar nos que simplesmente acceitavam os factos consummados. Pela sua parte as costas ainda lhe ardiavam das que levára por ter querido desertar em Taití.

O melhor, o mais rapido meio de sarar, seria entregarem-lhe em primeiro logar o commante!... Saberiam muito bem vingar-se, e com as suas proprias mãos!

– Hayward! Hallet! bradou Christiano, dirigindo-se a dois officiaes, sem se importar com as observações de Churchill. desçam para a lancha.

– Que lhe fiz eu, Christiano, para me tratar assim? perguntou Hayward. É á morte que me condemna!

– São inuteis as recriminações! Obedeça ou senão!... Fryer embarque tambem!

Mas estes officiaes em vez de se dirigirem para a lancha approximaram-se do capitão Bligh, e Fryer, que parecia o mais resolutto, inclinou-se para elle dizendo-lhe:

– Commandante, quer tentar assenhorear-se novamente do barco? Não temos armas, é verdade; mas estes amotinados surprehendidos, não poderão resistir. Se alguns de entre nós morrerem, que importa! Póde-se tentar a partida! Que lhe parece?

Já os officiaes tomavam as suas disposições para se lançarem sobre os revoltosos, occupados

em arriar a lancha depressa, quando Churchill, a quem não escapáram aquellas palavras, apesar de rapidamente trocadas, os rodeou com alguns homens bem armados, e fel-os embarcar á força.

– Milward, Muspratt, Birket, e mais vossês, disse Christiano, dirigindo-se a alguns dos marinheiros que não tinham tomado parte na revolta, desçam á coberta e escolham o que teem de mais estimação! Vossês acompanham o capitão Bligh. Tu, Morrison. vigia-me esses sujeitos. Purcell, leve a sua feramenta de carpinteiro, dou-lhe licença.

Dois mastros com as suas vélas, alguns pregos, uma serra, meia peça de lona, quatro vasilhas pequenas contendo cento e oito litros de agua, cento e cincoenta libras de bolacha, trinta e duas libras de carne de porco salgada, seis garrafas de vinho, seis garrafas de rum, o forne-

cimento de bebidas espirituosas do capitão, eis quanto os abandonados tiveram licença de levar.

Além d'isto, atiraram-lhes duas ou tres espadas velhas, mas recusaram-lhes toda a especie de armas de fogo.

– Onde estão então Hayward e Stewart? perguntou Bligh, quando se viu na lancha. Tambem elles me atraçoaram?

Não o tinham atraçoado, Christiano é que resolvêra conserval-os a bordo.

Cousa bem perdoavel, o desanimo e a fraqueza aposaram-se por um momento de Bligh.

– Christiano, disse, dou-lhe a minha palavra de honra de esquecer tudo o que se acaba de passar, se desistir do seu abominavel projecto. Lembre-se, supplico-lh'o, em nome da minha mulher e da minha familia! Morrendo eu, que será dos meus?

Se o capitão fosse homem de alguma honra, tornou-lhe Christiano, as cousas não chegariam a este ponto. Se o senhor mesmo tivesse pensado um pouco na mulher e nas familias dos mais, não houvera sido tão desapiedado e injusto com todos nós.

Por sua vez, no momento de embarcar, o contramestre do navio procurou commover Christiano, mas de balde.

– Ha muito que eu soffria. retorquiu-lhe Christiano com amargura. Não sabe quaes foram os meus tormentos! Não! Isto não podia durar um dia mais, e depois não ignora que durante toda a viagem, eu, o immediato d'este navio, fui tratado como um cão! Entretanto, ao separar-me do capitão Bligh, que provavelmente não tornarei mais a ver, queria por dó, tirar-lhe toda a esperança de o salvarem. – Smith! desça ao cama-

rote do capitão e traga-lhe o fato, a carta de curso, o diario e a carteira, Além d'isso deem-lhe as minhas tabuas nauticas e o meu proprio sextante. Terá assim alguma probabilidade de salvar os companheiros e de elle mesmo se safar da rascada!

As ordens de Christiano foram executadas, não sem alguns protestos.

– E agora, Morrison, larga a amarra, gritou o immediato, que era agora capitão, e á mercê de Deus!

Emquanto os revoltosos saudavam com acclamações ironicas o capitão Bligh e os seus infelizes companheiros. Christiano, encostado á trincheira, não podia despregar os olhos da lancha que se afastava.

Aquelle bravo official, cuja conducta, até então leal e franca, merecêra os elogios de todos

os commandantes sob cujas ordens servira, não passava agora de chefe de um bando de piratas.

Nunca mais pôde tornar a ver nem a sua velha mãe, nem a sua mulher, nem as margens risonhas da ilha de Man, sua patria.

Sentia-se caído da sua propria estima, deshonrado aos olhos de todos!

O castigo já se seguia á culpa!

CAPITULO II

OS ABANDONADOS

Com os dezoito passageiros, officiaes e marinheiros, e as poucas provisões que continha, a lancha que conduzia Bligh ia tão carregada, que apenas levava a borda quinze pollegadas fóra da agua.

De vinte e um pés de comprimento e seis de largura, era muito propria para o serviço da *Bounty*; mas para conter uma tripulação tão numerosa, para fazer uma viagem um pouco comprida, era difficil encontrar embarcação mais detestavel.

Confiados na energia e habilidade do capitão Bligh e dos officiaes confundidos na mesma sorte, os marinheiros remavam vigorosamente e a lancha sulcava rapidamente as aguas.

Bligh não hesitára a respeito da resolução que devia tomar.

Em primeiro lugar, era preciso, quanto antes, tornar a abordar á ilha Tofoa, a mais proxima do grupo das ilhas dos Amigos, d'onde havia poucos dias tinham largado, colher ali fructos da arvore do pão, renovar a provisão de agua, e depois navegar no rumo de Tonga-Tabú.

Aqui poderiam de certo metter mantimentos em quantidade sufficiente para fazerem a travessia até aos estabelecimentos hollandezes de Timor, se, com receio dos indigenas, não quizessem deter-se n'alguns dos innumerados archipelagos espalhados na linha da derrota.

Passou-se sem incidente o primeiro dia, e anoitecia quando avistaram as costas de Tofoa.

Por desgraça, a costa era tão rochosa, a praia tão alcantilada, que não se podia ali desembarcar de noite.

Tiveram de esperar pelo dia.

Salvo no caso de absoluta necessidade, Bligh resolvêra não tocar nos mantimentos da lancha. Era preciso pois que a ilha o sustentasse a elle e á sua gente.

Parecia difficil isto, porque ao principio não viram em terra vestigios de habitantes.

Não tardaram comtudo alguns a mostrar-se, e como foram bem recebidos, trouxeram outros comsigo, que forneceram uma pouca de agua e alguns cocos.

Era grande o embaraço em que se via Bligh. Que dizer áquelles naturaes que já tinham negociado com a *Bounty* por occasião da sua primeira estação?

Convinha, a todo o custo, occultar a verdade, a fim de não se destruir o prestigio de que os estrangeiros sempre se tinham rodeado n'aquellas ilhas.

Dizerem que eram enviados em busca de mantimentos pelo barco que ficára ao largo, não podia ser, porque a *Bounty* não se avistava sequer do alto das collinas!

Dizerem que o navio naufragára, e que os indigenas viam n'elles os unicos sobreviventes do naufragio, era a ficção mais verosimil. Talvez que esta ficção os commovesse, os induzisse a completar as munições da lancha.

Bligh assentou por isso n'esta ultima resolução, apesar de perigosa, e preveniu os seus homens, a fim de que todos se combinassem na mentira.

Ao ouvirem a narrativa da marinhagem, os indigenas não deram nem signal de alegria, nem de pezar no rosto. Apenas manifestaram profunda admiração, e não se pôde conhecer o que pensavam áquelle respeito.

No dia 2 de maio, o numero dos indigenas que tinham chegado dos outros portos das ilhas, augmentou por modo inquietador, e Bligh depressa reconheceu que tinham intenções hostis. Alguns procuravam até puxar a embarcação para a praia, e só se retiraram em vista das demonstrações energicas do capitão, que teve de os ameaçar com o machado.

A este tempo alguns dos homens que Bligh mandára em exploração, traziam uns dezeseis litros de agua.

Era chegado o momento de abandonar aquella inhospita ilha.

Ao pôr do sol achava-se tudo prompto, mas não era facil alcançar a lancha. A praia estava guarnecida de grande multidão de indigenas, que batiam com pedras umas nas outras, promptos a arremessal-as.

Era preciso que a lancha se conservasse a algumas toezas de distancia da terra e varasse no momento preciso em que os homens estivessem promptos para embarcar.

Devéras desassocegados com as disposições hostis em que viam os naturaes, tornaram a descer á praia, no meio de duzentos indigenas, que só esperavam um signal para se arremeçarem a elles.

Comtudo acabavam todos de entrar a salvo na embarcação, quando um dos marinheiros, chamado Bancroft, teve a funesta idéa de voltar á praia em busca de certo objecto que lhe esquecêra.

No espaço de um segundo, aquelle imprudente viu-se rodeado pelos naturaes que o desancaram á pedrada, sem que os companheiros, privados de armas de fogo, podessem soccorrel-o. Além disso, elles mesmos eram atacados, chovendo sobre elles as pedradas.

– Vamos, rapazes, depressa aos remos, e força, disse Bligh.

Os naturaes entraram então pelo mar e fizeram cahir novo chuva de pedras.

Ficaram muitos homens feridos. Mas Hayward pegou n'uma pedra que caíra dentro da lancha, fez pontaria a um dos assaltantes e apanhou-o entre os olhos.

O indigena cahiu de costas, soltando um grande grito, ao qual responderam os vivos dos inglezes.

Estava vingado o seu infeliz companheiro.

Entretanto largavam muitas pirogas e davam-lhes caça.

Esta perseguição não poderia terminar sem combate, cujo resultado não seria feliz, quando o cabo de marinheiros teve uma idéa luminosa.

Sem saber que imitava Hippomene na sua lucta com Atalante, despiu a camisola e atirou-a ao mar.

Tomando a nuvem por Juno, os naturaes demoraram-se para apanhar o supposto homem, e este expediente permittiu á lancha dobrar a ponta da bahia.

A este tempo, anoitecêra de todo, e os indigenas, completamente desanimados, suspenderam a perseguição da lancha.

Fôra muito mal succedida aquella primeira tentativa de desembarque para ser renovada. Tal era pelo menos a opinião do capitão Bligh.

– Agora é que preciso tomar uma resolução, disse. A scena que acaba de se passar em Tofoa ha de renovar-se, estou certo, em Tonga-Tabú, e em todos os pontos aonde nós quizermos abordar. Em pequeno numero, sem armas de fogo, estaremos completamente á mercê dos indigenas.

Sem objectos que permutemos, não podemos comprar mantimentos, e á viva força é-nos impossivel obtel-os. Achâmo-nos portanto reduzidos aos ultimos recursos. Ora, bem sabem, meus amigos, como esses recursos são mesquinhos. Mas não valerá mais contentarmonos com o que temos, do que arriscarmos a vida de muitos de nós, de cada vez que tornarmos a terra? Não obstante, não quero por modo algum occultar-lhes o horror da nossa situação. Para chegar a Timor, temos que percorrer quasi mil e duzentas leguas, e teem de se contentar com uma onça de bolacha e meio quartilho de agua por dia! Só por este preço teremos a salvação, e isso com a condição de que me hão de obedecer da maneira mais absoluta. Respondam-me sem reserva! Consentem em tentar a empreza! Juram obedecer

ás minhas ordens sejam ellas quaes forem?
Promettem submeter-se, sem se queixar, a estas
privações?

– Sim, sim, juramos! exclamaram a uma voz
os companheiros de Bligh.

– Meus amigos, proseguiu o capitão, é preciso
esquecer as nossas offensas reciprocas, as nossas
antipathias, os nossos odios, sacrificar n'uma
palavra os nossos rancores pessoaes, ao interesse
de todos, que é só o que nos deve guiar!

– Promettemos.

– Se cumprirem a sua palavra, – ao que, em
caso de necessidade, os obrigarei, – respondo pela
nossa salvação, retorquiui Bligh.

Tornaram então o rumo de O N O. Na noite de
4 de maio houve temporal. Tornou-se tão grossa a
vaga, que a embarcação desaparecia, parecendo
não poder tornar a vir a cima.

A cada momento o perigo augmentava.

Gelados e molhados, os infelizes tiveram n'aquelle dia para se confortarem uma chavena de rhum e o quarto de um fructo do pão, já meio podre.

Nos dias que se seguiram não mudou a situação. A lancha passou por entre numerosas ilhas, d'onde largaram algumas pirogas.

Seria para lhe darem caça, seria para fazerem algumas trocas? Na duvida, era imprudente pararem. Por isso, a lancha, com as vélas enfunádas, depressa as deixou muito para traz.

A 9 desencadeou-se uma espantosa tempestade.

Succediam-se sem interrupção os relampagos e os trovões.

A chuva caia com uma força de que não podem dar idéa as mais violentas tempestades.

Era impossível fazer seccar os fatos.

Bligh teve então a idéa de os molhar na agua do mar e de os impregnar de sal, a fim de restituir á pelle um pouco de calor roubado pela chuva.

Comtudo, estas chuvas torrenciasaes, que tanto fizeram soffrer o capitão e os seus companheiros, pouparam-lhes outros tormentos ainda mais horriveis, os da sêde, que o calor insupportavel não tardaria a fazer-lhes sentir.

No dia 17, pela manhã, em seguida a uma tempestade horrivel, os queixumes tornaram-se unanimes.

– Nunca teremos forças para chegarmos á Nova Hollanda, exclamaram os desgraçados. Encharcados, exhaustos pela fadiga, não teremos nunca um momento de repouso? Meio mortos de fome, capitão, não nos augmentará as rações? Pouco importa que os mantimentos se esgotem!

Facilmente os substituiremos, ao chegarmos á Nova Hollanda.

– Recuso, disse Bligh. Só se estivessemos doidos! Como, pois ainda não percorremos metade da distancia que nos separa da Australia, e já estão desanimados! Demais, julgam facil encontrar mantimentos na costa da Nova Hollanda? Não conhecem então o paiz e os seus habitantes!

E Bligh poz-se a pintar a longos traços a natureza do solo, os costumes dos indigenas, a pouca confiança que se devia ter no seu acolhimento, tudo quanto aprendêra na sua viagem com o capitão Cook.

D'aquella vez ainda os seus companheiros o escutaram e se calaram.

Os quinze dias seguintes foram alegrados por um sol, que lhes seccou os fatos.

No dia 27 passaram os escolhos que guarnecem a costa oriental da nova Hollanda.

O mar estava tranquillo por traz d'aquelle cinto madreporico, e alguns grupos de ilhas, de vegetação exotica, alegravam a vista.

Desembarcaram, mas avançando com precaução. Não encontraram outros vestigios dos natuaes, além de signaes de antigas fogueiras. Era portanto possivel passar uma boa noite em terra.

Mas precisavam de comer. Por fortuna, um dos marinheiros descobriu um banco de ostras.

Foi um verdadeiro banquete.

No dia seguinte Bligh encontrou na lancha um vidro de augmentar, um fusil e isca.

Podia portanto perfeitamente obter fogo para cozer peixe ou caça.

Bligh concebeu então o plano de dividir a sua gente em tres grupos.

Um dos grupos devia pôr tudo em ordem na embarcação, e os dois outros irem em busca de mantimentos.

Porém muitos homens queixaram-se amargamente, declarando que preferiam ficar sem jantar a aventurarem-se pela terra dentro.

Um d'elles, mais violento e mais abatido que os camaradas, chegou a dizer ao capitão:

– Um homem vale tanto como outro, e não sei porque o capitão ha de estar sempre para ahi descansado. Se tem fome vá arranjar de comer! O que o capitão faz, tambem eu posso muito bem fazel-o!

Comprehendendo que este espirito revolucionario devia ser immediatamente suffocado, Bligh empunhou um cutelo e atirando com outro aos pés do rebelde, gritou-lhe:

– Defende-te, ou mato-te como um cão.

Esta attitude energica conteve no mesmo instante o marinheiro, e o descontentamento geral desvaneceu-se.

Durante esta demora, a tripulação da lancha fez abundante pesca de ostras e de pentes⁶ e metteu muita agua doce.

Um pouco mais longe, no estreito de Endeavour, dos dois destacamentos mandados á busca das tartarugas e dos noddis⁷, o primeiro voltou com as mãos vazias, e o segundo trouxe seis noddis, e teria trazido muito mais, se não fosse a teima de um dos caçadores, que tendo-se afastado dos seus companheiros, assustou aquelles passaros.

Mais tarde, este homem confessou que se apoderára de nove noddis e logo ali os comêra crús.

⁶ Especie de marisco.

⁷ Especie de passaros.

Se não fossem os mantimentos e agua doce que acabavam de encontrar na costa da Nova Hollanda, é fóra de duvida que Bligh e os companheiros teriam perecido.

Ainda assim, todos estavam n'um estado lastimoso, macilentos, desfigurados, verdadeiramente cadavericos.

A viagem no mar largo, para alcançarem Timor, foi simplesmente a dolorosa repetição dos soffrimentos já supportados por aquelles desgraçados antes de chegarem á costa da Nova Hollanda?

Só havia uma diferença: a força de resistencia diminuíra em todos sem excepção.

No fim de alguns dias tinham as pernas inchadas.

N'aquelle estado de fraqueza extrema, sentiam-se dominados por uma vontade de dormir quasi continua.

Eram os signaes precusores de um fim que não podia tardar muito.

Bligh, que notou isto, distribuiu ração dobrada aos mais fracos e diligenciou inspirar-lhes alguma esperança.

Finalmente no dia 12 de junho pela manhã, avistaram a costa de Timor, após tres mil seiscentas e dezoito leguas de uma ravessia realisada em assombrosas condições.

O acolhimento que os inglezes encontraram em Coupang foi dos mais agradaveis.

Ficaram ali dois mezes para se restaurarem. Depois Bligh comprou uma pequena escuna e partiu para Batavia, onde embarcou para Inglaterra.

Foi em 14 de maio de 1790 que os abandonados desembarcaram em Portsmouth.

A descrição dos tormentos porque passaram, despertou a universal sympathia e a indignação de toda a gente de bom coração.

O almirantado mandou logo armar a fragata *Pandora*, de vinte e quatro peças e cento e sessenta homens de tripulação, e fêl-a partir em perseguição dos revoltosos da *Bounty*.

Vamos ver o que fora feito d'elles.

CAPITULO III

OS REVOLTOSOS

Depois de ter sido abandonado no mar o capitão Bligh, fizera-se a *Bounty* de vèla para Taití.

Chegara n'aquelle mesmo dia a Tubuai.

O risonho aspecto d'aquella ilha, cingida por uma faixa de rochas madreporicas, induzia Christiano a desembarcar. Mas pareceram muito ameaçadoras as demonstrações dos habitantes, e o desembarque não se effectuou.

Foi a 6 de junho de 1789 que largaram ferro no porto de Matavai. Ao reconhecerem a *Bounty*, os habitantes de Taiti mostraram-se extremamente surprehendidos. Os revoltosos encontraram ali os indigenas, com os quaes haviam estado em rela-

ções por ocasião de uma estação precedente, e contaram-lhes uma fabula, na qual tiveram o cuidado de metter o nome do capitão Cook, de quem os habitantes de Taití conservavam excellente recordação.

No dia 29 de junho, os revoltosos tornaram a partir para Tubuai, e trataram de procurar alguma ilha que ficasse fóra da derrota ordinaria dos navios, cujo solo fosse assás fertil para os sustentar, e onde podessem viver em toda a segurança.

Vaguearam por isso de archipelago em archipelago, commettendo toda a especie de devastações e de excessos, que a auctoridade de Christiano só mui raras vezes conseguia evitar.

Depois, attrahidos mais uma vez pela fertilidade de Taití, pelos costumes brandos e accessiveis dos seus habitantes, voltaram á bahia de Matavai.

Ali dois terços da tripulação foram logo a terra.

Mas n'aquella mesma noite, a *Bounty* levantou ferro e desapareceu, antes que os marinheiros que haviam desembarcado tivessem podido suspeitar que Christiano tencionava partir sem elles.

Entregues a si mesmos, estes homens estabeleceram-se sem grande saudade dos companheiros nos differentes districtos da ilha.

O contramestre Stewart e o guarda marinha Pedro Hayward, os dois officiaes que Christiano exceptuára da condemnação proferida contra Bligh e a quem trouxera contra vontade, ficaram em Matavai em Companhia do rei Tippao, cuja irmã Stewart esposou dentro em pouco. Morrison e Millward aggregaram-se ao chefe Peno, que lhes deu bom acolhimento.

Quanto aos outros marinheiros, metteram-se muito pelo interior da ilha e não tardaram a casar com mulheres de Taití.

Churchill e um doido chamado Thompson, depois de commeterem toda a especie de crimes, desavieram-se e brigaram. Churchill morreu na lucta, e Thompson foi apedrejado pelos naturaes. Assim pereceram dois dos revoltosos que tinham tomado a parte mais importante na revolta.

Pelo contrario, os outros souberam, com o seu bom procedimento, fazer-se estimar dos habitantes de Taití.

Entretanto, Morrison e Millward viam constantemente o castigo suspenso sobre a sua cabeça e não podiam viver tranquilos n'aquella ilha, onde facilmente seriam descobertos. Resolveram por isso construir uma escuna, na qual fariam alcançar Batavia, a fim de se perde-

rem no meio do mundo civilizado. Com oito dos seus companheiros, sem outra ferramenta mais do que a do carpinteiro, conseguiram, não sem dificuldade, construir um pequeno barco, a que deram o nome de *Resolução*, e ancoraram-n'o n'uma bahia detraz de uma das pontas de Taití, chamada a ponta de Venus.

Mas a impossibilidade absoluta em que se viam de obterem vélas impediu-lhes que se fizessem ao mar.

A este tempo, fortes na sua innocencia, Stewart cultivava um jardim e Pedro Hayward reunia os elementos de um vocabulario, que mais tarde foi de grande auxilio aos missionarios inglezes.

Haviam passado dezoito mezes quando, a 23 de março de 1791, um navio dobrou a ponta de Venus e fundeou na bahia Matavai.

Era a *Pandora*, mandada em perseguição dos revoltosos pelo almirantado inglez.

Hayward e Stewart dirigiram-se immediatamente a bordo, declararam os seus nomes e qualidades, contaram que não tinham tomado parte alguma na revolta; mas não os acreditaram e foram logo postos a ferros, e do mesmo modo os seus companheiros, sem previamente se proceder ao menor inquerito.

Tratados com a mais revoltante deshumanidade, carregados de cadeias, ameaçados de serem fusilados se se servissem da lingua do Taití para conversarem uns com os outros, foram mettidos n'uma gaiola de ferro de onze pés de comprimento, collocada na extremidade do tombadilho, que um amator de mythologia decorou com a denominação de «*boceta de Pandora*.»

A 19 de maio, a *Pandora* e a *Resolução*, que fôra provida de panno, fizeram-se ao mar. Por espaço de tres mezes, estes dois barcos cruzaram no archipelago dos Amigos, onde se suppunha que Christiano e o resto dos revoltosos poderiam ter-se refugiado.

Durante o cruzeiro, a *Resolução*, como demandava pouca agua, prestou grandes serviços. Mas nas paragens da ilha Chatam desapareceu, e apesar de por ali estacionar muitos dias a *Pandora*, nunca mais se ouviu fallar d'aquelle pequeno barco, nem dos cinco marinheiros que o tripulavam.

Vinha a *Pandora* no rumo da Europa, com os seus prisioneiros, quando no estreito de Torres bateu n'um banco de coral e sossobrou quasi immediatamente com trinta e um dos seus marinheiros e quatro dos revoltosos.

Os tripulantes e os prisioneiros que escaparam do naufragio alcançaram então uma ilhota de areia.

Ali os marinheiros e officiaes puderam abrigar-se em barracas; mas os revoltosos, expostos aos ardores de um sol vertical, viram-se obrigados a enterrar-se na areia até ao pescoço para terem algum allivio.

Permaneceram n'aquella ilha durante alguns dias; depois abordaram a Timor nas lanchas da *Pandora*, e apesar da gravidade das circumstancias, nem por um momento se deixou de exercer a vigilancia de que eram objecto os revoltosos.

Chegando a Inglaterra no mez de junho de 1792, os revoltosos passaram por um conselho de guerra presidido pelo almirante Hood.

Os debates duraram seis dias e terminaram pela absolvição de quatro dos accusados e a com-

demnação á morte dos outros seis, por crime de deserção e tomadia do navio confiado á sua guarda.

Quatro dos condemnados foram enforcados a bordo de um navio de guerra; os outros dois, Stewart e Pedro Hayward, cuja innocencia lhes fôra a final reconhecida, obtiveram perdão.

Mas que fôra feito da *Bounty*?

Naufragára com os ultimos revoltosos?

Eis o que fora impossivel saber.

Em 1814, vinte e cinco annos depois da scena com que principia esta narrativa, dois navios de guerra inglezes cruzavam na Oceania sob o commando do capitão Staines.

Achavam-se ao sul do archipelago perigoso, á vista de uma ilha montanhosa e vulcanica descoberta por Carteret na sua viagem á roda do mundo, e a qual elle dera o nome de Pitcairn. Era

apenas um cónce, quasi sem praia, que se elevava a prumo sobre o mar, revestido até ao cimo de florestas de palmeiras e de arvores de pão.

Nunca fora visitada; ficava a mil e duzentas milhas de Taití, a 25° 4' de latitude sul e 18° 8' de longitude oeste; media apenas quatro milhas e meia de circumferencia, e apenas milha e meia no seu eixo principal, e só se sabia a seu respeito o que Carteret referira.

O capitão Staines resolveu operar n'ella um reconhecimento e procurar um ponto conveniente para desembarque.

Ao approximar-se da costa, avistou surprehendido cabanas e plantações, e na praia dois naturaes, que lançaram uma embarcação ao mar e atravessaram habilmente a ressaca, dirigindo-se para o navio.

Mas foi extraordinária a sua admiração, quando ouviu em muito bom inglez dirigem-lhe estas palavras:

– Olá, atirem-nos uma corda, para facilmente podermos subir a bordo.

Apenas chegaram á tolda viram-se rodeados os dois robustos remadores pelos marinheiros estupefactos, que os instavam com perguntas a que não sabiam responder.

Conduzidos á presença do commandante, foram interrogados por fórma regular.

– Quem são?

– Chamo-me Fletcher Christiano, e o meu companheiro chama-se Young.

Estes nomes nada diziam ao capitão Staines, que estava muito longe de pensar nos sobreviventes da *Bounty*.

– Ha quanto tempo estão aqui?

- Nascemos n'esta ilha.
- Que idade teem?
- Tenho vinte e cinco annos, respondeu Christiano, e Young dezoito.

Christiano fez então ao capitão Staines a commovente confissão, cujos pontos principaes são os seguintes:

Largando de Taití, onde abandonára vinte e um dos seus camaradas, Christiano, que tinha a bordo da *Bounty* a narrativa da viagem do capitão Carteret, dirigira-se directamente para a ilha Pitcairn, cuja posição lhe parecêra conveniente para o fim que tinha em vista.

Compunham ainda a tripulação da *Bounty* vinte e um homens. Eram Christiano, o aspirante Young e sete marinheiros, seis habitantes de Taití, tomados na sua ilha, tres dos quaes com as mulheres, indigenas de Rubuai.

O primeiro cuidado de Christiano e dos companheiros, assim que chegaram á ilha Pitcairn, fôra destruir a *Bounty* a fim de não serem descobertos. Por esta maneira ficavam impossibilitados de sairem da ilha, mas a sua segurança exigia o sacrificio do barco.

Não podia realizar-se sem difficuldades o estabelecimento da colonia, por ser composta de individuos só unidos pela solidariedade do crime.

Entre taitianos e inglezes depressa se travaram sanguinolentas contendadas. Por isso, em 1794, só viviam quatro dos amotinados.

Christiano morrêra do ferro de um dos indigenas que trouxera.

A final todos os habitantes do Taití tinham sido assassinados.

Um dos ingleses, que descobrira maneira de fabricar bebidas espirituosas com a raiz de uma planta indigena, acabára por embrutecer na embriaguez, e n'um acesso de *delirium tremens*, precipitou-se ao mar do alto de uma penedia.

Outro, tomado de um acesso de loucura furiosa, lançara-se sobre Young e sobre um dos marinheiros, chamado João Adams, que se tinham visto obrigados a mata-lo.

Em 1800, Young morrêra de um violento ataque de asthma.

João Adams era o unico sobrevivente dos revoltosos.

Só, com muitas mulheres e vinte creanças, filhos da ligação dos seus camaradas com as mulheres do Taití, o character de João Adams modificára-se profundamente.

Tinha então trinta e seis annos apenas; mas assistira durante tantos annos a tanta scena de violencia e carnificina, vira a natureza humana sob tão tristes aspectos, que depois de reconsiderar emendou-se completamente.

Na bibliotheca da *Bounty*, conservada na ilha, achavam-se uma biblia e muitos livros de orações.

João Adams, que os lia frequentemente, converteu-se, educou em excellentes principios a joven população, que o considerava como um pae, e veiu a ser pela força das cousas, o legislador, o summo sacerdote, e por assim dizer, o rei de Pitcairn.

Comtudo, até 1814, os seus receios tinham sido continuos. Em 1795, approximando-se um navio de Pitcairn, os quatro sobreviventes da *Bounty* esconderam-se em bosques inaccessiveis e só se atreverem a apparecer na bahia depois da retirada do navio.

Em 1808 tiveram a mesma prudencia, quando um capitão americano foi desembarcar na ilha onde se apoderou de um chronometro e de uma bussola, que fez chegar á posse do almirantado inglez. Mas o almirantado não se commoveu á vista d'aquellas reliquias.

É verdade que tinha por aquella epocha preocupações muito mais graves na Europa.

Tal foi a narrativa feita ao capitão Staines pelos dois naturaes, inglezes por parte do pae; porque um era filho de Christiano e outro filho de Young. Mas quando Staines pediu para ver João Adams, este não quiz vir a bordo sem primeiro saber o que lhe fariam.

Depois de assegurar aos dois mancebos que João Adams estava salvaguardado pela prescrição, pois que haviam decorrido vinte annos após a revolta da *Bounty*, o commandante

desembarcou, e foi recebido em terra por uma população composta de quarenta e seis adultos e de grande numero de creanças.

Eram todos altos e vigorosos, com o typo inglez muito accentuado. As raparigas, principalmente, tinham admiravel belleza, e a sua modestia dava-lhes um aspecto devéras seductor.

As leis que vigoravam na ilha eram das mais simples.

Notava-se n'um registo o que cada um ganhava com o seu trabalho.

Não se conhecia o dinheiro. Todas as transacções se operavam pela troca directa; mas não havia industria, porque faltavam as materias primas.

Os habitantes trajavam unicamente grandes chapéus e tangas de hervas.

A pesca e a agricultura, taes eram as suas principaes occupaões.

Os casamentos só se faziam com licença de João Adams, e depois que o pretendente arroteára e cultivára uma porção de terreno sufficiente para o sustento da sua futura familia.

Depois de colher os mais curiosos documentos ácerca d'aquella ilha perdida nas paragens menos frequentadas do Pacifico, o capitão Staines fez-se novamente ao mar e regressou á Europa.

O veneravel João Adams terminou a seu carreira tão accidentada. Morreu em 1829, e foi substituido pelo reverendo Jorge Nobbs, que ainda desempenhou na ilha as funcões de medico, de padre e mestre escola.

Em 1853, os descendentes dos revoltosos da *Bounty* eram em numero de cento e setenta indivi-

duos. De então para cá, a população não tem feito senão crescer, e tornou-se tão numerosa que tres annos depois grande parte d'ella teve de se estabelecer na ilha Norfolk, que até ali servira de presidio para os degredados.

Mas uma porção dos emigrados tinham saudades de Pitcairn, apesar de Norfolk ser quatro vezes maior, ter um solo riquissimo e offerecer condições mais favoraveis á existencia.

No fim de dois annos, muitas familias regressaram a Pitcairn, onde continuam a prosperar.

Tal foi o desenlace de uma aventura que principiára de uma maneira tão tragica.

No começo, rebeldes, assassinos, loucos, e agora, sob a influencia dos principios da moral christã e da instrucção ministrada por um pobre marinheiro convertido, a ilha Pitcairn tornou-se a

patria de uma população meiga, feliz, hospitaleira entre a qual se encontram os costumes patriarchaes das primeiras idades.

FIM DOS «REVOLTOSOS DA BOUNTY»

ISBN: 978-1-365-56094-1